



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

JAMMERSON YURI DA SILVA



**Além do olhar:
Dorina Nowill e a
educação para cegos no Brasil**

**NATAL/ RN
2022**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

JAMMERSON YURI DA SILVA

**ALÉM DO OLHAR: DORINA NOWILL E A EDUCAÇÃO PARA
CEGOS NO BRASIL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) como requisito para obtenção do título de mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, Fundamentos Sociohistóricos e Filosóficos

Orientador: Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior

NATAL/ RN
2022

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Moacyr de Góes - CE

Silva, Jammerson Yuri da.

Além do olhar : Dorina Nowill e a educação para cegos no Brasil / Jammerson Yuri da Silva. - 2022.
137 f.: il. color.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação. Natal, RN, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior.

1. História da educação - Dissertação. 2. Intelectual - Dissertação. 3. Sensibilidades - Dissertação. 4. Dorina Nowill - Dissertação. I. Soares Júnior, Azemar dos Santos. II. Título.

RN/UF/Biblioteca Setorial Moacyr de Góes - CE CDU 37(091)

JAMMERSON YURI DA SILVA

**ALÉM DO OLHAR: DORINA NOWILL E A EDUCAÇÃO PARA
CEGOS NO BRASIL**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGEd/UFRN
Orientador

Prof.^a Dr.^a Joedna Reis de Meneses
Universidade Estadual da Paraíba – DH/UEPB
Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG
Examinadora Externa

Prof.^a Dr.^a Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto
Universidade Do Rio Grande do Norte – DPEC/UFRN
Examinadora Interna

Prof. Dr. Vânia Cristina da Silva
Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul –UEMS
Suplente Externa

Prof. Dr. Paulo Roberto Souto Maior Jr.
Universidade Do Rio Grande do Norte – DPEC/UFRN
Suplente Interno

Dedicatória

À mulher, negra, feirante, pessoa com deficiência e analfabeta;
que escolheu amar a outro cujo corpo não gerou: minha mãe,
Maria de Fátima da Silva.
(In Memoriam)

Agradecimentos

A Deus, por alumiar o caos da existência nos dias em que faltam o abrigo e a morada.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte e ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEd/ UFRN) pela oportunidade de construir e fortalecer saberes, nas pessoas de seus funcionários, gestores e professores.

Ao meu estimado orientador, o Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior, por tamanho profissionalismo, confiança e afeto creditados a mim. Sua sensibilidade está registrada nos anais da minha existência.

A Fundação Dorina Nowill para Cegos, na pessoa de Sílvia Sertório e Marina Franciulli, pelo acesso as fontes para escrita dessa dissertação e acolhida na referida instituição.

Gratidão a todas as professoras e professores que antecederam a esse momento de formação, por acreditarem em um aluno improvável, fruto da Escola Pública.

Agradeço à minha banca examinadora: a Prof.^a Dr.^a Joedna Reis de Meneses e Prof.^a Dr.^a Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto, pela disponibilidade, leitura e contribuições.

Com afeto e saudosas memórias agradeço aos meus pais: a minha mãe Maria de Fátima (*in memorian*) por ser a minha primeira educadora da vida, mesmo sem possuir a instrumentalização das palavras; ao meu pai Enoque Silva por acreditar e se orgulhar ao seu modo. A carinhosa tia Cida e família por serem amor revelado. Ao meu companheiro Arthur Oliveira pela partilha da vida e poesia diária.

Aos estimados colegas, companheiros de pesquisa e de mestrado que esse *lócus* do saber me agradeceu: Laelson Vicente (amigo querido), Rita Thainá (motivo de sorrisos), Vitória Diniz, Ana Roberta, Thiago Nascimento, Louise Carla, Iury Gabriel, Adolfo Veiller, Gilmar Lopes, Christlaine Thuany (calmaria em meio caos), Shairany Arias e Luiz Felipe.

Gratidão aos amigos que tornaram esse caminhar mais leve: Anna Gabriella, Isabela Cristina, Laís Paula, Nara Lidiana, Família Pegado, Família Oliveira, Kize Arachelli e família, Sèverine Etchenique (ma mère française), Elvira Santiago, Lucia Freitas, Thaise Dantas e família.

A todos, o meu muito obrigado!

Resumo

Esta pesquisa insere-se no campo da História da Educação, articulando os domínios da História dos Intelectuais e das Sensibilidades, a fim de analisar a trajetória de Dorina de Gouvêa Nowill. Temos como objetivo identificar os aspectos que a credenciaram como uma intelectual pela inclusão, através do estudo e análise de suas vivências, ações e escrita. Compreendemos Nowill como uma intelectual criadora e mediadora cultural, de acordo com as concepções de Jean-François Sirinelli (1998; 2003). Para tanto, tomamos como base seus itinerários, aspectos geracionais e redes de sociabilidade. Em uma perspectiva sensível de compreensão da história, dialogamos com Sandra Pesavento (2019) e com o conceito de “Anormal” de Foucault (2001), entendendo Dorina Nowill a partir das categorias monstro, masturbadora e incorrigível. Discutimos também aspectos ligados a Fundação Dorina Nowill para Cegos (FDNC), instituição criada pela intelectual, a partir do exposto por Justino Magalhães (2004); e por fim, abordamos o tripé exposto por Michel de Certeau (1992) em “A escrita da História”, composto pelo lugar de fala, prática e escrita. O corpo documental desta pesquisa é composto por fotografias, cartas, bilhetes, atas, relatórios, estatutos e os livros escritos pela própria Nowill. Tais fontes são operacionalizadas a partir do método historiográfico da heurística e da hermenêutica e da análise do discurso, sob a ótica de Foucault (1996). O trabalho aqui desenvolvido nos levou a conhecer uma intelectual multifacetada que legitimou-se ao longo dos anos através de sua atuação, tornando-se símbolo de inclusão no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: História da Educação; Intelectual; Sensibilidades; Dorina Nowill.

Abstract

This research is inserted in the field of History of Education, articulating the domains of History of Intellectuals and Sensibilities, in order to analyze the trajectory of Dorina de Gouvêa Nowill. We aim to identify the aspects that accredited her as an intellectual for inclusion, through the study and analysis of her experiences, actions and writing. We understand Nowill as a creator and cultural mediator intellectual, according to the conceptions of Jean-François Sirinelli (1998; 2003). For that, we take as a basis their itineraries, generational aspects and sociability networks. In a sensitive perspective of understanding history, we dialogue with Sandra Pesavento (2019) and with the concept of “Abnormal” by Foucault (2001), understanding Dorina Nowill from the categories monster, masturbator and incorrigible. We also discuss aspects related to the Dorina Nowill Foundation for the Blind (FDNC), an institution created by the intellectual, based on what was exposed by Justino Magalhães (2004); and finally, we approach the tripod exposed by Michel de Certeau (1992) in “The Writing of History”, composed by the place of speech, practice and writing. The documental body of this research consists of photographs, letters, notes, minutes, reports, statutes and books written by Nowill. The sources are operationalized from the historiographical method of heuristics and hermeneutics and discourse analysis, from the perspective of Foucault (1996). The work developed here led us to meet a multifaceted intellectual who was legitimized over the years through her performance, becoming a symbol of inclusion in Brazil and in the world.

Keywords: History of Education; intellectual; Sensibilities; Dorina Nowill.

Lista de imagens

Imagem 1: Cartão de agradecimento.....	22
Imagem 2: Boletim de Dorina (5º Ano).....	24
Imagem 3: Santa Emerenciana (santinho pertencente a Dorina).....	29
Imagem 4: Estudantes do curso de Especialização da Escola Normal Caetano de Campos (1946).....	38
Imagem 5: Pauta para ensino do braille para educadores criada por Regina Pirajá na década de 1940.....	39
Imagem 6: Diploma de formação na Escola Normal Caetano de Campos.....	41
Imagem 7: Dorina Nowill e sua família.....	42
Imagem 8: Visita de Helen Keller a FLCB em 1953.....	44
Imagem 9: Neith Moura, Dorina Nowill e Regina Pirajá utilizando objetos de uso cotidiano adaptados.....	45
Imagem 10: Selo comemorativo Brasil 1974.....	51
Imagem 11: Dorina discursa na Organização das Nações Unidas.....	52
Imagem 12: Dorina e a Revista Relêvo.....	57
Imagem 13: Registro do primeiro estatuto da instituição.....	62
Imagem 14: Inauguração do Prédio na rua Diogo de Faria.....	65
Imagem 15: Estatuto de 1957.....	67
Imagem 16: Prédio da FDNC na Diogo de Faria.....	70
Imagem 17: Capa do livro Dudu da Breka, de Cláudia Cotes (2010).....	71
Imagem 18: Produção de livros em braille.....	74
Imagem 19: Impacto nacional da FDNC.....	86
Imagem 20: Capa da Obra “Para quem quer ver além: Lições de Dorina de Gouvêa Nowill”.....	96
Imagem 21: Capa do Livro “... E eu venci assim mesmo”.....	104

Sumário

DEDICATÓRIA.....	i
AGRADECIMENTOS.....	ii
RESUMO.....	iii
ABSTRACT.....	iv
LISTA DE QUADROS.....	v
SUMÁRIO.....	vi
INTRODUÇÃO: OS CAMINHOS QUE NOS LEVAM A DORINA.....	1
Para entender uma Dorina multifacetada.....	6
As escolhas metodológicas, as fontes e a organização do texto.....	12
CAPÍTULO I - BELA, RECATADA E DEFICIENTE: TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE DORINA NOWILL.....	16
1.1 O mundo sensível e visível de Dorina.....	18
1.2 Dorina em seu processo formativo.....	28
1.3 A intelectual Dorina Nowill.....	43
CAPÍTULO II - A FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS: UMA INSTITUIÇÃO ATUANTE NO CORPO SOCIAL.....	59
2.1 Fundação Dorina Nowill para Cegos: o percurso histórico de uma instituição em prol da inclusão.....	61
2.2 A FDNC e sua atuação nos últimos anos (2010 – 2020).....	77
CAPÍTULO III - A ESCRITA DE DORINA NOWILL: UMA INTELLECTUAL PELA INCLUSÃO.....	89
3.1 “Para quem quer ver além”: as lições de Dorina Nowill.....	95
3.2 E eu venci assim mesmo.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	125

INTRODUÇÃO:
Os caminhos que nos levam a
Dorina Nowill

[...] contar é muito dificultoso, não pelos anos que já passaram, mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança de vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho, que nem se misturam [...] têm horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recentes datas.

Guimarães Rosa, 1982.

Descrever uma trajetória que motive a pesquisa em minha vida vai além dos dias atuais. É lembrar da memória e do cotidiano vivido, bem como das ações experimentadas ao longo do tempo. Nasci na cidade do Natal, capital do Rio Grande do Norte e venho de uma família humilde, em que meu pai cursou até o quarto ano do ensino fundamental e minha mãe era analfabeta. Ambos tiveram poucas oportunidades de estudo, devido ao trabalho e outras motivações. Apesar do pouco conhecimento que possuíam, tiveram o cuidado de matricular seu único filho na escola. Esta, como um lócus de saber, transcendia para mim a ideia de um espaço de aprendizagem. Era meu mundo. Na escola me sentia em casa, mesmo diante dos diversos contextos encontrados neste ambiente. Naquele lugar de saber, encontrava a motivação para superar a realidade que meus pais me apresentavam e em que vivíamos.

Antes, portanto, de pensar a educação como um caminho formativo, esta se apresentou para mim como um meio de sobrevivência e efetivamente de mudança, pois ainda criança me foi ensinado que existiam apenas dois caminhos para transformar realidades: trabalhar ou estudar. A sala de aula era para mim um refúgio, lugar em que se constituíam relações de sociabilidades e ensino-aprendizagem.

A primeira delas, situada no bairro Jardim Lola, ficava em uma garagem de madeira muito arejada, onde cantávamos músicas infantis e brincávamos em um recanto repleto de pedras semelhantes à paralelepípedos. O processo de alfabetização foi realizado a partir do método sintético, por meio da apresentação das letras e sílabas para formação de frases e palavras. Neste sentido, nota-se uma operacionalização mecanizada do conhecimento, construído de maneira acrítica e descontextualizada.

As dificuldades se seguiram no Ensino Fundamental, quando questões familiares levaram a um processo dinâmico de constantes mudanças de bairro e, conseqüentemente, de escolas. Em linhas gerais, os problemas de adaptação se davam principalmente no tocante às relações interpessoais, visto que em termos pedagógicos, todas as instituições pelas quais passei neste período seguiam o método tradicional, em que imperavam a ordem e o silêncio. No Ensino Médio, cursado no *Colégio Estadual do Atheneu Norte-rio-grandense*, sob a orientação de

professores qualificados, ganhei uma maior independência já ingressando no mundo do trabalho, o que me fez alcançar outras oportunidades.

Um aspecto relevante neste percurso formativo e que se relaciona com a pesquisa aqui apresentada, é a flagrante ausência de pessoas com deficiência em todas as salas de aula pelas quais passei. Seriam estes sujeitos inexistentes ou apenas eram negligenciados, ficando à margem do direito a educação? Essa inquietação me perseguia.

Com um percurso formativo todo trilhado no ensino público, meu olhar para a prática educacional brilhava ainda mais, o que me levou a prestar vestibular, no ano de 2012, para Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sendo aprovado. A universidade para mim era um novo universo se abrindo, repleto de desafios, em especial acompanhar uma rotina de estudos em temas diversos, diante da necessidade de trabalhar. Neste contexto, tive a oportunidade de estagiar em algumas escolas privadas, exercendo a função de fiscal de sala, ou mesmo de professor auxiliar.

Dentre todas essas experiências de atuação profissional, a que considero de maior relevância, foi a atuação como professor de reforço escolar do *Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do Rio Grande do Norte*. Isto se deve tanto ao nível de sensibilidade ao qual eu era exposto, quanto pela realidade desafiadora do alunado. Desde então, me ocorreu o interesse pela Educação Inclusiva, algo que para mim era novo e também não tão discutido a época nos bancos da Universidade.

Durante o curso de Pedagogia, pude realizar reflexões sobre a sociedade e o papel fundamental do educador como instrumento de transformação. Destaco aqui a experiência da disciplina Educação Especial em uma Perspectiva Inclusiva, ministrada pela professora Lúcia Martins, que durante o semestre buscou apresentar as várias formas de atuação de um pedagogo a partir de uma ótica inclusiva, que almeja alcançar a pessoa com deficiência e seu processo formador. Assim, sempre que possível, participei de ações que envolvessem uma melhoria ou reflexão sobre a prática do pedagogo em seus múltiplos espaços profissionais. Entretanto, meu olhar sempre esteve mais voltado a entender e atuar na Educação Inclusiva.

Ao final do curso, no ano de 2017, fui aprovado no concurso público do Estado do Rio Grande do Norte, para o cargo de Professor de Educação Especial. Passei a atuar especificamente nesta área desde então, atendendo alunos com deficiência na *Escola Estadual Presidente Café Filho*, localizada no bairro de Nova Descoberta, na cidade do Natal.

Dentre os trabalhos e os cursos em que participei¹, pude conhecer as primeiras informações sobre Dorina de Gouvêa Nowill e sua atuação em prol da educação para os cegos no Brasil. Diante das minhas vivências, passei a identificar a carência e a necessidade de trabalhos que busquem compreender os processos sócio-históricos de construção das ações legais que possibilitam a atuação de determinados sujeitos, a fim de ressaltar que a ação não é naturalizada ou descontextualizada. Antes, guarda conexões com a política, com as demandas sociais e com a atuação dos intelectuais envolvidos com a temática ao longo do tempo.

Neste sentido, a pesquisa desenvolveu-se na linha de Estudos Sociohistóricos e Filosóficos da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e o contato com as leituras e discussões propostas foram de primeira importância para o seu desenvolvimento. Foi possível na linha encontrar um espaço para realizar investigações sobre uma intelectual da inclusão, na busca por melhor conhecer não apenas a mulher, mas os contextos históricos que a cercavam ao longo de sua existência; bem como sua contribuição histórica e social para educação.

Esta pesquisa insere-se no campo da História da Educação, articulando os domínios da História Intelectual e Cultural, com a História das Sensibilidades. Compreendemos a História Intelectual não apenas como um meio de entender sujeitos individualmente, mas buscamos uma relação com a cultura tentando perceber como este ator social produz e ao mesmo tempo é produzido por saberes e práticas, discursos e representações. Trata-se, portanto, das intersecções entre vida pública e privada, objetividades e subjetividades, entrelaçando-se para forjar o real.

Para delimitar os alcances desta pesquisa e chegar ao seu objetivo tomamos como ponto de partida alguns apontamentos, tais como: As relações que a história de vida de Dorina Nowill guarda com o seu trabalho e sua militância política e intelectual em prol da criação e consolidação de políticas públicas na área da educação inclusiva. Outro aspecto importante foi o estudo da biografia de Dorina Nowill, sua atuação e escrita sobre educação inclusiva e sobre si mesma. Ganha centralidade nesse trabalho, uma análise reflexiva e sensível sobre a relação entre a vida e as experiências pessoais da intelectual com o seu interesse pela temática da educação inclusiva e sua atuação para promovê-la.

Assim, o **objetivo** desta dissertação é analisar as relações entre o percurso pessoal, formativo e profissional da intelectual Dorina Nowill e a construção sócio-histórica das políticas públicas direcionadas aos cegos no Brasil. Para tanto, buscamos atingir três objetivos

¹ Destaco aqui uma formação realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, intitulada “Tenho alunos com deficiência visual. E agora, o que fazer?”, ministrada pela professora Luzia Guacira.

específicos: 1) identificar o percurso pessoal, formativo e profissional de Dorina Nowill; 2) discutir a importância e as contribuições da Fundação Dorina Nowill para Cegos no âmbito da educação inclusiva brasileira em relação à criação de projetos, leis e políticas públicas para promoção da educação para cegos no Brasil; 3) problematizar a escrita da Dorina Nowill sobre si mesma e sobre a educação para os cegos no Brasil, através de sua autobiografia “E eu venci assim mesmo” (1996) e do livro “Para quem quer ver além: lições de Dorina de Gouvêa Nowill” (2002).

Temos como hipótese que a trajetória da intelectual Dorina de Gouvêa Nowill em suas várias facetas e múltiplas subjetividades, foi de primeira importância para a consolidação de políticas públicas e um olhar sensível sobre a educação inclusiva para cegos. A partir dessa compreensão, temos que o intelectual não se faz sozinho, nem se constitui de maneira a-histórica e naturalizada, assim como também não o são as leis, reformas e projetos educacionais.

O recorte temporal estabelecido para realização desta pesquisa encontra-se circunscrito ao tempo de vida da intelectual. Assim, analisamos o período de sua existência que vai de seu nascimento em 1919 até o ano de seu falecimento, 2010. Nota-se que tratamos de um recorte bastante vastos em termos temporais. Neste período tivemos a passagem do século XX para o XXI, e, conseqüentemente, muitas mudanças na política e nas sensibilidades com relação às pessoas com deficiência. Notadamente, a educação pública, laica e de qualidade passa a ser vista como um direito de todos e para todos, assim como uma obrigação do estado.

Nota-se no mundo uma preocupação cada vez maior com a questão educacional e a inserção de pessoas com necessidades especiais e em situação de vulnerabilidade nos processos de ensino-aprendizagem. Podemos destacar a *Declaração de Salamanca* (1994), que debateu princípios políticos e práticas em educação especial; e a *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência* (2006), que debateu o avanço e a implementação de leis para este público.

Como reflexo destas discussões, observamos no Brasil um avanço no campo da inclusão, com a criação da Política de Educação na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008). Anos depois, em 2015, ocorreu a aprovação da *Lei Brasileira de Inclusão*, que foi destinada a assegurar e promover condições de igualdade no exercício do direito e liberdades fundamentais, por parte das pessoas com deficiência, visando inclusão social e cidadania para todos.

Nota-se pelo recorte estabelecido e pelas pesquisas realizadas, que Dorina Nowill já atuava no campo da educação inclusiva, influenciando esses debates e sendo também influenciada por eles. Estamos analisando, portanto, a sua atuação e sua trajetória pessoal,

intelectual e política, em termos de uma vida pública e uma ação em prol da acessibilidade e da educação inclusiva.

Para entender uma Dorina Nowill multifacetada

Dorina de Gouvêa Nowill nasceu em 28 de maio de 1919, na cidade de São Paulo. Filha de Manuel Monteiro de Gouvêa e Dolores Panelli, Dorina teve dois irmãos: Amélia, mais velha e Manuel, o caçula. Em 1927, ingressou no *Externato Elvira Brandão*, onde cursou do primário ao ginásio, formando-se em 1935, em São Paulo.

Ao perceber alguns incômodos em sua visão, a jovem Dorina juntamente com sua família procura ajuda médica. Ao ser examinada, é avaliada com uma leve irritação ocular. Tal situação se estendeu e se agravou ao longo dos dias, provocando uma grave hemorragia que lhe fez perder, inicialmente, parte da visão. O problema se aprofundou e a levou a cegueira, aos 17 anos de idade. Este fato trouxe a jovem Dorina novos sentidos e perspectivas para sua existência, elementos de sua história que detalharemos ao longo do primeiro capítulo desta dissertação.

A intelectual foi a primeira mulher com deficiência visual a formar-se professora pela *Escola Normal Caetano de Campos*, em 1945. Ao longo do curso, desenvolveu com o apoio de colegas um método para promoção da educação de crianças cegas. O projeto teve aprovação do Departamento de Educação do Estado, abrindo caminho para a instalação do *I Curso de Especialização de Educação de Cegos na América Latina*. Em 1946, criou a *Fundação para o Livro do Cego no Brasil* (FLCB). O objetivo primordial da Fundação era a produção de livros em braille, a fim de democratizar o acesso a materiais didáticos. Para além dessa perspectiva, havia também a preocupação com o desenvolvimento de atividades relacionadas à educação e inclusão das pessoas com deficiência visual na sociedade.

Dorina Nowill cursou especialização em ensino para cegos no *Teacher's College* da Universidade de Columbia, em Nova York, Estados Unidos. Ainda na América, expôs a carência brasileira com relação ao ensino destinado aos cegos, sobretudo, a falta de livros em braille. Sua fala sensibilizou instituições como a *Kellog's Foundation* e a *American Foundation for Overseas Blind*, que doaram uma imprensa braille completa à então Fundação para o Livro do Cego no Brasil, em 1948². Em 1951, assumiu a Presidência da FLCB, onde atuou por mais de 60 anos.

² Informações sobre a vida de Dorina disponíveis no sítio eletrônico da Fundação Dorina Nowill para Cegos: <<<https://www.fundacaodorina.org.br>>>. Acesso em: 10 Ago. 2020.

Em 1953, requereu a assinatura do *Decreto de Lei 2.287*, que garantia o direito à educação inclusiva no Estado de São Paulo. Em sua trajetória ocupou diversas funções, tais como Diretora Nacional de Educação de Cegos no Ministério da Educação, Cultura e Desportos (1961) na gestão do então presidente da República, o Sr. Jânio Quadros como também a presidência do Conselho Mundial para o Bem Estar dos Cegos (1979), além de acumular algumas premiações³.

Lançou no ano de 1996, a sua autobiografia intitulada “E eu venci assim mesmo”. No ano 2000, tornou-se presidente emérita e vitalícia da *Fundação Dorina Nowill para Cegos*. Dorina faleceu em São Paulo, aos 91 anos de idade, vítima de uma parada cardíaca, no dia 29 de agosto de 2010. Tais considerações acerca da vida dela nos apontam a relevância de sua atuação e a relação direta entre suas experiências pessoais e seu trabalho em prol da educação inclusiva para cegos no Brasil.

Para melhor conhecer esta intelectual e sua atuação, foi realizado um levantamento historiográfico acerca da temática. Nota-se que as pesquisas desenvolvidas sobre Dorina Nowill no âmbito da pós-graduação têm priorizado o trabalho realizado pela *Fundação Dorina Nowill para Cegos*, como a dissertação de mestrado da Andrea Quirino, intitulada “Comunicação inovadora para o colaborador interno: estudo de caso na Fundação Dorina Nowill para cegos” (2012), que aborda o papel da comunicação interna voltada para o deficiente visual na *Fundação Dorina Nowill para Cegos*. A autora apresenta também como e quais foram as ferramentas utilizadas neste tipo de comunicação, que necessita de recursos especiais. Andrea Quirino se utilizou da metodologia de estudo de caso, complementada com aplicação de questionários e entrevistas.

Destaca-se também a dissertação de Marcelo Meaulo, intitulada “Fundação Dorina Nowill para cegos: um estudo sobre a educação não formal e tecnologias sociais presentes na inclusão de portadores de deficiência visual” (2014). O autor problematizou as tecnologias sociais e a educação não formal, baseado em pesquisas bibliográficas e estudo de caso junto a Fundação.

Há também a dissertação de mestrado de Adenize Farias sob o título de “Gênero e deficiência: uma história feminina de ruptura e superação de vulnerabilidades” (2011), de

³ Alguns prêmios recebidos por Dorina Nowill: Prêmio Mestra do Ano pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (1961); Troféu Bartira (1963); Prêmio Lane Bryant (1964); Mulher do Ano pelo Clube Paulistano de Senhoras (1966); Medalha Olavo Bilac (1969); *Women of Distinction Award* (1970); Ordem do Mérito Educativo pelo Ministério da Educação e Cultura (1987); Prêmio de Educação Visconde de Porto Seguro (2001); Colar de Mérito Prefeito Brigadeiro Faria Lima (2009) e Comenda Dorina Nowill, homenagem póstuma do Senado Federal (2015).

caráter biográfico sobre a intelectual a partir da metodologia da história oral de vida. Podemos observar, portanto, a fala da própria Dorina Nowill sobre a sua história, ressaltando as particularidades de sua trajetória e o que considerou ser mais importante de acordo com o objetivo da pesquisadora: relacionar os desafios pessoais da intelectual com as discussões de gênero e vulnerabilidade.

Diferentemente do que já foi abordado nos trabalhos anteriormente mencionados, essa dissertação versa sobre um aprofundamento da vida e a atuação sociopolítica da intelectual Dorina Nowill, destacando o seu papel na promoção da inclusão de sujeitos com cegueira e baixa visão nos processos formativos. Contribui para a produção do conhecimento sobre a História da Educação Inclusiva, além de fornecer subsídios para se pensar a formação do pedagogo face a uma prática coerente e reflexiva. Estudar Dorina Nowill não é apenas conhecer uma intelectual em suas relações, mas desenvolver uma sensibilidade que vai além do olhar com relação às demandas de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), entrelaçados com as múltiplas Dorinas.

A educação inclusiva e seus agentes tem conquistado cada vez mais espaço nas discussões pedagógicas e debates metodológicos dentro e fora dos ambientes escolares. Muitos intelectuais contribuíram para a implementação e consolidação de políticas públicas e educacionais que atendam às subjetividades dos alunos com NEE. Nesse contexto, destaca-se a figura de Dorina Nowill, intelectual brasileira atuante na luta pela educação para cegos.

Para adentrarmos ao campo do conhecimento de quem sejam essas Dorinas, é preciso abordar um dos conceitos necessários à nossa compreensão. Michel Foucault na obra “Os Anormais” (2001) apresenta três figuras em um tipo de arqueologia da anomalia, fundamentado no “anormal” ao longo dos últimos séculos que são representados na figura do monstro, do incorrigível e do masturbador. Para tanto, buscamos embasados nesse autor perceber como as três categorias nos ajudam a pensar a existência de uma mulher multifacetada: o *monstro*, o *incorrigível* e o *masturbador*.

O *monstro* é visto como aquele que violou as leis da sociedade e as leis da natureza, em uma relação “jurídico-biológica”; a exceção, o limite entre o proibido e o impossível. Dorina Nowill se apresenta como essa mulher que ainda jovem ao perder sua visão, rompe com o determinismo limitador de sua condição, ressignificando as próximas etapas de sua caminhada existencial.

No percurso da história, as pessoas com deficiência foram vistas de diversas maneiras tais como *monstro*; aquele condenado a morte e ao abandono familiar e social. Sua forma física não atendia ao que era posto como “normal ou aceito”, sendo considerada disforme, defeituosa,

enferma. Muitas vezes, a deficiência era vista como um castigo dos deuses, a ponto de na Roma Antiga, por volta de 753 a. C., o patriarca de uma família ter legitimidade do Estado através da Leis das Doze Tábuas para matar seu filho ou filha. Com o Cristianismo da Idade Média, estes sujeitos passam a ser dignos de compaixão, pena, sendo alocados em asilos longe das relações interpessoais. A isto aliava-se o estigma de estarem possuídos com espíritos malignos.

O *monstro* como transgressor representava a desordem da lei natural. É digno de morte e exílio. Dorina como mulher cega pode ser percebida como um tipo de monstro em um contexto mais contemporâneo. Nota-se que durante muito tempo, o sujeito portador de uma necessidade especial, fosse ela física ou mental, foi negligenciado, silenciado e marginalizado no meio social. A trajetória de Dorina é também o percurso histórico desse monstro estigmatizado e que traz a luz tudo aquilo que durante muito tempo se buscou esconder e manter às sombras.

O *incorrigível*, ou seja, um tipo de indivíduo recorrente e não uma exceção, se configura como aquele ao qual se faz necessária uma aparelhagem tecnológica de correção seja pela família, escola, igreja ou grupos sociais. Aquele ao qual as tecnologias disciplinares se fazem fundamentais para sua correção. São necessárias diversas intervenções para educação e correção do que foi ao longo do tempo considerado “incorrigível”. Neste sentido, Dorina Nowill se configura como uma mulher insatisfeita com as conjunturas que a envolviam e, como uma pessoa com deficiência, se colocava a romper com estes estigmas a ela atribuídos. Dorina se apresentava neste aspecto como uma mulher incorrigível no sentido de lutar constantemente contra as formas de poder que considerava as pessoas cegas como desprovidas de certas capacidades. Como aquela que ia de encontro a “correção” e propunha a “incorreção” como forma de resistência, de luta por seus direitos.

A terceira categoria apresentada para definir o “anormal”, é o *masturbador*. Essa seria uma característica universal, frequente, comum a todas as pessoas. Uma ação privada que era fortemente combatida seja pela disciplina da moral e dos bons costumes, seja pelo próprio discurso médico da época. Entendemos aqui, que a masturbação funciona como uma metáfora do conhecimento do seu corpo, de si. Trata-se aqui de pensar Dorina Nowill e suas lutas como responsáveis por, a partir do conhecimento de si, de seu corpo, de sua história, tentar tornar o acesso a educação e a informação uma prática universal. A intelectual em tela se mostra como uma mulher capaz de construir sua história pessoal familiar aliada a suas conquistas profissionais em um processo de descoberta de si perante o discurso universal.

Os três personagens usados por Michel Foucault se esbarram e trazem a construção do que seria o “anormal”. Conceito esse que se enquadra em uma das definições da intelectual

estudada e que continuamente é utilizado de algum modo em outras práticas, sejam médicas, jurídicas ou outras instituições.

No caminho das descobertas que envolvem as diversas Dorinas, nos debruçamos sobre o conceito de sensibilidades discutido a partir da História Cultural, buscando nos registros do passado as formas de ser e os sentidos atribuídos por homens e mulheres acerca do vivido. Assim, buscamos a definição sobre sensibilidades a partir das ponderações de Sandra Pesavento (2019, p. 177):

[...] as sensibilidades não brotam do racional, mas das formas de apreensão do mundo, daquilo que se sente. Uma forma de ser e estar num dado lugar. A tradução do que se vê em sensações e emoções. Uma reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade. Uma alquimia que envolve corpo e espírito. A sensibilidade exige percepção enquanto atividade reflexiva.

Neste sentido, construir as representações que compõem o imaginário social, a criatividade e o sentir vai além de uma lógica racional do real. Trata-se de um mergulho no mundo cognitivo das emoções, das subjetividades e das sensações. É como o trabalho artesanal de uma bordadeira tecendo em seu cotidiano finíssimos fios, que se tramam nas linhas da construção de sua tradição, força e história; conectando seu passado no presente, em um ofício minucioso e delicado.

Para Scheff (2011, p. 37),

[...] embora tendamos a falar das emoções de indivíduos, emoções são, acima de tudo instrumentos de sociabilidade. Elas não apenas são socialmente construídas e sustentam e reforçam sistemas culturais', mas também agem sobre relações humanas em todos os níveis, da conversa íntima entre cônjuges a relações globais.

As emoções são para além de um sentimento, um traço biológico. São o substrato das relações individuais e coletivas, reflexos de um contexto, de um corpo, de um tempo, de uma história. Assim sendo, dialogamos com a história das sensibilidades em um duplo caminho em que buscamos perceber de maneira sensível a história e trajetória de Dorina, mas também nos interessa compreendê-la em suas próprias sensibilidades, de modo a identificar como as mesmas orientaram suas ações no campo da educação inclusiva.

Dorina Nowill é aqui compreendida como uma intelectual a partir das discussões de Jean-François Sirinelli (1996). Para esse autor, o intelectual é visto como um sujeito criador e mediador cultural. Podemos observar a Dorina criadora ao identificá-la como a principal responsável pela criação da *Fundação para o Livro do Cego no Brasil* e também de cursos de

capacitação para o uso do braille. Outra criação de Nowill é a sua própria escrita, através dos dois livros analisados nesta dissertação.

Enquanto mediadora, entendemos a ação de propiciar e facilitar diálogos, bem como a de intercambiar conhecimentos e saberes entre espaços e sujeitos distintos. Neste sentido, destacamos seu importante papel de construir uma parceria entre Estados Unidos e Brasil no tocante ao conhecimento do braille e da produção de materiais didáticos para pessoas com deficiência visual, trazendo para o nosso país esse tipo de imprensa. A mediação cultural da intelectual também se insere fortemente no campo político, de modo que a mesma atuou junto a políticos e agentes civis em prol da implementação de leis e políticas públicas para os cegos, tornando-se efetivamente uma mediadora entre a cultura e o mundo dos cegos e dos demais membros da sociedade.

Outro aspecto abordado por Sirinelli (1996) diz respeito ao conceito de geração. Nota-se, a partir dele, que todo intelectual tem como referência uma geração, seja para referendá-la, ou mesmo para contrapô-la. Nowill surge neste trabalho como uma mulher que possuiu formação. Estudou na Escola Normal Caetano de Campos e fez parte de uma geração de sujeitos que eram formados para ocupar espaços e agir no corpo social, haja vista a necessidade de educadores com formação de qualidade. Configura-se também como uma educadora que contrapõe sua geração, no tocante a reivindicar a inclusão dos cegos nos processos educacionais, diferente do que comumente ocorria.

Com relação a sua trajetória, damos bastante ênfase aos itinerários traçados pela intelectual ao longo de sua vida, seja em termos pessoais ou profissionais, pontuando as inter-relações dessas duas instâncias. Nota-se, portanto, que o sujeito se faz em sua prática. Se faz também em conjunto, por isso a importância de analisar Nowill em suas redes de sociabilidade. As redes tecidas por Dorina Nowill nos permitem identificar uma mulher que circulava muito bem pela alta sociedade paulistana. Amiga de filhas de famílias abastadas, empresários, políticos e suas respectivas esposas, a intelectual cercou-se de pessoas que possuíam capital suficiente para financiar seus projetos e apoiá-la nas empreitadas rumo a acessibilidade. Essa boa inserção de Nowill pode ser também considerada como importante elemento para o sucesso da fundação.

Para Sirinelli (1996), essas redes formam um “pequeno mundo estreito” no qual se desenham relações de partilha e identidade, a partir da pertença a um determinado grupo. Assim, temos que um intelectual não se constitui sozinho. Necessita antes de um grupo com o qual dialoga e que o legitima perante o corpo social. Estas relações se desenham a partir de

estruturas de sociabilidade, tais como associações, fundações, publicações, congressos e eventos, entre outros.

De tal forma, buscamos apresentar a partir da nossa pesquisa, um sujeito multifacetado. Uma Dorina jovem e idealista, uma Dorina privada e pública, uma Dorina intelectual e política. Assim, pretendemos alcançar o entendimento sobre as várias instâncias que credenciam Nowill, em suas objetividades e subjetividades, como uma intelectual em favor da inclusão. Apresentamos a seguir, as formas de fazer adotadas nessa pesquisa.

As escolhas metodológicas, as fontes e a organização do texto

Para melhor compreender a figura de Dorina Nowill, será utilizado o método historiográfico da heurística e da hermenêutica, analisando biografias sobre a intelectual, bem como documentos sobre a FDNC. Já a sua escrita, será operacionalizada através do método da *análise do discurso*, com base no exposto por Michel Foucault em sua “Ordem do discurso” (1996). Para esse autor, o discurso é compreendido como fonte de poder e legitimidade, guardando em si relações políticas, econômicas, sociais e pessoais.

Para Michel Foucault (1996) o discurso é a exposição do mundo, é o verbo em realidade através dos contextos, podendo ser interpretado, discutido, reorganizado e até mesmo desmistificado. O discurso se renova, se refaz e se faz a cada vez que é enunciado em suas formulações por seus interlocutores e atores:

[...] o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isto se dá porque todas as coisas, tendo manifestado intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa de consequências de si (FOUCAULT, 1996, p. 49).

O discurso é poder, é criação, produção carregada de ideologias que se concretizam a medida que se reverbera, tornando-se um instrumento de interesse, capaz de definir sociedades, segregar, aliar e consolidar poderes. O uso do discurso convincente faz uso de uma linguagem que domina, que conquista; sendo algo desejado, admirado, carregado de simbolismos e autoridade. As suas características na formação discursiva traduzem sentidos através do uso das palavras que se impõe e produzem sentidos deixando marcas após enunciadas. Ainda de acordo com Michel Foucault (1996, p. 10-11):

[...] o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo.

A utilização do discurso como materialização de ideologias perante ele mesmo, constitui sujeitos capazes de produzir inquietações, medos e controle em uma relação de domínio do papel representativo que desempenha em uma sociedade, através da anúnciação para com os outros e si mesmo. Assim,

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção” (FOUCAULT, 1996, p. 39).

Dessa forma, se faz necessário utilizar a metodologia da *análise do discurso* apresentado por Foucault (1996) em uma leitura investigativa e interpretativa dessa intelectual e suas representações, especialmente em sua escrita. Assim, a enxergamos sob uma ótica sensível de si e das relações que estabeleceu ao longo de sua jornada como mulher, pessoa com deficiência e educadora em busca de melhorias para seus pares e a educação brasileira.

Dentre o corpus documental desta pesquisa, destaco os livros de autoria da própria Dorina Nowill, como “Para quem quer ver além: lições de Dorina de Gouvêa Nowill” (2002) e sua autobiografia “E eu venci assim mesmo” (1996). No primeiro livro, a autora apresenta suas considerações sobre sua maneira de sentir o mundo e que implicações a envolvem em um universo de emoções que podem ser transmitidos aos que estão a sua volta, em uma espécie de biscoito da sorte chinês em forma de frases recortadas de suas conversas, telefonemas e pequenos registros.

Já em sua autobiografia, a intelectual descreve sua trajetória desde a infância passando por seus processos formativos, sua construção familiar e interpessoal, bem como os papéis que exerceu como militante da educação inclusiva. Tudo isso é expresso de forma bastante sensível e descritiva acerca de si mesma.

Utilizamos também biografias da intelectual escritas por outros autores, como “Dorina Nowill: Um relato da luta pela inclusão social dos cegos” (2011), do jornalista Luiz Roberto de Souza Queiroz. Nesta obra, Queiroz fala sobre os caminhos percorridos por Dorina em uma linguagem mais direta e jornalística, e menos apaixonada sobre as diversas atuações e

relacionamentos que estabeleceu em sua vida. O autor enfatiza, em especial, a militância de Nowill junto a Fundação que hoje leva o seu nome.

Outros documentos utilizados referem-se a atas, relatórios anuais, documentos de fundação e materiais didáticos produzidos pela própria FDNC e disponibilizados online no sítio eletrônico da fundação. Estes documentos tratam da atuação da FDNC. Trazem informações sobre sua missão, visão, valores, atividades, prestação de contas e ações desenvolvidas em torno da educação inclusiva.

Diante do contexto pandêmico em que foi escrita esta dissertação, podemos mencionar aqui algumas questões relevantes para a pesquisa. No segundo semestre do ano de 2021 se fez necessário acesso presencial as fontes, tendo em vista que a plataforma que disponibilizava virtualmente o acervo (Centro de Memória Dorina Nowill) apresentava problemas técnicos, inclusive de acesso, download e catalogação. A ida a esse espaço se deu sob forte cumprimento dos protocolos de biossegurança e em caráter excepcional, diante da fase em que se encontrava a pesquisa, a escrita e a pandemia.

O Centro de Memória Dorina Nowill funciona dentro da própria FDNC, no bairro Vila Clementino, São Paulo. O espaço conta com uma exposição sobre Dorina, a fundação e as conquistas dos cegos ao longo dos anos no Brasil. Conta também com um departamento para catalogação e guarda de documentos. Neste acervo, foram encontrados diversos tipos de documentos, tais como fotografias, diplomas, crachás de eventos, correspondências, pequenos diários de viagens, artigos, atas e relatórios da fundação, boletins escolares, revistas, recortes de jornais e recibos. Além de objetos como troféus, medalhas, roupas, livros, máquina braille, reprodução do ambiente de trabalho original da intelectual e artesanatos. Todo esse acervo está direta ou indiretamente relacionado a Dorina Nowill e sua trajetória.

Encontrar essas fontes foi um processo ao mesmo tempo enriquecedor, mas também complexo diante do contexto que vivíamos e do tempo que tínhamos para fazer nossos registros e sistematizar o que já tínhamos. Mesmo estando em um espaço estruturado e organizado, a falta de catalogação e domínio dos administradores sobre as fontes foi um aspecto que não favoreceu essa caminhada. Por outro lado, o estar em *locus* nos permitiu “concretizar” o que apenas líamos em nossos levantamentos e com isso estabelecer as conexões necessárias para construção da pesquisa e da escrita.

Ao direcionar o estudo sobre a atuação da intelectual a partir do seu processo pessoal, formativo e profissional, de modo articulado com as suas ações, como é o caso da FDNC e a construção das políticas públicas para pessoas com deficiência, sobretudo, os cegos, vislumbra-se ir além de uma pesquisa biográfica. Busca-se analisar as relações entre vida e obra, sujeito e

sociedade, apontando para a construção de um modelo educacional mais inclusivo, acolhedor e sensível.

O diálogo com o trabalho de Michel de Certeau em “A escrita da história” (1982) também orienta a construção desta dissertação, pensando no tripé lugar de fala, prática e escrita pensado pelo historiador. De tal modo, parte-se de uma visão cultural da história, em que a sociedade e seus valores são construídos de acordo com jogos de interesses, sociabilidades e representações. Estruturamos este trabalho em três eixos de análise, onde cada capítulo se refere a uma categoria abordada por Certeau.

No **primeiro capítulo** intitulado “Bela, recatada e deficiente: traços biográficos de Dorina Nowill”, apresentamos a sua trajetória e o seu lugar de fala, com base em sua autobiografia e em outras biografias sobre a intelectual, a partir de um olhar sensível. Este capítulo é dividido em três tópicos que refletem as três fases de sua vida, sua infância e adolescência, seu processo formativo e sua consolidação enquanto intelectual. São eles, respectivamente: “O mundo sensível e visível de Dorina Nowill”; “Dorina em seu processo formativo”; e “A intelectual Dorina Nowill”.

No **segundo capítulo**, intitulado “A Fundação Dorina Nowill para Cegos: uma instituição atuante no corpo social”, apresentamos a FDNC como criação desta intelectual, espaço de mediação dos saberes e luta por inclusão, bem como a prática de Dorina e da fundação. O capítulo encontra-se subdividido em dois tópicos. O primeiro deles aborda o histórico da instituição, já o segundo tópico, A FDNC e sua atuação nos últimos anos (2010 – 2020), trazendo uma avaliação das ações da instituição na última década e o seu impacto social pela inclusão.

Por fim, no **terceiro capítulo** intitulado “A escrita de Dorina Nowill: uma intelectual pela inclusão”, realizamos a análise de sua escrita, vislumbrando o seu discurso como um elemento de poder e conquista de direitos. Este capítulo é também subdividido em dois tópicos, que levam os nomes dos seus dois livros: “Para quem quer ver além” e “E eu venci assim mesmo”.

Dessa forma, objetivamos conhecer as diversas Dorinas existentes em seus respectivos espaços, temporalidades e ações. Tal análise aponta para a compreensão da intelectual Dorina de Gouvêa Nowill a partir de suas objetividades e subjetividades entendendo-a como um sujeito múltiplo e atuante no corpo social.



CAPÍTULO I
**Bela, recatada e deficiente:
traços biográficos de Dorina Nowill**

Pensar sobre a mulher e as representações do corpo feminino significa compreender o que se convencionou designar como sendo imperativo de seu sexo: seja bela, seja mãe e seja feminina

(Silvana Goellner, 1999).

Escrever não é uma tarefa simples ou meramente mecânica, está ligada ao campo da organização das ideias, da criatividade, de uma observação crítica e reflexiva sobre o que se escreve e muitas vezes poética no alcance de sua sensibilidade. Nas entrelinhas do dito e do não dito, é olhar com uma lente aumentada e transcrever pensamentos e conceitos sob uma ótica do imaginário acerca de um possível real.

Desprender do que vemos também não é algo fácil. A anatomia humana nos explica que em nossos olhos, existem milhões de células fotossensíveis. É na retina que a imagem é captada e, através de processos bioquímicos, ocorre a transmissão dos impulsos nervosos até o cérebro. Então, eles são analisados e traduzidos nas imagens que vemos e sentimos.

Para proceder com a escrita e traduzir essas imagens é preciso molhar os pés no vasto rio da pesquisa e buscar conhecer de quem se deseja falar. Imersos no campo da História da Educação, buscamos articular as áreas da História Intelectual e Cultural com a História das Sensibilidades e discursões de Gênero. A partir dessas considerações, buscamos ao longo desse texto apresentar quem foi Dorina de Gouvêa Nowill.

Ao estudar a História Intelectual percebe-se que esta não se trata apenas de um meio de entender sujeitos individualmente. Trata-se de articula-los numa relação com a cultura, a fim de compreender como estes protagonistas sociais produzem e ao mesmo tempo são produzidos por saberes e práticas, discursos e representações. Assim, numa tentativa de perceber as diversas Dorinas que encontramos no decorrer pesquisa com os seus vários entrelaçamentos de informações na construção historiográfica de memorar e apresentar essa mulher. Não como uma história única, mas sim plural, como nos apresenta a Chimamanda Adichie (2019, p. 27):

[...] sempre senti que é impossível se envolver direito com um lugar ou uma pessoa sem se envolver com todas as histórias daquele lugar ou daquela pessoa. A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade comum. Enfatiza como somos diferentes, não como somos parecidos.

Concordamos com a autora ao afirmar que somos seres feitos de histórias e tudo que transmitimos pode ser entendido enquanto uma construção social, fruto das relações que estabelecemos no campo do público e privado. Pensar para além de única versão ou compreensão de uma história é não se prender as armadilhas e conceitos que já se tem expostos.

É a busca por descortinar as versões dessa intelectual e suas contribuições para história da educação que rege essa pesquisa.

Para uma compreensão do objeto de nossa pesquisa, utilizaremos o conceito de Michel Foucault na obra “Os Anormais” (2001) que apresenta três personagens em um molde do que seja essa anomalia. Alicerçado no “anormal” ao longo dos últimos séculos, o autor os configura ilustrativamente como o monstro, o incorrigível e o masturbador. Cabe-nos, portanto, pontuar como eles dialogam com a trajetória de Dorina.

Partindo da História Cultural, dialogando com o conceito de sensibilidades exposto por Sandra Pesavento (2019), buscamos compreender o ser e os sentidos que estão circunscritos em nosso objeto. Juntamente com isto, apresentamos Dorina como uma intelectual criadora e mediadora cultural, de acordo com Jean-François Sirinelli (1996).

Desse modo, esse capítulo se organiza em três eixos de análise. Primeiramente vamos trabalhar a apresentação da pessoa de Dorina Monteiro Gouvêa desde sua infância até o momento de perda da sua visão. No segundo momento, o acesso a Escola Normal Caetano de Campos e seus processos formativos como uma pessoa com deficiência. E por fim, sua atuação e articulação como intelectual partindo da tríade: monstro, incorrigível e masturbadora apresentada por Foucault em Os Anormais.

1.1 O mundo sensível e visível de Dorina

Para compreendermos como se constituiu aspectos da infância de Dorina, se faz necessário mergulhar em sua genealogia partindo de seus registros através da escrita em seu livro autobiográfico intitulado “E eu venci assim mesmo”. Sua genitora Dolores Panelli, oriunda do sul da Itália de um lugar pequeno chamado Santa Croce, em Firenze. Foi a caçula de cinco filhos de Pepino Panelli e Maria Vittoria. Desde a infância, foi privada do acesso à educação devido ao fato de seu pai, o músico Pepino, ser membro de uma das famílias arruinadas economicamente da região; e apresentar conflitos políticos com a professora da aldeia.

Diante de posicionamentos políticos anarquistas, seu avô materno foi obrigado a sair do país, migrando para a América do Sul especificamente Colômbia e posteriormente para a América do Norte no México. A camponesa, sua avó, aproveitando da situação fugiu de seu bisavô que a casou aos quinze anos, em consequência, fugiu também de seu esposo.

Após passar pela Argentina, sua avó se instalou no Brasil com seus três filhos, especificamente na cidade de São Paulo, na casa de um dos seus irmãos que no Brasil habitava.

Vale ressaltar que duas de suas filhas ainda ficaram na Itália, uma por ter idade inferior a dezoito anos e outra que desejou tornar-se freira. Posteriormente, ajudada por amigos, a caçula fugiu para o Brasil ao conseguir vaga em um navio, encontrando-se com sua mãe e seus irmãos.

Dolores Panelli era uma mulher inteligente, bonita, com fortes habilidades manuais e de liderança conforme é descrita por sua filha. Ajudava seu irmão que era alfaiate, costurando para contribuir com os custos da casa. Não se mostrava desejosa por se casamento, em especial se fosse com um viajante ou viúvo. Até que em um carnaval conheceu um rapaz chamado Manuel Monteiro Gouvêa e se rendeu a sua simpatia e charme, fato o que os levou ao casamento em 27 de julho de 1918, ainda no período da Primeira Guerra Mundial, constituindo família e cuidando de sua mãe até seu falecimento.

Viúvo e viajante de uma grande empresa atacadista de São Paulo, Manuel Gouvêa era o caçula de oito irmãos. Sua mãe Amélia de Moraes Castro, viúva há muitos anos, já havia destinado o futuro de seu mais novo ao clero. Com ajuda de familiares, Gouvêa fugiu de navio da aldeia portuguesa chamada Penajóia, no distrito de Lamego, para morar no Brasil com seus três irmãos que aqui estavam. Com trabalho árduo e o desejo de independência, atuou no comércio do café até sofrer um golpe por parte de seu sócio. Isto o levou a falência e a atuar como funcionário por mais de sessenta anos em uma grande empresa do ramo atacadista, ocupando posição de chefia subserviente ao patronado.

No tocante a compreensão desses processos migratórios mencionados anteriormente, nota-se que a motivação não foi apenas econômica, mas também política e social, haja vista que essas mobilidades não se implicam ao mero discurso da globalização tão fortemente discutido atualmente. Elas estão diretamente relacionadas ao movimento dos cidadãos no mundo, suas subjetividades e experimentações em uma nova construção de sua evolução histórica. Para Dezan (2007, p. 18),

[...] a história da humanidade registra, desde o seu aparecimento na face da Terra até hoje, repetidos movimentos de migração e de fixação de populações em várias regiões do globo. Os seres humanos sempre se movimentaram, por instinto, com o desejo de conhecer e explorar o desconhecido ou impulsionados por problemas políticos, econômicos, sociais, religiosos, guerras, ou através da combinação de dois ou mais desses fatores. No decorrer dos séculos aconteceram muitos movimentos migratórios de proporções diferentes, sendo alguns de grandes dimensões, os quais influíram significativamente na evolução histórica do gênero humano.

Nota-se que a conjuntura familiar de Dorina foi fortemente marcada por deslocamentos, afirmação identitária e reconfigurações espaço-temporais. Todas essas questões implicaram também na construção da intelectual aqui analisada. Neste cenário, mesmo não sendo aqui

nosso objetivo, ao olharmos para a contexto dos pais de Dorina, podemos fazer uma análise no que diz respeito ao papel do gênero e suas implicações no ser mulher.

Para Garachana (2008), o homem é fonte de renda para sua família, migrou para outra cidade ou país, para ter recursos financeiros porque, onde vive, prevalecem as condições inerentes à pobreza e é impossível obtê-lo devido à falta de oportunidades. Coube a mulher/família esperar esse dinheiro das remessas do homem que a deixou e, em troca, esse homem, pede-lhe para ficar no mesmo lugar à sua espera.

A história apresenta traços de segregação nos marcadores de gênero, tendo em vista a marginalização da mulher em movimentos de migração ao longo das sociedades tradicionais. Estas não eram encorajadas a sair de sua casa, nem ir além dos limites impostos pela família, pois sua responsabilidade consistia em cuidar dos filhos, ser boas donas de casa e até cuidar dos pais idosos. O papel de um provedor que procura por melhores condições de vida sempre foi, em uma perspectiva falocêntrica, uma atividade ligada aos homens.

Com um recorte específico, o professor e historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2013), em sua obra “Nordestino: uma invenção do falo — uma história do gênero masculino (Nordeste — 1920/1940)”, apresenta o homem nordestino como representação de uma tradição agrária e patriarcal, quando não escravista, de uma sociedade artesanal e folclórica, que estaria desaparecendo.

Esse homem que outrora enfrentou cangaceiros e seus bandos tem características próprias de um homem macho, definido como uma reserva de virilidade, um tipo masculino, um macho exacerbado, dotado de superioridades, que luta contra as mudanças sociais que estariam levando à feminilização da sociedade. Para Albuquerque Jr. (2013, p. 208-209),

[...] é nítido como as figuras de gênero são usadas para falar da crise econômica, política e social vivida pelo Nordeste. Esta região é vista como se feminilizado, se passivizando, precisando, pois, de um novo homem, um novo habitante, que significasse uma reação viril a este processo de horizontalização e declínio, que se anunciava mortal para uma elite agrária tradicional que a dominara até então.

Para o escritor diante da busca da manutenção do patriarcado, o Nordeste precisava de um novo homem capaz de resgatar esta virilidade, um homem capaz de reagir a esta feminilização que o mundo moderno, a cidade, a industrialização e a República havia trazido. Por isso, o nordestino vai ser definido como o macho por excelência, capaz de resgatar uma região que precisava reagir, diante das violentas mudanças por interesses e valores estranhos, que se operavam nas relações de gênero, neste espaço, notadamente nas cidades e que eram vistas como mudanças nos sexos.

Somos levados a pensar o quanto nossa estrutura social apresentava traços extremamente machistas e misóginos, uma vez que pode ser repensado o lugar que o feminino ocupa frente a um meio social em que privilégios e conservadorismos predominam. O espaço que as mulheres ocupam no meio social ainda é pequeno, de forma que a opressão e a violência contra a vida e atuação da mulher continuam legitimando desigualdades.

Diante de uma sociedade intensamente hierárquica, constituída por padrões decorrentes das questões de gênero, as mulheres são rotineiramente vítimas de violências culturais, postas de forma histórica e que perpassam por gerações. Para Margareth Rago (2018, p. 28),

[...] considero os feminismos como linguagens que não se restringem aos movimentos organizados que se autodenominam feministas, mas que se referem a práticas sociais, culturais, políticas e linguísticas, que atuam no sentido de libertar as mulheres de uma cultura misógina e da imposição de um modo de ser ditado pela lógica masculina os marcos da heterossexualidade compulsória.

De tal forma, podemos perceber que diante de um mundo que atribui a mulher o mero papel de coadjuvante, a conquista de espaços e direitos exige, além de uma conjuntura favorável, a busca por afirmação e legitimidade. Neste sentido, nota-se que as mulheres que antecederam a intelectual em sua família romperam diversas barreiras, colocando-se como protagonistas de sua própria história, mesmo diante de um mundo essencialmente masculino. Temos, portanto, que o fazer-se dessa mulher enquanto agente de sua própria trajetória, pode em muito guardar relação com seus antepassados.

Na esperança do nascimento de um menino, Dolores Panelli deu à luz a sua filha, no dia 28 de maio de 1919, na cidade de São Paulo. A filha do meio teve dois irmãos: a mais velha, Amélia (filha do primeiro casamento de seu pai) e Manuel, o caçula. Sua educação foi pautada na disciplina, obediência e ordem. Seus brinquedos eram bonecas de louça trazidas da França por amigos da família e um livro que foi seu instrumento de alfabetização mediado por sua irmã.

Imagem 1: Cartão de agradecimento



Fonte: Acervo Função Dorina Nowill, 1919.

A imagem acima representa um registro iconográfico de um cartão de visita ofertado aos familiares e amigos por ocasião de visita a Dolores e sua mais nova filha como forma de gratidão pela presença das pessoas. A escolha dessa imagem se deu para ser melhor entendido o momento vivido pela família e não ser visto apenas como figura com função meramente ilustrativa, mas sim como fonte relevante para a pesquisa. Segundo Paiva (2006, p. 17):

[...] a iconografia é tomada agora como registro histórico realizado por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas ou imaginadas (...). São registros com os quais os historiadores e os professores de História devem estabelecer um diálogo contínuo. É preciso saber indagá-los e deles escutar as respostas.

As olhar para o cartão se percebe para além do seu caráter sociocultural, um demarcador de tempo e espaço. A localização do endereço revela que a família residia em uma localização privilegiada da cidade de São Paulo, próximo à casa de seus padrinhos, filhos da Viscondessa de Poyares, Dona Josefina.

Durante boa parte da infância, residiu em um quarteirão entre as hoje ruas Frei Caneca e Augusta, juntamente com seu núcleo familiar e o do seu tio Felipe Panelli, pois dividiam a mesma residência. Em 1923, foi matriculada em uma escolinha de bairro aberta pela nova moradora, Dona Durvalina e assim teve acesso a seu primeiro espaço formativo. Em 1927 foi matriculada no Externato Elvira Brandão para cursar o primário e o secundário. A instituição foi fundada em 1904 pela senhora Aída Caiuby e recebe atualmente o nome de Colégio Elvira

Brandão. A escola permaneceu sendo essencialmente uma instituição particular, localizada no distrito paulistano de Santo Amaro, especificamente no bairro chamado Granja Julieta.

Esta escola tinha em sua gênese uma aprendizagem subsidiada pelo currículo elaborado por sua diretora e fundadora. Este tinha como objetivo incentivar um ensino tradicional pautado na meritocracia, ordem e subserviência. O ambiente era de predominância feminina em seu alunado e corpo docente. Um espaço para o desenvolvimento e o aprimoramento intelectual e cultural dos futuros cidadãos da elite paulistana.

Nota-se que em sua formação primária e secundária, Dorina foi constituída a partir do papel da mulher no magistério, alicerçado no patriarcalismo e no cuidado maternal. Neste sentido, a educação feminina acompanhava e legitimava a ordem social, em que as mulheres deveriam tornar-se boas esposas/mães educadoras formadoras de futuros cidadãos. Como afirma Guacira Lopes Louro (2002. p. 447),

[...] ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educação das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que a sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos, na linguagem republicana, na função social de formadora dos futuros cidadãos.

A imagem apresentada abaixo é um extrato do boletim formativo da aluna Dorina em seu 5º ano datado de 1931, com as referidas notas alcançadas ao longo dos meses de aula. Nota-se partindo dos quantitativos alcançados seu maior aproveitamento nos componentes curriculares de Instrução Cívica, Inglês e Trabalho.

[...] a crença no poder redentor da educação pressupunha a confiança na instrução como elemento (con)formador dos indivíduos. Potência criadora do homem moral, a educação foi atrelada à cidadania e, desta forma, foi instituída a sua imprescindibilidade para a formação do cidadão. Articulada com a valorização da ciência e com os rudimentos de uma cultura letrada, ela se apresentava como interpretação conciliadora capaz de explicar os motivos do atraso da sociedade brasileira e apontar a solução para o mesmo.

A linguagem de modernização e desenvolvimento civilizatório para o progresso da nação também fundamentou o currículo proposto nas escolas, a partir desse período. Havia um debate sobre como a educação seria capaz de construir o cidadão para a modernidade, e o que deveria ser ensinado ao povo.

Sendo assim, Dorina já mostrava sinais de que era um “[...] indivíduo a ser corrigido”, como caracteriza Michel Foucault na obra “Os Anormais” (2001). O desnaturalizado, para adequar-se ao meio social, necessita ser enquadrado por meio de tecnologias que garantam a sua adequação, a fim de que se adapte ao convívio em sociedade. Caso contrário, passa a ser visto como incorrigível.

Em seu curso ministrado no *Collège de France* em 1975, Michel Foucault traz ao debate uma reconstrução genealógica do conceito de “anormal”, estabelecido durante o século XIX. Nesse sentido o professor apresenta elementos que servem para definir as diferentes personagens que antecedem o “anormal”, os dispositivos que servem à sua definição, a raridade ou a frequência da aplicação desta noção e a tecnologia de poder que lhe corresponde.

Nessa perspectiva, Foucault apresenta as três figuras que constituem o terreno do discurso sobre o “anormal”: o monstro humano, “indivíduo a ser corrigido” e a criança masturbadora; que ao longo dessa escrita serão melhor debatidos. Neste momento apresentamos o indivíduo a ser corrigido. Este sujeito é característico dos séculos XVII e XVIII e habita a família e suas relações com instituições vizinhas. A existência do indivíduo a ser corrigido é um fenômeno normal. Ele é espontaneamente incorrigível, o que demanda a criação de tecnologias para a reeducação, uma forma de “sobrecorreção” que lhe permita a vida em sociedade.

Dorina em seus primeiros anos escolares no Externato Elvira Brandão, apresenta características de alguém a ser corrigida como a mesma relata em sua autobiografia:

[...] um dia houve um boato de que Guiomar e eu tínhamos levado para a escola um livro de medicina de nossos pais. O tal livro de medicina teria gravuras de anatomia masculina e feminina, naquela época era proibido ser manuseado por meninas... Nunca passou pela minha mão, mas eu e Guiomar tivemos nota zero (NOWILL, 1996, p. 4).

Ao olharmos para esse relato se observa a tentativa de correção institucional baseada em ações de corrigir a incorrigibilidade desses sujeitos. A mera suposição de acesso a um material que é o livro de medicina contendo imagens de corpos, denota a fragilidade do espaço para lidar com um comportamento humano: a curiosidade, que se configura o desejo pelo conhecer. Para Foucault (2001, p. 51),

O indivíduo anormal do século XIX vai ficar marcado – e muito tardiamente, na prática médica, na prática judiciária, no saber como nas instituições que vão rodeá-lo – por essa espécie de monstruosidade que se tornou cada vez mais apagada e diáfana, por incorrigibilidade retificável e cada vez mais investida por aparelhos de retificação.

Diante desse contexto esses sujeitos são transgressores. Nesse sentido, Foucault (2014, p. 69) nos adverte que: “[...] todo criminoso poderia muito bem ser, afinal de contas, um monstro”. O monstro, para além de uma aberração da natureza, pode ser dotado de um caráter virtualmente monstruoso por transgressões das leis.

De tal modo entendemos que o Externato paulistano queria expressar sua capacidade na condução formativa do corpo juvenil, forja-lo numa performance de obediência a serviço do que era posto ao feminino e masculino. Insuflado pelas palavras de Michel Foucault (2014), o corpo é objeto e alvo de poder, muitas vezes vítima de uma atenção dedicada a obedecer, na tentativa de controlar suas potencialidades.

A fala de Dorina Nowill, assim como o extrato formativo do seu boletim, nos demonstra que através de seu currículo a instituição escolar era um ambiente organizacional com “[...] horário estrito, um sistema de proibições e de obrigações, uma vigilância contínua, exortações, leituras espirituais, todo um jogo de meios de ‘atrair para o bem’ e ‘desviar do mal’” (FOUCAULT, 2014, p. 119-120).

Vale ressaltar que aquele que rompe a transgressão, o comete a algo ou alguém. Se percebe que a nota zero atribuída ao comportamento da jovem e sua colega, mesmo em situação de suposição, a sua ação gera uma medida punitiva e nesse sentido Foucault (2014, p. 70) nos lembra que:

O crime era crime na medida em que, além de disso, e pelo fato de ser crime, atingia o soberano; ele atingia os direitos, a vontade do soberano, presentes na lei; por conseguinte, ele atacava a força, o corpo, o corpo físico, do soberano. No menor crime, um pequeno fragmento de regicídio. Com isso e em função dessa lei econômica fundamental do direito de punir... Não era simplesmente nem reparação dos danos, claro, nem interesses fundamentais da sociedade. A punição era algo mais: era a vingança do soberano, era sua revanche, era a volta de sua força.

A jovem Dorina ainda em sua juventude estudando no Externato relata sua participação em questões que envolviam o cenário político em que vivia, o que denota certo conhecimento pelos fatos que aconteciam a sua volta. Dorina Nowill (1996, p. 4) expressou que

[...] o meu envolvimento em atividades diversas aconteceu durante a Revolução de 1932. Após as aulas, eu ia com mamãe às sessões de costura de roupa para os soldados constitucionistas. Estávamos no sexto ano do colégio, e com um grupo de colegas me empenhei na organização de coleta de cigarro e sabonetes para os soldados. Fomos incorporadas à Rádio Record para entregar o produto da campanha. Ajudei muito, trabalhei e fui uma das líderes dessa campanha.

A jovem estava diante do contexto do início do século XX, onde as mulheres ainda sofriam com altas taxas de mortalidade, possuíam taxas de fecundidade elevadas, tinham pouco acesso à educação, especialmente a de nível superior, não participavam dos jogos olímpicos e não tinham direito ao voto. Porém, os avanços foram se consolidando, a partir das lutas feministas, com a Revolução de 1930 e o crescimento da industrialização, urbanização e das políticas sociais. Em 1932 as mulheres conquistaram o direito de voto e a nadadora Maria Lenk se tornou a primeira atleta brasileira a participar de uma olimpíada. Melhoras nos diversos campos foram se firmando nas décadas seguintes (ALVES, 2003).

Mesmo com sua participação em atividades que não englobavam sua formação regular, Dorina revela um caráter subserviente no tocante ao núcleo familiar. Segundo Nowill (1996, p. 7),

[...] o fato de ter sido criada num ambiente de disciplina rígida à moda portuguesa, como dizíamos, condizia a realidade de meu pai e de minha mãe. Eu queria muito ir ao baile de segunda feira de carnaval [...] papai não queria saber dessa história. Até os 17 anos fui criada dessa maneira.

Dorina revela em seus escritos que essa obediência familiar tem sua duração até os 17 anos. Após esse período a jovem começa a frequentar bailes e romper com alguns aspectos de sua educação essencialmente voltada para o lar. Nesse sentido, Foucault (2001, p. 50) afirma que

[...] o que define o indivíduo a ser corrigido, portanto, é que ele é incorrigível. No entanto, paradoxalmente, o incorrigível, na medida em que é incorrigível, requer um certo número de intervenções específicas em torno de si, de sobreintervenções em relação as técnicas familiares e corriqueiras de educação e correção, isso é uma nova tecnologia de reeducação, da sobrecorreção. De modo que vocês veem desenhar-se em torno desse indivíduo a ser corrigido a espécie de jogo entre a incorrigibilidade e a corrigibilidade.

A jovem Dorina seja em sua formação familiar ou no ensino regular dos anos primários e secundários, apresenta traços de uma desnaturalizada se pensamos no confronto com uma

suposta normalidade, como um sujeito abstrato tido como normal, alguém que se enquadraria à norma. Esses primeiros lampejos de uma mulher fora da curva emergentes já em sua infância e adolescência, irão se potencializar ao longo dos anos, conforme observaremos nos tópicos a seguir.

1.2 Dorina em seu processo formativo

Ao consultarmos a história das mulheres, nota-se que somos produtos de uma sociedade patriarcal, com modelos sociais pré-estabelecidos, como afirma Perrot (1992, p. 178) “cada sexo tem sua função, seus papéis, seus espaços, seus lugares quase predeterminados”. No início do século XX na Europa, as mulheres buscavam ainda por conquistar espaços sejam no mercado de trabalho ou no seu próprio direito de acesso ao processo formativo. A pesquisadora e socióloga Lagrave (1991, p. 505) afirmou que o “jogo entre os sexos permanece desigual, perpetuando ou reinventando formas sutis de segregação na sociedade”.

No início do século XX, tinha-se a expectativa que grandes transformações referentes à situação da condição das mulheres estavam por vir. Seria um novo tempo de igualdade de direitos entre os sexos, um século de disputa entre homens e mulheres. Entretanto, nessa luta o privilégio ainda era dos homens. A realidade da mulher não era muito diferente do passado. As formas de dominação como, por exemplo, o abandono dos homens em certos empregos na Europa, como os escritórios, objetivavam desvalorizar determinadas profissões o que abriria espaço para outros ocuparem.

Desse modo, permanecia os mecanismos de segregação e supremacia do poder masculino, estratégia que permaneceu em voga durante décadas. As posições de destaque ainda eram exercidas pelos homens, enquanto as mulheres sempre ocupavam funções menos relevantes. Essa predominância social não se fazia presente apenas no mercado de trabalho, mas se estendia ao sistema educacional.

Perante os paradigmas patriarcais que reduziram o local de convivência das mulheres ao privado, aos afazeres domésticos, e à condição de subalternidade, entendemos Dorina Nowill que antes mesmo de seu nascimento, carregava consigo a ancestralidade das mulheres que lhe antecederam, que demonstraram reflexos dessa cultura. Dorina Nowill era uma pessoa que sempre deixou explícito em sua profissão de fé no cristianismo, um dos ambientes que mais frequentava, depois da escola era a igreja. Recebeu todos os sacramentos da igreja Católica Apostólica Romana, como a primeira comunhão. Inspirada nas mulheres que lhe antecederam como sua vó e mãe, Nowill (1996, p. 7) afirmou: “[...] fui muito religiosa e sempre aceitei a

minha fé sem muitas discussões e sem problemas. Minha mãe era religiosa, minha avó era religiosa. Cumprimos com o nosso dever sem problemas, sem dúvidas, e até hoje tenho fé”.

Imagem 3: Santa Emerenciana (santinho pertencente a Dorina)



Fonte: Centro de Memória Dorina Nowill. Fotografia do pesquisador (2021).

A jovem desde cedo se mostrou devota de Santa Emerenciana⁴. Vemos no registro encontrado entre seus objetos pessoais a iconografia que retrata carregar no braço direito Santana, que é sua filha e mãe de Nossa Senhora. No braço esquerdo carrega sua neta que é Maria, que está no colo com o menino Jesus, seu bisneto. Essa relação de mulheres e sua genealogia é um aspecto que encontra identificação para Dorina Nowill, como afirmou anteriormente.

Com essa educação cristã se acreditava mais fortemente que acompanhava os antecedentes do novo século e por isso, concebia essa formação como o caminho, por serem as mulheres naturalmente educadoras pelo “talento” da maternidade. Sobre isso escreveu Martha Watts (2001, p. 57): “[...] acho um trabalho precioso educar as meninas para que elas saiam e ensinem seu próprio povo”. Ainda a respeito disso, Guacira Lopes Louro (1997, p. 447) aponta

⁴ Foi uma mártir romana do século IV. De acordo com sua hagiografia, a mãe de Emerenciana foi uma ama-de-leite e babá de Santa Inês, uma rica herdeira romana que foi martirizada depois recusar um casamento forçado.

que “[...] a educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos e formadora de futuros cidadãos”.

Dessa forma, se percebe que a mulher está condicionada a um papel social de educar os filhos e sob o prisma de uma formação cristocêntrica. De modo que engessa a sua participação mais efetiva em outros espaços de poder e maior contribuição em decisões sociais para coletividade.

Como de costume, a jovem foi a missa. O que não esperava, era que no dia 16 de agosto de 1936 se iniciava um fato que mudaria radicalmente a dinâmica da sua existência. Nowill (1996, p. 8) descreveu que:

[...] era um domingo. No dia seguinte de manhã, 17 de agosto, ocasionalmente fechei o olho esquerdo e quando tentei ver com o outro, percebi uma grande mancha opaca bem no centro da visão. Depois que levantei, não dei muita atenção ao fato, achei que era uma coisa banal, mas falei com mamãe.

Diante dessa situação, a moça passou por diversos procedimentos investigativos com profissionais considerados grandes especialistas na área da oftalmologia, a exemplo do Dr. João Penido Burnier⁵, para identificar a causa do acontecimento em seus olhos. Iniciado como uma aparente leve irritação ocular, que se estendeu ao olho direito, e lhe acarretou ao passar de dias uma hemorragia. Como afirma Dorina Nowill em sua biografia, ao relatar o acontecimento, quando estava com suas colegas compartilhando momentos de uma viagem que uma delas havia feito: “[...] ao tentar ver uma das fotografias, vi diante de mim uma cortina de sangue e nada mais distingui. Era como se eu tivesse vendo uma vidraça com chuva escorrendo, em vez de água era sangue” (NOWILL, 1996, p. 9).

Tal conjuntura levou seus pais a vender uma propriedade em busca de investir de todas as formas possíveis na expectativa de cura para sua filha. Mas não o foi suficiente até chegar ao diagnóstico que não havia sido identificada a causa de sua hemorragia e que não teria cura, mesmo após diversas tentativas de tratamentos. Mesmo com toda uma rede de apoio e investimentos que envolviam familiares e amigos que se estabeleciam durante esse processo, era fato que a jovem estava ficando cega, como a mesma afirmou:

⁵ Dr. João Penido Burnier: Médico oftalmologista que em 1970 fazia sua primeira viagem de estudo à Paris, onde já formado, idealizou seu Instituto no Brasil. Em 1910 ao se estabelecer em Campinas/SP, como médico da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, vislumbrou a aproximação de seu grande sonho – o Instituto Oftálmico de Campinas, que fundou em 1920, e que recebe o nome de Instituto Penido Burnier (IPB) desde 1923.

[...] lembro-me que estava ouvindo sozinha o rádio, sentada no hall, quando percebi um número enorme de hemorragias. Senti que o pouco de percepção que eu tinha de luz foi se tornando tênuo, foi desaparecendo. Naquela noite eu vi as hemorragias se sucederem e aí eu me lembro – lembro perfeitamente – disse a mim mesma: “você está cega” (NOWILL, 1996, p. 13).

Dorina em sua autobiografia descreveu o exato momento que compreendeu os fatos que lhe sucederam e lhe cercaram. É como perceber que o algoz de seu futuro se apresentasse de forma tão factual e brutal. Em “Escritas do sensível”, Soares Junior (2018, p. 259) traz em suas palavras, o registro de sua memória diante de um prognóstico em que descreve: “[...] foi dentro de paredes manchadas de dor e arquitetadas para salvar vidas, que a notícia parecia ceifar nossa esperança. O anúncio da médica neurologista soou seco como o dia num deserto. Parecia falar de um corpo que se quebrou e a água que se esvaiu”. Em ambos os registros se tem os fatos expostos e a uma certa compreensão do que ocorre em seus contextos.

Para um melhor entendimento dos sentimentos intrínsecos produzido a partir de histórias vividas em um resgate dos sentidos que lhe são atribuídos no mundo e nas suas várias relações através das palavras, expressões verbais, imagens e ações; nos explica Sandra Pesavento (2019, p. 12):

Os sentidos são afetados e provocam sensações, ou seja, eles expressam uma atividade reativa, anterior à capacidade reflexiva, e que marca uma modificação no equilíbrio entre ser e o mundo. As sensações, fenômenos da ordem da sensibilidade, são imediatas e momentâneas e podem ser definidas como a capacidade de ser afetado por fenômenos físicos e psíquicos, em reação dos indivíduos diante da realidade que os toca.

É no reportar das memórias afetivas atreladas a realidade de um tempo, que expressamos o descortinar de um olhar sobre aquilo que talvez nunca se possibilitou experimentar: a cegueira! Essa era a palavra de ordem que definia a jovem Dorina Nowill e que trazia a certeza de sua condição como a mesma afirmou:

[...] não enxergo. Não posso ver. Todas as pessoas que perdem a visão procuram de todas as maneiras evitar as palavras “cega”, “cegueira”, porque é uma dura realidade. A aceitação dessas palavras significa aceitação de um estado definitivo, imutável, porque a cegueira, num caso como o meu, é imutável. Conformer-se com uma situação não é passividade que joga a pessoa na cama numa inanição absolutamente. É aceitação de um fato, de uma realidade. De acordo com a minha personalidade, minha forma de ser, é preferível uma realidade dura a ilusão. A esperança verdadeira tem o fundamento dentro de si, porém a ilusão é infundada; de modo que sempre me lembro daquela noite, daquele momento e o que ele representou na minha vida (NOWILL, 1996, p. 14).

É através desses fios da memória, espaços, palavras e sensibilidades que se conduz os caminhos de Dorina Nowill na tessitura de sua história vivida. É tendo a história como objeto

de estudo que se estabelece a análise historiográfica sobre as sensibilidades na escrita de Nowill. E como afirmou Barbara Rosenwein (2011, p. 21) “[...] tal história não deve negar o substrato biológico das emoções, pois está claro que elas estão embutidas tanto no corpo como na mente”.

Diante do exposto, entende-se que a história das sensibilidades possibilita um novo entendimento da história viabilizando a aprendizagem dos sentimentos e afetos. Para Sandra Pesavento (2003, p. 57),

[...] as sensibilidades são uma forma de ser no mundo e de estar no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada. A rigor, a preocupação com as sensibilidades da História Cultural trouxe para os domínios de Clio a emergência da subjetividade nas preocupações do historiador. É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos.

A atual conjuntura que se apresentava a jovem, lhe impunha novas necessidades e possibilidades. No ano de 1939, enquanto ocorria a Segunda Guerra Mundial, lhe era apresentado o Instituto de Cegos Padre Chico⁶, local na qual ganhou sua primeira reglete⁷ da diretoria e passou a desenvolver a aprendizagem do sistema braille⁸ e do seu alfabeto.

Neste mesmo ambiente, conheceu o Instituto Benjamim Constant⁹ localizado na cidade do Rio de Janeiro, e que na ocasião dispunha de uma biblioteca com livros em braille para empréstimos, mesmo tendo seu acervo prejudicado devido a questão da guerra, que dificultava a logística desse tipo de material. Ainda no ICPC, teve acesso ao único livro de literatura disponível na referida instituição o qual foi sua primeira leitura de um livro em braille: “Histoire de Ma Vie de Helen Keller”¹⁰ através da mediação de sua madrinha que dominava a língua francesa. Segundo Nowill (1996, p. 15),

⁶ O Instituto de Cegos Padre Chico nasceu em 07 de outubro de 1928, a partir de um apelo do Dr. José Pereira Gomes, médico oftalmologista, em uma reunião de comemoração à Semana Oftalmo-Neurológica da Sociedade de Medicina e Cirurgia em São Paulo para que se construísse uma escola para cegos.

⁷ Aparelho de origem francesa utilizado para a escrita braille. Consiste em uma placa de metal com pontos correspondentes ao sistema braille em baixo relevo, com uma moldura de metal que fixa o papel. Nesta moldura move-se uma grade com celas do sistema. Acompanha uma punção ou estilete, para que a pessoa pressione o papel através da grade produzindo os pontos em relevo correspondentes a cada letra.

⁸ É um sistema de escrita tátil utilizado por pessoas cegas ou com baixa visão. É tradicionalmente escrito em papel relevo. Os usuários do sistema braille podem ler em telas de computadores e em outros suportes eletrônicos graças a um mostrador em braille atualizáveis. Eles podem escrever em braille com reglete e punção, máquina de escrever em braille, *notetaker* em braille ou computadores que imprimem braille em relevo.

⁹ É uma instituição federal da administração direta e especializada na educação e atendimento de pessoas cegas e com baixa visão, localizado na Urca, Rio de Janeiro.

¹⁰ É a autobiografia de Hellen Keller, escritora e ativista americana que lutou e superou as dificuldades impostas pela cegueira e a surdez. Publicado em 1902, foi um enorme sucesso de público e a história foi levada as telas em 1962 no filme “O Milagre de Anne Sullivan”.

[...] não havia livros em braile a não ser os que tinham vindo da Europa. As cartilhas que os alunos usavam eram feitas à mão no próprio Instituto. Contaram-me que no Rio de Janeiro havia o Instituto Benjamin Constant que possuía uma biblioteca onde se poderia pedir emprestado livros em braile.

A oportunidade de acesso a escrita e alfabetização através do sistema braille oportunizou a pessoa com deficiência visual sua maior independência e comunicação com o mundo a sua volta, além de favorecer o princípio de igualdade, levando em consideração as diferenças próprias de cada indivíduo e como se apropria do conhecimento. Para nos lembrar tal apontamento, vejamos o que diz Santos (2003, p. 56):

[...] temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

A inserção de pessoas com qualquer tipo de deficiência na sociedade aconteceu de modo bastante lento e árduo, tendo que desnudar conceitos preestabelecidos, pois se observou na história que uma pessoa com deficiência era estigmatizada, taxada de “aberração”, anormal, considerada incapazes de desempenhar algum tipo de papel social. Como bem coloca Souza (2010, p. 27),

[...] a sociedade considerava a pessoa com deficiência como um ser “indesejado”, “um peso”, “um estorvo”, castigo dos deuses e, em casos extremos, uma “aberração” da natureza. Era inimaginável que ela fosse capaz de ter uma vida independente, de ser feliz, e ter um futuro em que a sociedade pudesse se orgulhar dela.

Para desmistificar essa concepção ainda em 1939, a jovem deu prosseguimento a seus processos de aprendizagens, agora para dar continuidade ao seus estudos de música conforme o código de musicografia braille, com auxílio de seus familiares. Seria Dorina Nowill uma anomalia? Um monstro humano? Michel Foucault em “Os Anormais” trás uma análise do domínio da anomalia que começou se definir em meados do século XVIII, fazendo uma articulação com o século XIX, que diz que

[...] o contexto de referência do monstro humano é a lei, é claro. A noção de monstro é essencialmente uma noção jurídica – jurídica é claro, no sentido lato do termo, pois o que define o monstro é o fato de que ele constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza. Ele é, num registro duplo, infração às leis da existência mesma. O campo

de aparecimento do monstro é, portanto, um domínio que podemos dizer “jurídico-biológico” (FOUCAULT, 2001, p. 69).

Dorina Nowill foi nesta perspectiva, compreendida como um monstro que infringiu a lei jurídica da existência ao se revelar uma mulher capaz de resignificar suas ações com novas adequações e aprendizagens, mesmo após uma determinação física da perda da visão, que a levou também a ser uma anomalia, ao ser modificada em sua anatomia original. É ser a forma natural da “contra-natureza”, que fugia das normatizações, padrões postos socialmente. É ser infração de um poder, de uma lei duplamente.

Com o argumento de uma urbanização e as novas convicções afloradas no Brasil desde o século XIX, segundo Almeida (1998), havia a possibilidade de a mulher viver uma realidade moderna de integração à sociedade, a qual passou a vivenciar. Mesmo de forma restrita, tinha acesso ao espaço público, a rua. Mesmo o local considerado sem respeitabilidade para as mulheres e predominantemente ocupado pelos homens. Com esse formato, a mulher, como mãe, inserida no ambiente privado e estimada como educadora dos futuros cidadãos respeitáveis, foi um dos fatos que oportunizou à mulher a entrada no espaço escolar e sua inclusão no magistério.

Com isso, a classe dominante nota a importância de as mulheres estarem letradas, sabendo ler, escrever, conversar, e conhecer um pouco do mundo. Essa educação tão acreditada, era condicionada, apenas ao entendimento e à orientação para o ambiente social e para a formação dos filhos. Esse pensamento

[...] valorizava a mulher apenas como mãe e esposa abnegada, para quem o lar era o altar no qual depositava sua esperança de felicidade e, sendo o casamento sua principal aspiração, era a indicada para ser a primeira educadora da infância, sustentáculo da família e da pátria (ALMEIDA, 1998, p. 18-19).

Como nos lembra Guacira Lopes Louro (1997), com a independência do Brasil em 1822, desenvolveu-se uma fala oficial disposto a tecer uma fotografia separada do colonialismo e de esperança pela modernização, vislumbrando a educação como cerne importante nessa construção. Porém, na realidade, o fato continuou em suas afirmações de permanência de controle.

Sendo assim, a importância dessa instrução requerida tinha respaldo, por ser considerada relevante à concepção da boa mãe, mestras nos primeiros anos de vida dos futuros homens da sociedade. Entretanto, a bússola defendida é que deveria estar restrita ao espaço e utilidade doméstica. Portanto, o direito da mulher à formação não se deu de forma integral. A criação das primeiras escolas normais, em 1835, na cidade de Niterói; na Bahia, em 1836; em Minas Gerais,

em 1840; em São Paulo, em 1846 e no Rio de Janeiro, em 1880, não modificou o quadro existente da educação da mulher.

Em 1943 a jovem Dorina Nowill teve acesso a sua primeira máquina de escrever em braille, sendo-lhe ofertada pelo então embaixador Macedo Soares em suas férias de verão. Ainda no corrente ano, adentrou a Escola Normal Caetano de Campos por intermédio da inspetora, colega e futura amiga na luta pela inclusão da pessoa com deficiência visual, que a convidou para uma sessão inaugural de uma biblioteca braille que ajudava a organizar, Regina Pirajá da Silva¹¹, filha do então professor Dr. Manuel Pirajá¹², pessoa responsável que em conjunto com a direção conseguiram a bolsa para de estudo para a jovem tivesse acesso a então renomada instituição de formação do magistério paulistano.

Nessas instituições, a orientação primária era restrita à atuação das mulheres, além de disponibilizarem poucos educadores com qualificação recomendada à qualificação de professores. Mesmo em quantitativo insuficiente para promover a formação das normalistas, não havia um quadro de professores habilitados para exercerem nas instituições, aspecto piorado pelo afastamento de uma proposta pedagógica que desse sustentação a sua organização. Segundo Safiotti (1976, p. 196) as primeiras Escolas Normais, “[...] concebidas para pôr fim à improvisação, serão elas mesmas as instituições nas quais a improvisação passaria a existir em outro nível”.

Em uma sociedade patriarcal a ocupação das mulheres nas Escolas Normais representava uma resolução para a questão da mão-de-obra nas escolas femininas. Como ressaltou Novais (1984, p. 20-21): “[...] as primeiras normalistas como pessoas de moral duvidosa, o que se entende, pois as primeiras Escolas Normais eram destinadas as camadas pouco privilegiadas que, aquela época, ainda não viam na educação um mecanismo de ascensão social”. Sendo assim, se refletia as reações negativas, a convite as mulheres a ocuparem esse espaço.

Portanto, vale ressaltar que em meados do fim do século XIX, a Escola Normal desempenhou funções de dar qualificação profissional e elevar a formação das mulheres. Essas instituições, mesmo não tendo traços dos Liceus ou Colégios Secundários, se tornaram um dos poucos espaços de continuidade dos estudos para a mulheres, com isso estimulando um novo

¹¹ Criou uma pauta braille, um sistema de transcrição manual com o qual se inaugura o Serviço Voluntário de transcrição de livros em Braille, trabalho realizado por copistas braille nas instalações da Cruz Vermelha em São Paulo e que tinha como objetivo principal formar uma biblioteca braille.

¹² Médico e cientista brasileiro, nascido em 1873 Camamu, Bahia, de enorme significado para o avanço no tratamento das doenças tropicais, como por exemplo, a identificação do verme causador da esquistossomose.

perfil de cliente; como jovens de famílias ricas que procuravam apenas elevar o seu grau de instrução. Almeida (1998, p. 64) afirmou que

[...] a inserção profissional das mulheres no magistério não foi aceita tranquilamente pelos homens que exerciam a profissão porque isso significava a perda de um espaço profissional. Pensar que o processo de feminização do magistério foi resolvido pacificamente e instalou-se como uma concessão feita às mulheres revela-se um equívoco por adotar uma visão que considera um aspecto apenas parcial do fenômeno.

Mesmo após 63 anos de criação da Escola Normal Caetano de Campos na cidade de São Paulo, ainda é possível ver vestígios intrínsecos da cultura machista e segregadora. Seria devido ao fato de Dorina Nowill passar a ocupar um lugar que gerou desconforto para os padrões do seu tempo, por ser uma pessoa com deficiência visual em busca de formação no magistério. Como descreve em sua escrita:

[...] a entrada para Escola Caetano de Campos foi um marco em minha vida. Interessante lembrar que muitos diretores do Departamento de Educação de São Paulo, não acreditavam na possibilidade da minha participação como aluna regular no Curso Normal... Foi nessa época que se estabeleceu, as bases de todo o trabalho que eu viria a desenvolver. Foi dessa época que tudo nasceu (NOWILL, 1996, p.21).

Em seu texto, Dorina Nowill revelou seu olhar para as indagações do que lhes eram postas e iniciou aquilo que reverberou para as futuras gerações. Em um sinal de desobediência ao modelo normativo colocado para uma futura professora do magistério. Como um monstro humano, como afirma Michel Foucault (2001, p. 47), “[...] ele é o limite, ponto de inflexão da lei e é, ao mesmo tempo, a exceção que só se encontra em casos extremos, precisamente. Digamos que o monstro é o que combina o impossível com o proibido”.

Em seu curso a jovem iniciou suas atividades para educação da pessoa com deficiência visual. Aproveitando os estágios da cadeira de Metodologia, se organizou com um grupo de colegas da turma que passaram a desenvolver ações no ICPC, local que outrora lhe acolhera e apresentara o mundo do braille. Nowill (1996, p. 22) descreveu:

[...] o trabalho foi realizado a título experimental, uma experiência pedagógica que lhe deu excelentes resultados. Esse grupo foi extraordinário, fez os estágios regulares da cadeira de Metodologia e outros com crianças cegas. O grupo se entusiasmou e o Instituto Padre Chico permitiu que essa experiência pedagógica fosse realizada lá. Eu procurava orientar de acordo com a minha experiência de pessoa cega; até certo ponto isso poderia ser contestado.

Dorina Nowill (1996) afirmou que a prática pedagógica no ICPC, em São Paulo, onde o grupo da Escola Normal Caetano de Campos aprendeu o sistema braille, criou cartilhas, livros

de leitura intermediária e ensinou as crianças um método de alfabetização partindo da frase para a palavra, e da palavra para a sílaba. Foi de grande relevância para sua formação e de seus colegas. Tendo um desses estágios realizados na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato¹³, na ocasião sob a direção de Lenyra Fraccaroli que mostrou-se interessada em criar um setor específico com livros em braille. Tal setor, logo se transformou em sala braille, e anos depois foi nominada de “Dorina Nowill”, visando atender as crianças cegas que utilizavam a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, criando assim o primeiro serviço para cegos numa biblioteca pública do Brasil.

Em 1945 era chegado o terceiro ano do curso Normal. Como fruto dos estágio desenvolvidos ao longo da formação, Dorina Nowill propõe a direção da instituição a oficialização da experiência, ao procurar o Departamento de Educação da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e seguem em conjunto na elaboração dos relatórios e, conseqüente, provas práticas compostas por profissionais específicos para avaliar o nível da formação e seu caráter educativo. Posteriormente, se torna o primeiro curso da América Latina especializado na Educação de Cegos realizado dentro de uma escola de formação de professores.

¹³ A *Biblioteca Infantil Municipal* foi criada em 14 de abril de 1936 como parte de um amplo projeto de incentivo à cultura elaborado por um grupo de intelectuais liderado por *Mário de Andrade*, então diretor do Departamento Municipal de Cultura. É a mais antiga biblioteca infantil em funcionamento no Brasil e precursora de outras similares, tanto no município como no interior do estado de São Paulo, graças à educadora e bibliotecária *Lenyra Camargo Fraccaroli*, que, além de dirigir a biblioteca até 1960, também incentivou e supervisionou a construção de bibliotecas infantis em vários bairros da capital.

Imagem 4: Estudantes do curso de Especialização da Escola Normal Caetano de Campos (1946)



Fonte: Acervo do Memorial da Inclusão (1946).

Com o passar do tempo se transformou em um curso regular sendo constitucionalizado por meio do decreto 24.606-A¹⁴, expedido pelo governo de São Paulo em 31 de maio de 1955, a fim de fomentar uma formação continuada dos professores primários sem prejuízos no vencimento e incentivo governamental. O intuito era concretizar condições educacionais para a integração educacional e social da pessoa com deficiência.

Desse modo, Dorina Nowill ao olhar para sua condição e formação, compreende a necessidade da escola ser um ambiente de formação continuada e que olhava para seus sujeitos nesse processo, atrelando suas necessidades e identificação; seja no presente durante sua instrução ou no futuro, enquanto prática a ser desenvolvida. Guimarães (2006, p. 111) destaca que

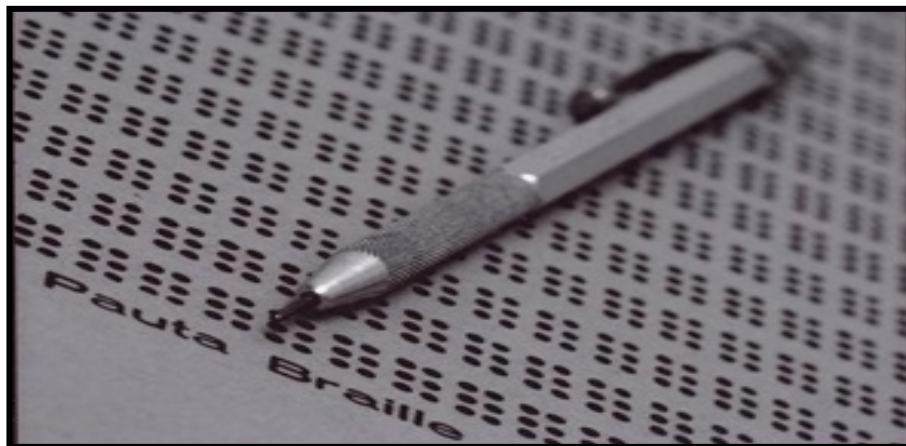
[...] os problemas da formação de professores só podem encontrar soluções satisfatórias se compreendermos que formação e profissionalização docentes são aspectos indissociáveis e que estão profundamente imbricados na escolha da profissão, na forma de ingresso no campo de atuação, no acolhimento no local de trabalho, nas formas de organização e produção do trabalho escolar, no grau de satisfação profissional com a carreira e com a profissão e nas perspectivas de crescimento e desenvolvimento profissional ao longo da vida.

¹⁴ Trata da autorização de funcionamento de um curso de Especialização para o ensino de cegos no Caetano de Campos, com duração de um ano. O mesmo documento permitia que dez professores primários (cinco da capital e cinco do interior) frequentassem esse curso custeado integralmente pelo poder público. Afim de consolidar o incentivo para formação e inserção da pessoa com deficiência visual no espaço escolar.

Simultaneamente, em conjunto com suas colegas de formação a jovem deu continuidade ao seu trabalho voluntário iniciado outrora com sua mãe, ainda no período da Segunda Guerra Mundial, junto a Cruz Vermelha Brasileira¹⁵. Dessa vez, a atividade voluntária desenvolvida tinha outra finalidade: realizar a transcrição para o braille. Contando com a pauta braille desenvolvida por sua amiga Regina Pirajá, afim de ampliar o interesse pela produção de mais livros nesse formato, tendo em vista o crescimento da sala braille¹⁶ da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato e que possibilitaria maior alcance de público.

Tal iniciativa teve o apoio fundamental da Companhia Paulista de Estradas de Ferro para fabricação das regletes; por intermédio do embaixador Macedo Soares. Sendo assim, afirmou Dorina Nowill (1996, p. 25): “[...] dessa forma, iniciou-se um Serviço Voluntário de transcrição de livros em braille, contando com as alunas da Caetano de Campos e voluntárias da Cruz Vermelha”. A pauta era colocada sobre o mata-borrão e as letras eram feitas em relevo comprimindo o punção. Esse método era extremamente rudimentar, mas ao mesmo tempo funcional. Devido o alto custo do papel específico utilizado, esse trabalho precisava ser feito com extrema qualidade e precisão. Por isso, a necessidade de apoio financeiro para aquisição das regletes metálicas e supervisão de pessoas experientes nesse processo de instrumentalização.

Imagem 5: Pauta para ensino do braille para educadores criada por Regina Pirajá na década de 1940



Fonte: Acervo Centro de Memória Dorina Nowill.

¹⁵ A Cruz Vermelha criada em 1907, é a principal instituição de ajuda humanitária do mundo. No Brasil está presente em 21 estados. Seus voluntários sempre dizem que, para minorar o sofrimento da população, são os primeiros a chegar e os últimos a sair.

¹⁶ A sala se transformou anos mais tarde, em 1982, na Divisão de Biblioteca Seção Braille do Centro Cultural de São Paulo.

Após anos de estudo e realizações de provas escritas, se chegava a reta final através da realização do exame prático de conclusão do curso Normal, na qual Dorina Nowill seria avaliada por meio de uma aula ministrada a classe do curso primário, em uma sala do terceiro ano. Sendo sorteada a lecionar sobre a matéria de Ensino Religioso, área com a qual demonstrava forte identificação. Sobre este episódio, Dorina Nowill (1996, p. 27) relatou:

[...] nem é preciso contar com que emoção eu preparei uma aula que era o passo conclusivo de todo um esforço realizado, mas que se me afigurava bastante difícil. Resolvi dar a aula usando o método de autogoverno e utilizar os próprios alunos para todas as atividades de demonstração que se fizessem necessárias.

Tendo finalizado todos os caminhos para a obtenção da licitação para o exercício do magistério primário, em 11 de dezembro de 1945, ocorreu sua formatura no Teatro Municipal de São Paulo, diante de aproximadamente duas mil pessoas. Na ocasião, foi premiada pela diretoria da Escola Normal Caetano de Campos e pela Secretaria de Educação, ocupando uma das cadeiras prêmios da instituição formativa, devido a sua trajetória e obtenção de notas elevadas. Foi designada junto com sua colega Neith Moura para lecionarem no ICPC.

A jovem agora não era mais apenas a primeira aluna cega a frequentar uma escola regular, do curso Normal na Escola Caetano de Campos, na cidade de São Paulo, mas a ser também a primeira a se credenciar ao exercício da profissão do magistério, como demonstra o registro abaixo. Dorina foi alguém que estava ali, muito perto da regra, e sua correção é, por isso mesmo difícil de ser concretizada. Os limites posto por sua deficiência a não impediram de lecionar, com isso transgride a normalidade que se estabelece nos espaços escolares; agora uma pessoa com deficiência visual desenvolve sua docência. Ele não é o apenas o monstro “em si”, que se manifesta no extremo. Mas também é um incorrigível, porque sua visibilidade enquanto sujeito só é notada quando esta passa pelas etapas de correção das diversas esferas de adaptação oferecidas e mesmo obrigatórias nos moldes postos, como a escola; e neles ela não se corrige, não se revela nos resultados esperados (FOUCAULT, 2001).

Imagem 6: Diploma de formação na Escola Normal Caetano de Campos



Fonte: Centro de Memória Dorina Nowill (1945).

Dorina teve a oportunidade de lecionar no ICPC, mesmo em um curto período de tempo. Em parceria com sua colega, atravessam barreiras por serem recém formadas, com novas possibilidades de desenvolvimento o que incomodava as irmãs (QUEIROZ, 2011). A sala de aula agora como professora oficialmente, lhe trazia sabores e dissabores como a mesma afirma:

[...] no meu primeiro dia de aula, a sensação foi arrasadora, atrás de uma mesa, diante de uma classe embora com poucos alunos, uma sensação inesquecível. De início é um vazio, uma sensação de impotência, até que se inicie o relacionamento. O encontro com alunos cegos é muito mais difícil para um professor cego. Inúmeros problemas surgiram e no momento era preciso ter iniciativa e criatividade para resolvê-los. O professor cego precisa ter muita capacidade imaginativa para criar soluções no momento certo, soluções que ele não aprendeu na escola (NOWILL, 1996, p. 29).

Nessa fala de Dorina Nowill se registra as impressões de sua prática inicial em sala de aula e o turbilhão de emoções que as descreve. Neste sentido, Sandra Pesavento (2003, p. 12) afirma que “[...] as sensibilidades, este objeto do desejo do historiador da cultura, são apenas resultado de uma química especial, que envolve corpo e espírito nesta dinâmica interativa com a realidade, que definimos como anterior à capacidade reflexiva racional”.

Imagem 7: Dorina Nowill e sua família



Fonte: Centro de Memória Dorina Nowill (1958).

A década de 1950 foi marcada por grandes acontecimentos e um dos que mudaria a logística da vida de Dorina é seu casamento com Edward Hubert Alexander Nowill. Tal união lhe renderia cinco filhos, doze netos e dois bisnetos. Agora, a então jovem Dorina se torna socialmente a senhora Dorina de Gouvêa Nowill.

A imagem acima retrata o casal Nowill e sua prole. Da esquerda para direita temos a Dorina, seu esposo mais conhecido como Alex Nowill que segura seu caçula Marcio, Alexandre, Denise, Cristiano, Dorina, Martha e a segunda mulher adulta é a Maria Marta sua sogra. O presente registro indica de forma simbólica o que para Dorina Nowill é sua família; a forma como as crianças estão organizadas e seu esposo segurando seu filho mais novo, trazem a tona que a presença quanto mulher não era apenas figurativa, mas que de alguma forma seu companheiro se mostrava ativo na relação paterna (no cuidar para além do suprir), trás uma certa informalidade para aquilo que seria a família ideal para a década de 1950, na qual a mulher estabeleceria apenas a ordem do lar e a educação dos filhos (LOURO, 1997).

Dentro deste cenário, encontramos uma mulher que após trinta anos de existência passou a assumir um novo papel: esposa e mãe. Mesmo historicamente o magistério sendo visto como a extensão do lar, ou seja, um vislumbre de uma atividade naturalmente praticada para educar

os filhos, numa feliz combinação entre professora competente e dona de casa. Neste sentido, Guacira Lopes Louro (1997, p. 78) expõe uma fala que retrata todo este desenvolver:

[...] se a maternidade é, de fato, o seu destino primordial, o magistério passa a ser representado também como uma forma extensiva da maternidade. Em outras palavras, cada aluno ou aluna deveria ser visto como um filho ou filha espiritual. A docência assim não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la.

Ainda no campo das anomalias apresentadas por Michel Foucault (2001) temos o monstro masturbador. Este ser se configura universalmente devido a prática da masturbação, algo que se apresenta em todos os indivíduos no campo do segredo compartilhado, mas não revelado, comunicado a ninguém. É uma espécie de negação de uma vida autônoma, espaço marcado pelos caracteres da infantilização, para além do desejo, um certo medo de ver surgir um monstro humano. É o limite da sexualidade voltado a contenção, tornando-se assim peça fundamental na formação do "anormal".

A espera pelo momento de concretude dos desejos revelados nas linhas da história de Dorina Nowill para a sua sexualidade, se misturam as técnicas postas para controle do seu corpo. Seja por meio da ideia do dom de ensino através do magistério ou como esposa e mãe. Para ambos os papéis, se fez necessário a aprendizagem. Logo mais iremos desbravar os caminhos profissionais de Dorina e seu reverberar enquanto uma intelectual, que fez de seu trabalho e vida luta para si e seus pares, na promoção de ações de equidade e permanência desses corpos no meio social.

1.3 A intelectual Dorina Nowill

São muitos os caminhos que nos levam a compreender um intelectual e sua atuação no corpo social. Priorizamos aqui as experiências pessoais e profissionais de Dorina que a credenciaram como uma referência no tocante a inclusão. Sua intelectualidade não estava circunscrita a um espaço restrito de produção acadêmica, falando para sociedade do alto de uma espécie de torre de marfim. Pelo contrário, ela se constituiu por meio das suas próprias relações, do seu envolvimento com as pautas que lhe afetavam direta e indiretamente e, sobretudo, da construção cotidiana de um vir a ser, um horizonte de expectativa almejado e consolidado a cada ação, lei ou decreto em favor dos cegos.

Imagem 8: Visita de Helen Keller a FLCB em 1953



Fonte: Fundação Dorina Nowill (1953).

Alguns importantes elementos da vida da Dorina Nowill intelectual, se estabeleceram durante sua estadia nos Estados Unidos. Ao participar do Seminário de Home Teachers, em Nova York, Dorina Nowill teve a oportunidade de conhecer pessoalmente Helen Keller, a primeira pessoa surda e cega a concluir formação superior. Uma referência mundial quando se trata de inclusão. Ao se conhecerem, a escritora e ativista social revelou a brasileira o desejo de conhecer o Brasil, algo que aconteceria anos depois através da mediação de Nowill. Na imagem abaixo, a visita de Helen Keller (ao centro) a FLCB, em 1953. Dorina Nowill a direita.

Foi também em Nova York que a intelectual conheceu o Dr. Robert B. Irwin, diretor executivo da *American Foundation for Overseas Blind* e da *American Foundation for the Blind*, em uma das palestras ministradas por ele. Ao final do evento, o mesmo marcou uma entrevista com Dorina Nowill e suas amigas Regina Pirajá e Neith Moura, companheiras nos estudos e na Casa Internacional, onde habitavam. Na ocasião da entrevista, Irwin as convidou para comemorar o Natal em sua casa de campo. O contato com ele foi de primeira importância para os passos que viriam a seguir. Foi ele que orientou a ida de Regina Pirajá para Louisville a fim de realizar treinamento para operacionalizar a imprensa braille. Foi também Irwin que as encaminhou a *Kellog Foundation* para captar recursos em favor da implementação da imprensa braille no Brasil.

Imagem 9: Neith Moura, Dorina Nowill e Regina Pirajá utilizando objetos de uso cotidiano adaptados



Fonte: Fundação Dorina Nowill (1947).

A iconografia acima trás as três grandes amigas que em rápida visualização se mostram registradas em um momento de aparente descontração entre mulheres. A relação estabelecida por elas vai além de um vínculo afetivo, suas conexões se consolidavam na medida que as necessidades de Dorina Nowill também são expostas, como por exemplo saber realizar medições de forma independente e com as devidas adequações. A convivência com a pessoa com deficiência visual expõe as suas necessidades e produz empatia as suas carências. O que essas companheiras de vida e formação não esperavam é que tal relação iria ecoar para o fitar mais amplo das ausências de outros na mesma ou semelhante situação de sua amiga. Como afirmou Nowill (1996, p. 22):

[...] nenhuma de nós, nem mesmo eu, podia imaginar até onde esse trabalho iria, até onde onde isso alcançaria, o que me faz lembrar Elisabeth Leseur: "Quando se faz o mal não se sabe quanto mal está fazendo e quando se faz o bem, também não se sabe quanto bem se faz".

Segundo a própria Dorina Nowill, a reunião com os representantes da Kellogg Foundation, Dr. Benjamin Horning e Miss Janet Marris, foi bem difícil. Marris, professora da

classe de braille, mostrou-se relutante na liberação de recursos para um país da América do Sul, devido a uma experiência malsucedida no Peru. Entretanto, para surpresa e alegria de Nowill e suas amigas, o Dr. Hornning as informou pouco tempo depois que a instituição realizaria a doação de dez mil dólares para compra dos equipamentos necessários. Em contrapartida, a manutenção dos mesmos deveria ser realizada pelo Governo brasileiro.

Este foi um dos motivos que impulsionaram Dorina Nowill a se aproximar do ambiente político nacional, estadual e municipal. Apesar de não filiar-se a partidos ou colocar-se como defensora de organizações partidárias, a intelectual estava em constante diálogo com os representantes do executivo e do administrativo, afim de garantir sustentabilidade a fundação recém criada e também impulsionar a criação de leis, decretos e políticas públicas em favor dos cegos. Cabe destacar também o contato com empresas da iniciativa privada para a mesma finalidade.

Dorina Nowill participou de diversos congressos e conferências norte-americanos e também do Congresso do Conselho Internacional de Crianças Excepcionais, em Ottawa, no Canadá. Ainda nos Estados Unidos, Dorina teve a oportunidade de conhecer espaços que desenvolviam trabalhos voltados para a pessoa cega, como a *New York Guild for Jewish Blind*. Juntamente com suas amigas, conheceu também diversas outras instituições educacionais. Nowill (1996, p. 47) afirmou que

[...] observamos também classes de conservação da vista. Muito ricas em material e equipamentos para crianças portadoras de visão subnormal. Carteiras cujos tampos eram ajustáveis, quadros negros sem brilho, evitando ofuscamento, livros em tipos ampliados, iluminação adequada.

A experiência de Nowill nos Estados Unidos se deu em função de um curso de especialização na área de deficiência visual. A formação ocorreu no *Teachers College* da Universidade de Columbia, em Nova York, e sua ida foi financiada pelo governo norte-americano através de uma bolsa de estudos. Apesar de estar em uma instituição que ministrava estudos sobre a cegueira, é importante observar as considerações feitas por Dorina Nowill, enquanto pessoa cega.

A intelectual chamou atenção para o despreparo de alguns docentes que aplicavam atividades avaliativas sem critérios de acessibilidade, com provas sem braille nem leituras gravadas. Tal descuido gerava exclusão, tendo em vista que Dorina precisava da ajuda de uma colega que lesse para ela a prova, o que só poderia ser realizado fora da sala de aula, por vezes, na escadaria do prédio. Por outro lado, em seu livro de memórias, ela destaca a atuação de

professores como o Dr. Bertold Lowenfeld, que falava sobre a importância do papel docente no processo de formação e inclusão de sujeitos com deficiência, ensinamentos que Dorina Nowill levou para sua vida e atuação (NOWILL, 1996).

Conhecer e refletir sobre as vivências, percepções e aprendizagens de Dorina Nowill no exterior, são de importância capital para compreender o papel que desempenhou enquanto intelectual mediadora. Os diversos saberes e fazeres docentes no tocante a inclusão experimentados no contexto norte-americano, comporiam agora as práticas da Fundação para o Livro do Cego no Brasil, desde pequenas adaptações em salas de aula e espaços de convivência, a implementação do braille. Muito além de questões técnicas e práticas, é possível compreender essa mediação como uma efetiva construção de pontes para o diálogo. Nowill se coloca no lugar de sujeito que realiza a mediação entre Brasil e Estados Unidos, trazendo para nossa realidade tecnologias que já existiam no contexto norte-americano. Coloca-se também como mediadora entre a cultura cega e a visual. Enquanto mulher cega que enxergou até os dezessete anos de vida, Dorina Nowill conseguiu compreender as dinâmicas que regiam esses dois universos, possuindo um lugar de fala privilegiado na busca por inclusão e trazendo para a realidade dos videntes um pouco dos anseios e necessidades da comunidade cega.

O importante papel da mediação realizada por Nowill no contexto brasileiro e sul-americano é destacado pela própria Hellen Keller, que ao longo do tempo tornou-se uma amiga. Em carta escrita por ela e endereçada a Dorina Nowill, em 17 de julho de 1953, Keller afirmou:

[...] estou também feliz em saber que a American Foundation Overseas Blind vai patrocinar a Conferência Panamericana de Trabalho para o Cego. É maravilhoso, Dorina, como o seu entusiasmo e atividade incansável estão acelerando o movimento pelos que não têm visão, não somente no Brasil, mas em toda América Latina. Sinto que não há personalidade mais corajosa e inspiradora que a sua entre os habitantes da terra da escuridão no hemisfério sul (KELLER apud NOWILL, 1996).

Para Sirinelli (2003), é possível identificar um intelectual criador e mediador cultural a partir da sua atuação em sociedade. Na trajetória de Dorina Nowill, isso se consolida com o seu retorno ao Brasil, em que buscou aplicar aquilo que havia aprendido nos Estados Unidos e que, em nosso contexto, representava grandes avanços, como, por exemplo, o livro falado.

Ao retornar ao Brasil, em 1947, Nowill assumiu a cadeira no curso primário do Instituto Padre Chico e iniciou o seu trabalho de implementação da imprensa braille na FLCB. Segundo a intelectual, foi na sala de aula, com crianças cegas, que ela teve um contato ainda maior com as necessidades dos alunos, algo que lhe oportunizou também pensar diferentes estratégias de adequação das metodologias de ensino a fim de impactar de forma positiva aqueles alunos.

A experiência no exterior também provocou a reestruturação no curso de especialização em educação de cegos da Caetano de Campos, que passou a contar com um programa semelhante ao da Universidade de Columbia, onde Dorina, Neith e Regina haviam estudado. Anos depois, o curso foi implantado na USP, uma luta que a intelectual travava há anos e só foi vencida na década de 1980. Um aspecto que chamou a atenção de Nowill nos Estados Unidos, foi a quantidade de pessoas cegas atuando no mercado de trabalho. Neste sentido, assim que chegou ao Brasil, iniciou uma busca por parceiros que contratassem pessoas com cegueira e/ou baixa visão para os seus quadros de funcionários.

Outra ação que contou com a participação da intelectual assim que retornou, foi a campanha de prevenção da cegueira, ocorrida no mesmo ano de seu retorno ao Brasil. Esta foi batizada por Adelaide Reis como “Salve um brasileiro da cegueira” e contou com uma exposição na galeria Prestes Maia (NOWILL, 1996). Ao longo de sua história pessoal, Dorina Nowill sofreu preconceitos e enfrentou dificuldades de acesso a serviços e até mesmo a cargos e trabalhos, apesar de qualificada. Foi pensando em evitar tais situações no contexto educacional, que em 1953, ela fez parte do grupo que encaminhou a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, um Projeto de Lei que garantisse a matrícula de crianças cegas no ensino regular estadual, logrando êxito. Também em 1953, foi lançado o Decreto que regulamentava a criação das classes braille, hoje salas de recurso multifuncional.

Durante os dias 11 a 17 de junho de 1954 foi realizado no Brasil o Congresso e Assembleia do Comitê Panamericano do Conselho Mundial. O evento reuniu em São Paulo representantes de todos os países da América do Sul, da América Central e dos Estados Unidos, com patrocínio da *American Foundation for Overseas Blind*. As discussões do congresso giraram em torno de unificar os esforços e lutas em prol dos cegos juntamente ao Conselho Mundial pelo Bem-Estar dos Cegos. Nesse mesmo ano, foi criado o Conselho Brasileiro para o Bem-Estar dos Cegos, com intuito de obter mais recursos e iniciativas do governo para a causa dos cegos no país.

Dorina atuou também no Conselho Mundial, pertencendo a um comitê, a Associação Internacional de Educadores de Jovens Cegos. Em agosto de 1957, a intelectual participou do Segundo Congresso Internacional da Associação Internacional de Educadores de Jovens Cegos, na Noruega. A mesma realizou a viagem contando com financiamento do governo federal brasileiro e foi a única representante da América Latina presente na ocasião.

Em 1958, a intelectual passou a realizar viagens semanais ao Rio de Janeiro custeadas pelo Ministério da Educação. As mesmas se deram durante mais de um ano para que Dorina Nowill fizesse parte de uma comissão formada pelos professores cegos do Instituto Benjamin

Constant, para criar a Campanha Nacional de Educação e Reabilitação dos Deficitários Visuais. O fato de Nowill ser frequentemente requisitada em atividades que envolvem a temática da educação e dos direitos para os cegos, atestam o peso do seu nome e o seu reconhecimento em âmbito nacional e internacional, como sujeito atuante no campo da inclusão.

Dorina Nowill foi também convidada pelo governo norte-americano para participar de um seminário de serviço de educação nos Estados Unidos, visitando escolas, bibliotecas, departamentos de educação e imprensas braille. Fez também parte do Comitê de Assuntos Urbanos do Conselho Mundial para o Bem-Estar dos Cegos. Em 1961, tomou posse como diretora da Campanha Nacional de Educação de Cegos, do Ministério da Educação, permanecendo no cargo até 1973, o que a permitiu coordenar um trabalho de formação de professores a nível nacional.

Filósofos como Norberto Bobbio e Antonio Gramsci consideram que um dos aspectos mais importantes para identificação de um intelectual residem em sua atuação política. Apesar de não explicitar seu posicionamento político de maneira clara, em suas memórias, a intelectual relatou que em determinados momentos envolvia-se com as questões que estavam ocorrendo a seu redor. Um exemplo disso é a sua empolgação em torno da Revolução Constitucionalista de 1932 ou mesmo da sua participação na marcha da família com Deus pela pátria. Segundo Nowill (1996, p. 101),

[...] poucas vezes eu me envolvi em política e sabia, como sei até hoje, que sou capaz de me empolgar. Tudo o que se refere a defesa de ideais, principalmente de ideais para melhoria da qualidade de vida do povo, de tradição e de civismo me empolga. Raramente me envolvi em política que não seja política da área de Educação e de Reabilitação de Cegos. Nessa área tenho agido calmamente, mas com persistência.

Independente de um demarcador partidário que exprima coloratura política, é possível identificar nas entrelinhas do discurso um determinado posicionamento, seja pelos ideais que lhe impactam, pelo não comprometimento direto ou mesmo pelas falas seguintes, em que a intelectual afirma que no dia 31 de março de 1964, aconteceu a “revolução”. Tal forma de enxergar os processos que levaram a instauração de uma efetiva ditadura no Brasil, podem ser compreendidos sob o prisma de uma mulher que circulava e se relacionava com grupos sociais de um recorte economicamente privilegiado e ideologicamente conservador.

Dorina descreve o período como “delicado” ou como “anos difíceis” e se refere às mudanças de liderança como momentos de tensão em que ela sempre colocava o seu cargo de diretora a disposição da nova administração. Entretanto, seu nome à frente da campanha era sempre revalidado, assim decorrendo até o ano de 1973.

Compreendemos política neste trabalho a partir de uma perspectiva ampla, que se relaciona às diversas formas de atuar socialmente em prol de uma causa. Neste sentido, consideramos Nowill como uma intelectual tomando como referência, sobretudo, sua atuação no campo da educação inclusiva, seus escritos e os diversos elementos que lhe garantiram uma posição de relevo no Brasil e fora dele. Um exemplo disso são as diversas conferências e palestras das quais participou como convidada em âmbito nacional e internacional.

Em torno do nome de Dorina Nowill gravitavam sujeitos de renome, de modo que através do seu prestígio foi possível trazer ao Brasil grandes nomes para palestras e atividades ligadas a inclusão. Exemplo disso foram as visitas de Mr. Richard Welsh, da Universidade de Cleaveland, Mr. Stanley Suterko e da própria Helen Keller. Além disso, a intelectual realizou diversas visitas, sobretudo nos Estados Unidos, a instituições educacionais e empresas que realizavam investimentos em projetos de inclusão de cegos, como a IBM.

Um evento realizado no Brasil sob a supervisão de Dorina Nowill e que merece relevo, foi o Seminário Íbero-americano de Orientação Mobilidade e Comunicação (SEMICOM), em 1972. O mesmo foi planejado pela FLCB e realizado em São Paulo e promoveu uma nova orientação no tocante aos programas de orientação, mobilidade e organização pedagógica e científica de toda a América Latina.

Nos anos de 1970, o Conselho Mundial para o Bem-Estar dos Cegos passou por sucessivas transformações e mudanças de nomes, tornando-se Comitê Latino-Americano, em 1974, circunscrevendo apenas a América Latina. Nowill ocupou diversos cargos no Comitê, inclusive o de presidente. Foi também nos anos 1970 que a intelectual desenvolveu atividades através da Organização Companheiros das Américas, em que o estado de São Paulo no Brasil, aliou-se ao estado de Illinois, nos Estados Unidos, para discutir reabilitação, realizar intercâmbio de estudantes e pesquisadores e a colaboração de técnicos. No caso deste projeto, especificamente, tratamos de um trabalho de mediação em si mesmo, potencializado pela mediação dela.

Nowill também atuou na Associação Ibero-americana de Imprensa Braille que, após realizar diversas reuniões em São Paulo e Bogotá. Em 1971, oficializou-se em na Colômbia a Associação de Editoras de Íbero-América, da qual Dorina foi eleita presidente e reeleita em 1973. A intelectual visitou também países socialistas no contexto da Guerra Fria, como foi o caso da Rússia, Iugoslávia e Alemanha Oriental. A intelectual foi responsável pela indicação do Brasil como sede da V Assembleia do Conselho Mundial para o Bem-Estar dos Cegos em 1974, proposição que foi acatada pelo Conselho em votação entre Brasil e Suécia. Para ocasião,

foi criado, inclusive, um selo comemorativo pelo correio brasileiro, conforme vemos na imagem abaixo.

Imagem 10: Selo comemorativo Brasil 1974



Fonte: Selo Mania (1974).

A imagem acima expõe um layout comemorativo criado alusivo a V Assembleia do Conselho Mundial para o Bem-Estar dos Cegos, evento que marca de forma mais enfática a presença e relevância da participação brasileira em uma atividade como essa; sendo o país responsável por acolhe-los. De forma simbólica a criação e circulação de um selo pela maior empresa pública de logística de correspondências, que circula dentro e fora da nação, demonstra o interesse e nível de envolvimento dos que geriam o Brasil na ocasião; para ações cuja tratativa debate políticas públicas para a pessoa com deficiência visual. A arte criada faz associação a imagem de olhos interligados a um globo que se entrelaçam.

Nas palavras de Dorina Nowill, a reunião foi um grande sucesso. E seguiu afirmando que

[...] durante dois anos, procuramos levantar recursos, que, além das despesas normais da V Assembleia Geral, permitisse a participação de representantes das Associações da América Latina que ainda não eram membros do Conselho Mundial. Esses representantes tinham dificuldades para conseguir passagens, hotéis e diárias, o que tornava complicada a participação dos países latino-americanos. [...] A não ser o que se realizou na Espanha em 1988, o nosso congresso em 1974 foi um dos maiores que já se realizou em número de participantes (NOWILL, 1996, p. 137).

Durante o Congresso houve uma votação direta para eleição do novo presidente, algo que não era corriqueiro nas ocasiões. Isto só aconteceu por que houve dois candidatos: Boris Zimmin, proposto pela comissão de indicações e Dorina Nowill, proposto pela delegação dos

Estados Unidos. A intelectual perdeu por apenas um voto, o que provocou espanto de todos, tendo em vista que houve campanha ou preparação. Nowill passou, portanto, a ocupar a vice-presidência do Conselho Mundial. Dentre as muitas ações empreendidas na gestão Boris-Dorina, destaca-se a organização da Conferência Internacional sobre a Mulher Cega por parte de Nowill e Fatima Shah, paquistanesa que era presidente da Federação Internacional dos Cegos. A conferência aconteceu em Belgrado, em 1975.

O ano de 1975 foi eleito como o Ano Internacional da Mulher na ONU, contando com a realização da Conferência Geral das Nações Unidas a realizar-se no México. Dorina foi nomeada através do Decreto Presidencial de 30 de maio de 1975 como uma das delegadas do Brasil, ao lado da Secretária Geral do Ministério do Trabalho, Maria Alice Silva e a grande liderança pelo direito das mulheres, Bertha Lutz. Nowill discursou na ONU apresentando seu plano de ações em favor das mulheres, aprovado com unanimidade.

Ela era a única delegada deficiente no evento, provocando admiração dos demais membros ao perceber que seu discurso fora redigido em braille. Desta conferência surgiu também a amizade entre ela e Bertha Lutz, a quem ela respeitosamente se refere como Dra. Lutz. Esta, entretanto, não seria a única vez que a intelectual discursaria na ONU. Em 1981, ano da pessoa com deficiência, Dorina chamou a atenção da Assembleia para o necessário apoio tecnológico dos países industrializados para com os países em desenvolvimento.

Imagem 11: Dorina discursa na Organização das Nações Unidas



Fonte: Fundação Dorina Nowill (1981).

No registro acima temos uma composição se uma mesa, da qual a presença feminina é quase inexistente. Dessa forma se revela, dominação dos homens sobre as mulheres nos espaços públicos e no discurso, na qual as desigualdades entre ambos geram submissão e chega até os dias atuais com características diferentes. Neste sentido Guacira Lopes Louro (1997, 95) afirma que “[...] a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência sua ampla invisibilidade como sujeito, inclusive como sujeito da ciência”.

Nowill subverte o sistema posto, vai a sede da Organização da Nações Unidas e discursar em sua XXXV Assembleia Geral, compondo o comitê brasileiro. Na ocasião discursa a cerca da: “contribuição da pessoa com deficiência na sociedade através da participação plena”, defendendo princípios de transferência de tecnologias dos grandes países industrializados para os em desenvolvimento, afim de fomentar maior acesso da pessoa cega aos equipamentos tecnológicos (NOWILL, 1996).

Cabe ressaltar que a legitimidade de Dorina Nowill enquanto intelectual em prol da inclusão, vai além das querelas políticas. A mesma é reconhecida pelo seu comprometimento e sua vida de militância. Um exemplo disso foi a supracitada Assembleia de 1981, em que o Brasil indicou quatro representantes ligadas ao Ministério da Justiça e da Educação que pouca relação possuíam com a educação de pessoas com deficiência. Observando o fato, a própria UNESCO realizou um convite direto a Nowill, solicitando, inclusive, que a mesma discursasse.

Podemos considerar como ápice da atuação de Nowill em âmbito internacional a sua gestão de cinco anos como presidente do Conselho Mundial para o Bem-Estar dos Cegos. A intelectual promoveu a integração desta com a Federação Internacional de Cegos. Realizou diversos eventos ao redor do mundo e recebeu, pela segunda vez, a medalha cidade de Paris. Visitou vinte e sete países, enfatizando aqueles que menos conheciam o Conselho e mais necessitavam de suas ações.

Ao analisar a trajetória de Nowill enquanto intelectual, é possível observar que esta foi marcada pela ocupação de cargos administrativos, públicos e de confiança. O diálogo com Sirinelli nos auxilia a compreender os aspectos que norteiam a constituição de um intelectual. O autor trabalha com as categorias de itinerário, rede de sociabilidade e geração.

Nota-se que o itinerário de Dorina perpassa uma formação na Escola Normal Caetano de Campos, o que denota um percurso formativo para atuação no campo educacional. Não a toa encontramos a intelectual ocupando diversos postos e realizando trabalhos sempre voltados para o desenvolvimento educacional, o direito de acesso a escola e a formação de professores que possuam um olhar e uma prática inclusivos. A formação nos Estados Unidos é outro aspecto

de sua trajetória que possibilita-nos entender como a mesma teve acesso a determinados saberes e tecnologias ainda incipientes no Brasil do período. De tal modo, o seu próprio itinerário possibilita a sua atuação enquanto uma mediadora cultural.

A intelectual não é apenas mediadora, mas também criadora, ao passo que criou uma fundação para assistência de pessoas com cegueira e baixa visão. É possível também atestar sua inventividade através da sua escrita sobre si e sobre temáticas relacionadas a educação dos cegos. Isto se dá por meio dos seus dois livros “E eu venci assim mesmo” (1996) e “Para quem quer ver além” (2002), ambos serão analisados de maneira mais detida no terceiro capítulo desta dissertação.

Compreender o itinerário de Dorina nos leva ao entendimento de quem ela era e de suas realizações. Enquanto mulher que ficou cega aos 17 anos, teve acesso a leitura e a escrita, possibilitando que a mesma escrevesse livros, cartas e afins. Nos leva também a perceber a facilidade com a qual a mesma circulava nos ambientes de pessoas cegas e videntes, realizando a mediação entre essas diferentes culturas.

Sua passagem pelo Caetano de Campos, também lhe trouxe a possibilidade de conhecer e conviver com pessoas de classes abastadas, que não apenas lhe impulsionaram em suas realizações – muitas vezes construindo juntamente ela – mas também garantindo financiamento de boa parte das suas investidas, como é o caso da própria fundação. Cabe ressaltar, nesse contexto, que na Escola Normal Dorina estava cercada de filhas da elite paulistana.

O bom trânsito de Nowill entre figuras política e economicamente influentes aliado à sua formação e experiências pessoais e profissionais, lhe permitiu alcançar lugares de destaque no estado de São Paulo, no Brasil e no mundo, levando consigo a bandeira da inclusão. No tocante a este aspecto, cabe ressaltar aqui que não se trata de minimizar os esforços pessoais e conquistas da intelectual. Mas sim entende-la como um sujeito em seu lugar de fala de mulher branca, intelectualizada e com acesso livre a espaços/ sujeitos de poder, conseguindo atrair o olhar sensível de empresas e governos para as bandeiras que levantava.

Para melhor compreender tal realidade, adentramos aqui na segunda categoria explicitada por Sirinelli, a ideia de rede de sociabilidade. Para ele, essas redes constituem um espaço demarcado de atuação, onde se desenvolvem relações de afinidade e sensibilidade ideológica e cultural. Se o itinerário nos permite perceber os caminhos traçados pela intelectual, o conhecimento de sua rede de sociabilidade possibilita entender como determinados acontecimentos de sua vida são engendrados através das relações que este sujeito estabelece com os que o cercam. Sirinelli (2003, p. 249-250) afirma que

[...] as estruturas de sociabilidade variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados. Assim, se os “salões”, na fronteira entre os dois séculos, constituíam uma casa importante no jogo de ludo dos intelectuais, com suas musas da sociabilidade, eles não figuram mais entre os elementos decisivos que hoje quadriculam e subtendem a intelectualidade. Seria importante aleatório tentar esboçar uma tipologia desses elementos. Mas, em todo o caso, é possível necessário fazer sua arqueologia, inventariando as solidariedades de origem, por exemplo, de idade ou de estudos, que constituem muitas vezes a base de “redes” de intelectuais adultos.

Nota-se, portanto, que a rede de sociabilidade cria uma espécie de microclima ou microcosmo, onde esses sujeitos que partilham ideais em comum gravitam, possibilitando a criação de instituições, Leis e Decretos, bem como a circulação de ideias e projetos no tocante a determinada temática, neste caso, a educação inclusiva par cegos. Essas relações se desenvolvem a partir de estruturas de sociabilidade, que podem ou não possuir uma conformação espacial em termos de materialidade. Podem, portanto, ser instituições, jornais, revistas, periódicos, congressos, associações e clubes.

Quadro 1: Rede de sociabilidade de Dorina Nowill

SUJEITO	ATUAÇÃO	RELAÇÕES
Adelaide Reis de Magalhães	Primeira doadora e presidente da FLCB.	Foi fundamental nas articulações para criação da FLCB. Promoveu a expansão do grupo de copistas voluntárias do sistema braille.
Neith Moura	Membro da FLCB.	Amiga pessoal de Dorina. Realizou curso de formação junto com ela nos EUA.
Regina Pirajá da Silva	Inspetora de alunos da Escola Normal Caetano de Campos.	Desenvolveu a “pauta braille”. Foi a convite dela que Dorina se tornou a primeira aluna cega a frequentar um curso regular na Caetano de Campos.
Zuleika de Barros Ferreira	Professora da Caetano de Campos.	Professora de metodologia que apoiou o projeto de Dorina de educação para cegos.
Helen Keller	Escritora, conferencista e ativista social.	Foi uma importante aliada de Dorina, projetando seu nome e seu trabalho para o mundo.
Robert Benjamin Irwin	Diretor executivo da <i>American Foundation for Overseas Blind</i> e da <i>American Foundation for the Blind</i> .	Auxiliou Dorina, Regina e Neith nos EUA, encaminhando-as para as atividades com imprensa braille e a Kellog Foundation.
Carmen Santos Meira de Vasconcelos	Madrinha de Dorina.	Foi Carmen quem lhe apresentou Adelaide, uma das principais parceiras de Dorina no processo de criação e consolidação da FLCB.
Therezinha Fleury de Oliveira Rossi	Membro da FLCB. Colega de turma de Dorina.	Era uma das responsáveis pela escolha dos livros a ser traduzidos para o braille e pela elaboração dos primeiros livros falados.
Benjamin Horning	Responsável pela Kellog Foundation	Liberou a verba de 10 mil dólares para implementação da imprensa braille na FLCB.
Jânio Quadros	Presidente da República	Durante seu mandato foram criadas iniciativas legais para o financiamento da FLCB e

		instituições filantrópicas, a partir de seus diálogos com Dorina, que assumiu a presidência da Campanha Nacional de Educação de Cegos.
--	--	--

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2021).

Destacamos, neste sentido, a própria FLCB, que sendo criação de Dorina e o grupo de sujeitos a sua volta, era um espaço de sociabilidade para eles, mas funcionava também como espaço que possibilitava a legitimação social de suas ações. Para além dos atores sociais que estavam junto a Nowill na fundação e gerenciamento da FLCB, sua rede de sociabilidade era composta por nomes de peso na política e no campo intelectual brasileiro e internacional. No quadro acima, apresentamos alguns dos sujeitos que compunham a rede de sociabilidade da intelectual.

Nota-se que Nowill estava cercada de nomes que lhe garantiam suporte e legitimidade em suas ações. É importante ressaltar a presença ostensiva de mulheres ao seu redor. Em se tratando de educação no Brasil do século XX, é possível compreender que este era um espaço ainda, em grande medida, reservado às figuras femininas, assim como as ações e programas de assistência social. Elas foram fundamentais no processo de constituição e consolidação da FLCB, bem como em todo o suporte profissional e pessoal a figura de Nowill.

Para além da FLCB, já citada como uma estrutura de sociabilidade, destacamos também a participação de Dorina nos mais diversos congressos, seminários e comissões nacionais e internacionais, onde eram realizados debates acerca da questão do cego, seu bem-estar e sua formação. Tais eventos também funcionavam como estruturas de sociabilidade, onde a temática da inclusão era debatida e a intelectual circulava, garantindo visibilidade para suas pautas, reverência a sua atuação e legitimidade para o seu lugar de fala.

Dorina Nowill fez parte de diversas associações no Brasil e no mundo. Desde instituições que visavam a militância em prol da causa dos cegos, até mesmo clubes de entretenimento e chás beneficentes. A circulação nesses espaços de sociabilidade potencializam e fortalecem as teias de sujeitos constituídas em torno da intelectual, promovendo ainda mais a sua figura, suas ações e sua fundação. Outra estrutura de sociabilidade ao qual Nowill estava circunscrita era a edição da *Revista Relêvo*, da qual Nowill era editora chefe. A publicação contava com artigos e trabalhos científicos produzidos no Brasil e divulgados para o público cego em formato braille. Na imagem abaixo, Dorina ao lado de suas colegas de trabalho discutem sobre a edição da revista. Havia ainda a *Revista Relevinho*, destinada as crianças. O nome é uma referência a leitura de caracteres em alto relevo, proporcionada pelo braille.

Imagem 12: Dorina e a Revista *Relêvo*



Fonte: Fundação Dorina Nowill (1949).

O registro expõe uma reunião com o corpo editorial da revista *Relêvo*, composto exclusivamente por mulheres. Tendo sua diretora e superintendente de imprensa braille a Regina Pirajá. Nesse sentido, é importante ressaltar a ocupação das mulheres nesses espaços tradicionalmente reservado ao patriarcado, não apenas como algo simbólico, mas para o estabelecimento de modificações de discursos e práticas outrora predominantemente masculinas.

Nowill era, portanto, uma mulher intelectual, criadora e mediadora cultural, fruto de uma sociedade em suas relações espaço-temporais. É neste ponto que atentamos para a última categoria trabalhada por Sirinelli, a ideia de geração. Para ele, todo intelectual faz parte de uma geração e a toma como referência, seja para reafirmá-la ou mesmo para a ela se contrapor (SIRINELLI, 1998).

Partindo desse pressuposto, temos que Nowill faz parte de uma geração de mulheres, estudantes da escola normal, que tiveram acesso a leitura e formação para atuar no campo educacional. É parte de grupo que conta com moças de boas condições e interessadas em empreender ações no campo social. É fruto também dos diálogos com Regina Pirajá, interessada na temática da educação para cegos, bem como de toda a bagagem que o curso de especialização nos Estados Unidos lhe proporcionou.

Apesar desses pontos de convergência, identifica-se também dissonâncias. Dorina foi pioneira enquanto professora cega e por isso precisou romper com vários entraves de sua geração. À medida que dialogava com seus contemporâneos e era fruto de seu tempo, toda sua atuação enquanto intelectual se deu no vislumbre de um horizonte de expectativa. Podemos

considerar suas ações como pequenos tijolos e grandes blocos que conformaram o alicerce para a educação inclusiva no Brasil, na América Latina e no mundo. Temos, portanto, que Dorina Nowill é uma intelectual que se funda como tal através de sua prática, em uma vida pessoal e profissional dedicada a militância em prol da inclusão dos cegos e a superação das barreiras no processo educacional desses sujeitos.

Nossa escrita até aqui nos apresentou as várias Dorinas que se constituem em sua existência histórica. Da menina, dos monstros, á mulher intelectual; que ocupou espaços e fez soar a sua voz. Que levou milhares a verem com seus olhos e clarearem a escuridão impregnada não a pessoa com deficiência visual, mas aos videntes com seus estigmas. Os próximos passos que se seguem dessa escrita mostrarão o principal legado institucional e suas implicações, aos quais suas estruturas permanecem até hoje na Rua Doutor Diogo de Faria, n 558, no bairro Vila Clementino em São Paulo capital.

CAPÍTULO II

**A fundação Dorina Nowill para cegos:
uma instituição atuante no corpo social**

As instituições educativas são organismos vivos, cuja integração numa política normativa e numa estrutura educativa de dimensão nacional e internacional é fator de conflito entre os campos da liberdade, criatividade, sentido crítico e autonomização dos atores e o normativismo burocrático e político-ideológico estruturante.

(Justino Magalhães, 2004)

Após compreendermos um pouco mais das diversas Dorinas em seus espaços de vida e atuação, entendemos que ela pode ser considerada como uma intelectual no sentido exposto por Sirinelli (2003). Para o autor, o intelectual sempre tem como referência uma geração, seja para referendá-la ou a ela se contrapor. Nota-se que Dorina Nowill realiza esses dois movimentos. Primeiramente, toma como base o seu lugar de fala de educadora formada pela Escola Normal Caetano de Campos. Porém, rompe com um silenciamento de anos imposto às pessoas com deficiência, tornando-se a primeira mulher cega a formar-se pela instituição.

Sirinelli concebe que os intelectuais são sujeitos criadores e mediadores culturais. Neste sentido, vislumbramos uma Dorina Nowill mediadora de saberes e vivências entre a sociedade como um todo e as pessoas com cegueira, trazendo para o debate pessoas que pouco ou nada conheciam acerca desse universo. Foi através da sua mediação que a imprensa braille foi trazida para o Brasil, popularizando a leitura acessível. Sua mediação também se deu através da militância, possibilitando a criação de políticas públicas que promovessem a inclusão.

Já como criadora, temos a sua própria produção escrita (que discutiremos no terceiro capítulo dessa dissertação) e a Fundação para o Livro do Cego no Brasil – que considero a sua criação mais relevante – instituição que foi reformulada e que desde 1991 leva o nome de Fundação Dorina Nowill para Cegos, em sua homenagem. A fundação que em 2021 completou 75 anos de existência, ocupa-se do atendimento especializado a fim de atender às necessidades dos cegos, seja em termos médicos, educacionais ou de empregabilidade. Além disso, figura hoje como instituição fortemente atuante na produção e popularização de livros acessíveis e soluções voltadas para inclusão.

As instituições desempenham importante papel em nossa sociedade. Estudar a historicidade das instituições educativas é compreender que as mesmas são socialmente construídas, atendendo a interesses de grupos específicos em um determinado espaço-tempo. Portanto, carregam em si projetos de sociedade, ideais, maneiras específicas de enxergar atores sociais e promover (ou não) sua autonomia e protagonismo. Neste sentido, Justino Magalhães (2004, p. 66) infere que

[...] a pedagogia institucional não consigna apenas à instituição enquanto espaço físico, caracterizado por uma determinada arquitetura; alarga-se ao grupo e às

representações que subjazem aos intervenientes na relação educativa, bem como aos projetos de vida que a relação dos sujeitos com a instituição permitiu realizar e tornar realidade. A identidade dos sujeitos, suas memórias, destinos e projetos, como a memória e a representação da instituição, cruzam-se e fecundam-se mutuamente enquanto construção histórica.

Nesta perspectiva, buscamos aqui ir além de uma análise que reduza a FDNC a sua conformação material. Pelo contrário, é nossa intenção apresentar suas ações e discuti-las como importante elemento para consolidação de uma legitimidade e um respaldo social conquistado ao longo dos anos pela instituição, vista hoje como um lugar de representação da inclusão e do direito das pessoas cegas. Ao tomarmos contato com a trajetória de Dorina Nowill, é notório que sua vida e obra são indissociáveis da fundação que criou juntamente com outros atores. Assim sendo, é possível também compreender como tais ações também garantiram prestígio a Nowill. Temos, portanto, um processo de via dupla em que o prestígio da intelectual possibilita a criação da instituição, enquanto também lhe serve para garantir visibilidade, inserção social, conquista de espaços, leis e decretos em favor da pessoa cega.

Nos tópicos a seguir, apresentamos primeiramente uma espécie de linha do tempo das ações mais relevantes da fundação, construída com o auxílio de materiais disponibilizados por Elisete Baruel (2006) e pelo próprio sítio eletrônico da instituição. Em um segundo momento, apresentamos e problematizamos os relatórios anuais que tratam das atividades desenvolvidas pela fundação. Assim, buscamos entender melhor um pouco de sua trajetória e como a mesma se posicionou, atuou e se apresentou socialmente.

2.1 Fundação Dorina Nowill para Cegos: o percurso histórico de uma instituição em prol da inclusão

As primeiras atividades do grupo que se articulou com o intuito de fomentar a educação para cegos em São Paulo se iniciou no ano de 1945. Os voluntários envolvidos eram alunos de Dorina de Gouvêa Nowill no Curso de Especialização de Professores para Cegos da Escola Caetano de Campos. Estes eram treinados para transcrever manualmente os livros para o braille. Segundo Baruel (2006), “[...] essa foi a semente que culminou na criação da Fundação”. Tais ações contavam com o apoio da Cruz Vermelha Brasileira, acontecendo em sala cedida por tal instituição. Entretanto, a intelectual e seu grupo logo se aperceberam da importância de consolidar este trabalho através de uma fundação. Nowill (1996, p. 25) afirmou que

[...] na Cruz Vermelha já funcionava uma sala onde copistas aprendiam o braille, mas todas sentíamos a necessidade de que era imprescindível que o trabalho fosse reunido

em uma organização que pudesse propiciar a criação de uma estrutura com recursos financeiros próprios para dar continuidade a um trabalho que certamente ultrapassaria o término do nosso curso normal.

A Fundação para o Livro do Cego no Brasil (FLCB) foi fundada oficialmente em 1946, tendo seu primeiro estatuto registrado em cartório no dia 11 de março do mesmo ano. O principal objetivo da Fundação era ocupar-se da produção de livros em braille. Podemos observar esta preocupação pelo próprio logotipo da instituição, estampado na capa de seus estatutos, no qual vemos livros enfileirados no centro do brasão. Permaneceu funcionando em espaço cedido pela Cruz Vermelha, passando em seguida a operar em duas salas do Prédio Itaquê, sendo uma biblioteca e um escritório, na rua da Quitanda, número 94.

Imagem 13: Registro do primeiro estatuto da instituição



Fonte: Centro de Memória Dorina Nowill (1946).

Dorina de Gouvêa Nowill foi uma das articuladoras e fundadoras da FLCB, juntamente com outras colegas normalistas do Caetano de Campos e Adelaide Reis de Magalhães, apresentada a Nowill por sua madrinha Carmen Santos Meira de Vasconcelos. Quando do registro oficial em 1946, Dorina Nowill encontrava-se de partida para os Estados Unidos, a fim de realizar especialização em estudos na área de reabilitação para pessoas com deficiência visual, na Universidade de Columbia, Nova York. Coube, portanto, a Adelaide Magalhães o papel de primeira presidente da instituição.

O registro da Constituição da Fundação datado de 11 de março de 1946 foi solicitado por Adelaide Magalhães e o estatuto apresenta o nome da primeira comissão gestora, tendo a

mesma como presidente da instituição. Este cargo era vitalício, podendo haver substituição apenas em caso de renúncia, incapacidade física ou falecimento. Sobre a organização da comissão, Nowill (1996, p. 26) escreveu que

[...] ao se estudar a futura diretoria da Fundação, ficou estabelecido que a instituidora e doadora do primeiro fundo, Adelaide Reis de Magalhães, seria Presidente e Ernestina Magalhães ficaria na Vice-Presidência, já que eu deveria partir para os Estados Unidos e lá permanecer por um ano ou mais, como realmente aconteceu.

A primeira secretária da instituição foi Thereza Lopes Ablas. Para o cargo de segunda secretária foi designada Therezinha Fleury de Oliveira e a tesouraria ficou a encargo de Alfrida Meira Bastos. Tais cargos eram exercidos sem a percepção de vencimentos. A vice de Adelaide Magalhães, Ernestina Reis Magalhães, era sua mãe. Ambas residiam em um palacete situado a Avenida Higienópolis, número 758. Eram, respectivamente, filha e esposa de Carlos Leôncio Magalhães, também conhecido como “Nhonhô Magalhães”, considerado o quarto rei do café, dono de inúmeras fazendas no oeste paulista. O patrimônio inicial da fundação era de 100 mil cruzeiros, doados por Adelaide Magalhães.

Esta observação é de primeira importância para delimitar uma característica da instituição: a maior parte dos recursos para sua fundação, fomento e manutenção vieram da doação de recursos particulares, característica que FDNC guarda até os dias atuais. A iniciativa de pessoas físicas e jurídicas foi fundamental para o sucesso de tal empreitada. Muitas vezes essa ajuda não vinha apenas em forma de dinheiro, mas também de trabalho, já que boa parte dos serviços prestados a instituição o eram de forma voluntária.

A preocupação com a divulgação do braille surge em seu primeiro estatuto como objetivo principal da Fundação. Afirma, entretanto, que também poderá atuar em prol dos interesses sociais, culturais, profissionais e sanitários dos cegos. Um ponto interessante a se observar na redação do documento é que desde o início a instituição pensava na perspectiva de se expandir, abrindo filiais em outras cidades e estados do país. O estatuto também dispõe sobre as atribuições de cada função desempenhada pelos gestores. Cabe ainda ressaltar a presença e a assinatura de duas testemunhas: Waldomiro de Oliveira e José Freiras Arruda. O tabelião responsável pela documentação foi Otávio Uchôa da Veiga.

Analisando as informações divulgadas pela própria FDNC em sua página institucional, podemos observar que a fundação teve como missão oferecer produtos e serviços que propiciavam aos deficientes visuais condições para assumirem o seu papel de cidadãos independentes. É também missão da FDNC oferecer à sociedade informações e serviços a esse

respeito e participar ativamente de ações voltadas à prevenção da cegueira. São seus objetivos: a divulgação do livro em sistema braille, mas podia desenvolver outros serviços em benefício dos portadores de cegueira ou de baixa visão nas áreas de educação, reabilitação, profissionalização e cultura; pesquisa e prevenção da cegueira; produção e distribuição de livros em braille e outros veículos; produção e distribuição de materiais especiais e equipamentos para uso de deficientes visuais, prestação de serviços de assessoria e consultoria especializada a entidades congêneres e outras atividades que sejam consideradas necessárias ao atendimento de portadores de cegueira e baixa visão (ESTATUTO, 1946).

A instituição tem como propósito promover a inclusão e acessibilidade às pessoas cegas e com baixa visão, para juntos transformar vidas e a sociedade. São seus valores: ética, transparência, respeito, diversidade, perseverança, compromisso e inovação. Sua visão é ser reconhecida mundialmente como referência em protagonismo inclusivo, expandindo, inovando e multiplicando ações de impacto para todas as gerações.

O primeiro estatuto da fundação, datado de 1946, a estabelece como uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, funcionando a partir de doações, das quais destaca-se a de Adelaide Reis de Magalhães, que disponibilizou a quantia de 100 mil cruzeiros para o capital inicial (ESTATUTO, 1946). Os cargos ocupados pela administração da então FLCB, o eram de maneira voluntária e sem a percepção de vencimentos. Isto nos auxilia na compreensão de que as pessoas ligadas diretamente à sua gestão eram membros de classes sociais abastadas, possuindo outras fontes de renda que lhe permitiam o trabalho gratuito e a doação de verbas. Notadamente, evidencia-se o caráter assistencialista da fundação.

O estatuto de 1946 é composto por 22 artigos, que dispõem sobre seus objetivos, bens constitutivos de seu patrimônio, competências e funções de cada membro da equipe gestora, reformas no estatuto, participação da instituição em ações e atividades filantrópicas, bem como sobre manutenção de um livro de atas para registro das decisões tomadas em assembleia. É possível perceber, a partir do documento, que a fundação detalha questões sobre o funcionamento, o despacho de documentos e comprovantes, assinaturas e a gestão dos recursos. Nota-se também uma preocupação com a transparência, pelo que a tesouraria deve apresentar anualmente um balanço da receita e das despesas (ESTATUTO, 1946).

Os primeiros frutos do trabalho da instituição e de suas representantes fizeram-se sentir já em 1947, com a inserção do curso de especialização para a educação de cegos na estrutura curricular do Caetano de Campos, representando um avanço na integração da educação de cegos na educação brasileira. Em 1949, a FLCB lançou em parceria com a Clínica Oftalmológica de Medicina (hoje pertencente a Universidade) uma campanha de prevenção a cegueira. Nesse

mesmo ano, foi criado o Departamento de Educação de Cegos, a partir da relação com a Secretaria de Estado de Educação. Esse Departamento funcionou na sede da Fundação até 1966 e foi responsável pela iniciação e desenvolvimento do ensino integrado de estudantes cegos em São Paulo (BARUEL, 2006).

A partir de parcerias com voluntários, governos municipal e estadual, bem como a doação de equipamentos e um montante de 10 mil dólares por parte da *American Foundation for Overseas Blind* e da *Kellog Foundation for the Blind*, foi possível aparelhar a imprensa braille. Esta foi instalada em 1950, na rua Prates-Bom Retiro e posteriormente nos Baixos do antigo Trianon, na Avenida Paulista, que passou a sediar a instituição. Tal espaço, porém, não apresentava estrutura adequada, contando inclusive com falhas de segurança, fazendo com que Dorina Nowill e os demais membros da instituição iniciassem uma busca por novo prédio.

Em 1951, Dorina assumiu a presidência da FLCB e já em 1952 foi lançada a pedra fundamental da nova sede da instituição. O terreno situado na Rua Diogo de Faria, número 558, na Vila Clementino, São Paulo, foi cedido pela prefeitura. É possível observar que a escolha da região foi intencional, tendo em vista que na área localizavam-se outras instituições de cuidado a deficientes, tais como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), a Cruz Verde e a Faculdade de Medicina, hoje parte da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Imagem 14: Inauguração do Prédio na rua Diogo de Faria



Fonte: Fundação Dorina Nowill (1955).

Em 1953, mais uma conquista. Foi aprovada no dia 3 de setembro a lei que instituiu as classes braille, tornando-se um marco na educação inclusiva do Brasil. O ano também ficou marcado pela visita de Helen Keller a fundação. Como hóspede oficial do governo brasileiro, a escritora surda e cega tornou-se amiga de Nowill. No ano seguinte, deu-se a mudança para o novo prédio. Porém, só em 1955 foi realizada a sua inauguração oficial, conforme podemos observar na imagem acima.

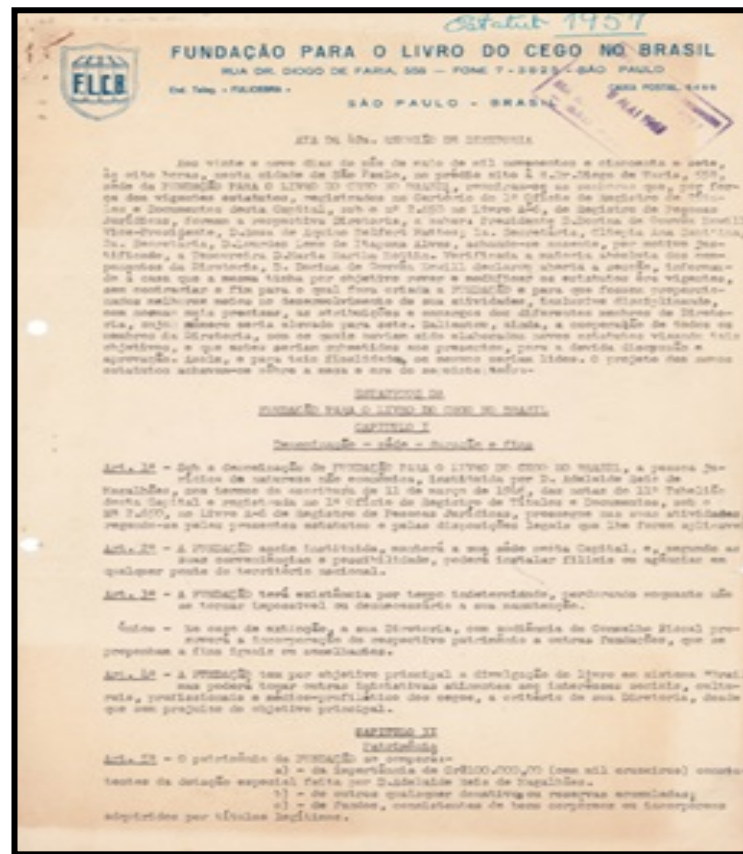
A fotografia retrata um dos momentos marcantes para FDNC e sua presidente em exercício a Dorina Nowill. O ato inaugural da nova instalação da fundação ocorreu com a presença de autoridades como o Prefeito da cidade de São Paulo, o Dr. Armando de Arruda Pereira e seu Secretário de Educação, o Dr. Néelson Marcondes do Amaral. O ilustre comparecimento desses gestores se deu pelo fato da Prefeitura de São Paulo ser a instituição doadora dos recursos para construção da instalação, assim como doadora do terreno (NOWILL, 1996).

Essa benevolência realizada pelo poder público, não se deu de forma natural. Foi uma construção não bem-sucedida realizada pela prefeitura acima da antiga instalação da fundação para o cumprimento da Primeira Bienal de São Paulo, que ocasionou praticamente a ruína total de suas estruturas. Isto possibilitou, posteriormente, a realização de cobranças mais enfáticas e oficiais dos administradores da fundação à prefeitura. Em suas memórias, Nowill (1996, p. 64) relatou sobre o acidente:

[...] quando sai da maternidade, depois do nascimento de Alexandre e fui ao Trianon, soube de uma notícia desastrosa. Toda a área que funcionava a imprensa braille havia sido atingida pela construção feita no Trianon para abrigar a Primeira Bienal de São Paulo... Fomos ao prefeito e entregamos-lhe um ofício mostrando o que havia acontecido.

No ano de 1957, ocorreu a primeira mudança no estatuto da instituição. Na ocasião faziam parte da diretoria da casa: Dorina de Gouvêa Nowill, presidente; Rosa de Aquino Belfort Mattos, vice-presidente; Olímpia Sant'Ana, primeira secretária; Lourdes Leme de Itapema Alves, segunda secretária; e Maria Martha Mottin, tesoureira. As modificações e ajustes realizados no documento giraram em torno, principalmente, da ampliação das atribuições da diretoria, que passaria a contar com sete membros ao invés de cinco. Foram acrescentadas, portanto, duas cadeiras de diretores vogais. Estes últimos ficavam a disposição da diretoria para cumprir qualquer demanda que não se coadunasse com o perfil de trabalho dos outros cargos.

Imagem 15: Estatuto de 1957



Fonte: Centro de Memória Dorina Nowill (1957).

Pelo novo estatuto, a diretoria poderia ser modificada de quatro em quatro anos. O cargo de presidente deixava de ser vitalício e passava a ser eletivo, com possibilidade de reeleição. Os demais cargos, ficavam a critério da indicação do diretor. Ao observar a trajetória e a documentação da fundação, algo que nos chama bastante atenção é a forte presença feminina em seus quadros. Isto pode ser compreendido ao explicitarmos que, no Brasil do período, o papel de educar estava muito ligado as mulheres, colocando-as como educadoras por excelência.

Neste sentido, Souza (1993) infere que a mulher possuía relevante função na missão civilizatória do país, já que estavam destinadas a ser mães e iniciar o processo educacional de seus filhos ainda em casa. Outra possibilidade de compreensão desse fenômeno pode estar relacionada às questões econômicas. Boa parte das mulheres que se envolviam com a Fundação eram filhas e/ou esposas de membros da elite paulista, denotando a visão assistencialista que esse grupo social costuma evidenciar em suas ações.

Ainda no ano de 1957, a FLCB contou com a consultoria do especialista americano Joseph Albert Asenjo. O trabalho de Ansejo foi financiado pela ONU e versou sobre a instalação da Unidade de Vendas para Cegos, instalação da Oficina de Treinamento de Cegos

para o trabalho e colocação de pessoas cegas na Indústria e estudo para criação do 1º Centro de Reabilitação de Cegos. Nota-se que este trabalho continuou repercutindo nos anos seguintes, tendo em vista que em 1958 o especialista ministrou o primeiro Curso de Treinamento de Instrutores de Orientação e Mobilidade para Cegos; e em 1959 o curso foi levado para Faculdade de Medicina da USP.

A década de 1960 iniciou-se com mais uma ação pioneira da FLCB. A instituição foi a primeira a oferecer treinamento e estágio no tratamento clínico de pessoas com baixa visão. Foi também em 1960 que se deu a criação do Serviço de Educação de Cegos-Surdos. Um ano após, iniciou-se a Campanha Nacional de Educação para Cegos, tendo na figura de Dorina Nowill a diretora da campanha, gestão que durou até 1973. A atuação de Nowill lhe rendeu no ano de 1961 o prêmio de mestra do ano da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, durante as comemorações do dia do professor.

No ano seguinte, em 1962, foi inaugurado o primeiro centro de reabilitação de cegos, atendendo a adultos e crianças na Rua Cunha, Vila Clementino. Quatro anos depois, em 1966, foi criada a Unidade de Fabricação de Equipamentos para uso de cegos. Foi também neste ano em que houve a transferência do Serviço de Educação Especial para a responsabilidade da Secretaria de Educação do Governo do Estado, possibilitando maiores investimentos e a consolidação de políticas públicas.

A década de 1970 chegou trazendo novidades a partir do uso de novas tecnologias. Os livros começaram a ser gravados em fitas cassete seis pistas e no ano de 1972 já era possível contar com os primeiros livros falados. As fitas tinham capacidade de seis a doze horas de gravação e os equipamentos foram doados pela empresa *Clarke & Smith*. As fitas eram emprestadas aos clientes. Estes ouviam em casa e em seguida devolviam. As primeiras vozes que gravavam os livros eram de artistas voluntários, tais como Stênio Garcia e Irene Ravache. Nota-se que a instituição acompanhou a evolução dos tempos e os novos aparelhos tecnológicos, de modo que anos depois os audiolivros passaram a ser gravados em fitas K7 comuns e, posteriormente, em CDs.

No ano de 1974, o Brasil recebeu a V Assembleia Geral do Conselho Mundial para o Bem-estar dos Cegos. Tal evento representou um pontapé em diversos outros eventos nacionais e internacionais que abordaram a temática. Foi também em 1974 que se iniciou a implantação do Projeto de Automatização da Imprensa Braille. Nesse processo, contou-se com a colaboração da *International Business Machines Corporation* (IBM do Brasil). No ano seguinte, foi criado o Centro de Treinamento de Cegos para uso do Optacom

O ano de 1979 foi instituído como o ano internacional da criança. Na esteira desse processo, a fundação criou o serviço de estimulação precoce e o serviço de avaliação e diagnóstico, para atender bebês com cegueira ou baixa visão, auxiliando na identificação e conseqüentemente no tratamento precoce. Também nesse ano, Dorina Nowill foi eleita Presidente do Conselho Mundial para o Bem Estar dos Cegos, hoje União Mundial de Cegos, na VI Assembleia Geral do Conselho.

Em 1989 consolidou-se o processo de modernização e informatização da produção em braille, com a instalação de estereótipos eletrônicos, contando com apoio do Banco Itaú. Também neste ano, durante a 69ª Convenção da Organização Internacional do Trabalho, foi aprovada a Convenção 159, que trata da reabilitação, treinamento e profissionalização de pessoas cegas.

No ano de 1991, a instituição passou por um processo de reestruturação. O estatuto foi reformulado e o nome também foi modificado. A mudança de nome se deu devido a constatação de que a nomenclatura Fundação par o Livro do Cego no Brasil não mais contemplava a ampla gama de atividades desenvolvidas pela instituição. De tal forma, passou a chamar-se Fundação Dorina Nowill para Cegos, em homenagem a sua fundadora e idealizadora. Acerca disso, Nowill (1996, p. 282) expôs:

[...] para minha surpresa, numa das discussões surgiu o ponto de vista levantado por várias pessoas: que para mudar o nome, precisávamos escolher um outro que fosse igualmente conhecido. A fundação já era muito conhecida em todos os países do mundo, principalmente por organizações internacionais, nos cinco continentes. Era preciso criar um nome que correspondesse ao que a fundação era, e precisava ser reconhecido nacional e internacionalmente. Chegaram à conclusão, eu confesso que quando ouvi pela primeira vez foi com uma emoção muito grande, que a fundação deveria ter meu nome. Isso foi estudado por nossos profissionais juntamente com os profissionais de propaganda. Foi aceito pela diretoria. Senti em todos uma unanimidade que me convenceu e me trouxe uma alegria imensa.

É importante analisar que o ponto chave para a mudança de nome era o respaldo e a legitimidade social dentro e fora do país. Isto nos leva a compreender a relevância da figura de Dorina Nowill, a importância de sua atuação em prol da inclusão e, sobretudo, o reconhecimento de sua figura como intelectual e símbolo da luta pelos direitos dos cegos. Esse lugar não se constituiu de maneira naturalizada, nem por Nowill, nem pela fundação que a partir daquele momento carregaria o seu nome. Antes foi fruto de um processo de lutas e conquistas por parte de ambos. A instituição que fora sua criação e lhe garantiu notoriedade, agora tomava de empréstimo um pouco do prestígio da mulher cega que discursou na ONU. Dorina e a fundação agora se fundiam para representar um unísono.

A demanda por um novo nome também descortina a amplitude que a FDNC foi conquistando ao longo dos anos, expandindo suas ações e ganhando a aprovação pública. Torna-se notória a atuação da instituição em áreas múltiplas que vão desde a reabilitação, a produção de livros em braille e a empregabilidade, abarcando de maneira global as necessidades dos cegos em suas dinâmicas de vida, trabalho e formação.

É dessa forma, portanto, que a Fundação é conhecida até hoje, situando-se no mesmo prédio da Diogo de Faria (Imagem 16). O mesmo passou por uma reforma no ano de 1996, em comemoração ao cinquentenário da FDNC. A nova organização do espaço possibilitou dinamizar e estruturar serviços de atendimento especializado, bem como a produção de novos formatos de livros acessíveis. Essa reestruturação contou com o patrocínio do Banco Safra, Banco Itaú, Indústrias Votorantim, Banco Bradesco, entre outras empresas e pessoas físicas.

Imagem 16: Prédio da FDNC na Diogo de Faria



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador (2021).

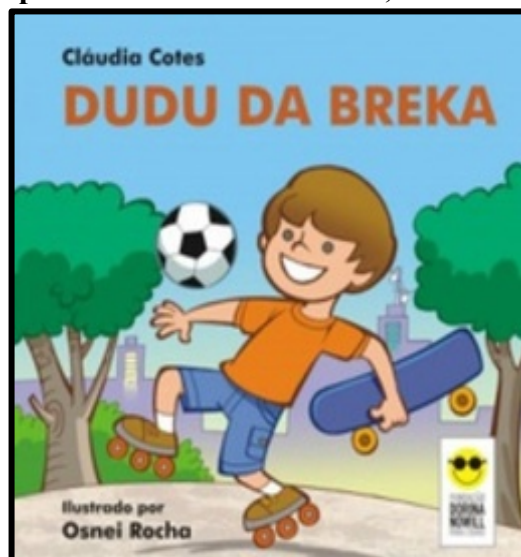
A partir do ano de 1999, a fundação passou por um processo de profissionalização, contando com a ajuda de empresários na direção. No ano 2000, Dorina Nowill deixou o cargo de diretora-presidente, tornando-se presidente emérita e vitalícia, assumindo seu antigo cargo Carlos Alberto Lancelotti. Dois anos após, iniciou-se a produção de livros em CD e a catalogação do acervo histórico da fundação, que viriam a compor o Centro de Memória Dorina Nowill, inaugurado posteriormente, em 2005.

Em 2003, deu-se início a oferta de cursos de informática para deficientes visuais. Também nesse ano, Lancelotti foi eleito presidente dos curadores, assumindo como Diretor-presidente Alfredo Weiszflog. Uma das principais realizações de sua gestão foi a implementação do Daisy, formato digital que representava grande avanço tecnológico assistivo. Em se tratando do contato inicial da fundação com o sistema Daisy, Queiroz (2011, p. 314) afirma que

[...] a novidade chegou à fundação, onde Edgar Pinto Ferreira Filho cuidava da área de inovações tecnológicas e envolveu Pedro Milliet, um comunicador que chegava à fundação como consultor. Pedro, que tinha um sócio cego, tinha desenvolvido por diletantismo um tipo de livro digital para um projeto próprio a “Biblioteca Sérgio milliet” e o programa, apresentado a Alfredo Weiszflog, acabou sendo a semente do projeto digital da fundação, pois incluía leitura sincronizada com o texto da tela e texto ampliado, para usuários de baixa visão.

A partir de 2006, a Fundação passou a investir na produção de livros digitais acessíveis, lançando no ano seguinte o Livro Digital Acessível (LIDA). Já em 2008, foi lançado o Livro Digital Acessível Daisy, em formato internacional de acessibilidade de leitura, sendo a FDNC, a primeira instituição a lançar livros nesse formato em português. Por sua vez, o primeiro título infantil em tinta-braille foi lançado em 2010, sob o título de Dudu da Breka¹⁷, de autoria de Cláudia Cotes.

Imagem 17: Capa do livro Dudu da Breka, de Cláudia Cotes (2010)



¹⁷ Em Dudu da Breka, Cláudia Cotes aborda a história de um menino cego de nascença inspirada na história real de Eduardo Bertini. A produção traz texto em braille, uso de letras ampliadas e ilustrações em alto relevo produzidas por Osnei Rocha, permitindo uma leitura acessível para todas as crianças, sejam elas cegas, videntes ou com baixa visão. O livro também é acompanhado por uma caneta com tecnologia de leitor magnético, chamada de “pentop”. A mesma realiza a audiodescrição do livro a medida que o leitor a encosta no selo existente no canto da página.

Fonte: <https://livralivro.com.br/livro/dudu-da-breka/590079.html>.

Em 22 de fevereiro de 2011, Alfredo Weiszflog passou a presidir o Conselho de Curadores, assumindo como novo Diretor-presidente Ademir Ramos da Silva Filho. A chegada de Ademir veio em um momento de necessária transição da gestão de Dorina Nowill, marcada pela boa vontade, para uma administração profissional comandada por um advogado. Sua principal missão expressou-se na modernização da instituição e sua reestruturação funcional, a fim de consolidar o plano de recuperação que vinha sendo efetivado para recuperar da crise a instituição que por um tempo não pôde contar com as encomendas do Ministério da Educação. Sobre este aspecto, Ademir relatou em entrevista a Queiroz (2011, p. 291):

Naquela época, lembra ele, a fundação produzia 3,5 milhões de livros anuais para o Ministério da Educação, livros esses que a própria entidade distribuía às escolas do Brasil inteiro que tinham estudantes deficientes visuais. Foi o fim inesperado dessas encomendas, por mudança da política governamental, que tirou da fundação uma parte importante dos recursos com que contava.

O plano de recuperação foi bem-sucedido e em 11 de março de 2011, a fundação lançou um selo comemorativo em alusão aos 65 anos de existência e em homenagem a vida e as lutas de Dorina. Em 2013, foi inaugurada a segunda exposição do Centro de Memória Dorina Nowill, intitulada “E tudo começou assim: ações, projetos e histórias que mudaram a vida das pessoas com deficiência visual”.

No ano de 2014, a instituição deu mais um passo rumo ao futuro e a modernização, lançando o aplicativo desenvolvido por ela, chamado de Dorina Daisy Reader (DDREADER). O aplicativo é aberto, gratuito e permite a leitura de livros digitais em formato Daisy, de qualquer parte do mundo, com versões em português, inglês e espanhol. Dois anos após, em 2016, a fundação comemorou 70 anos de existência e Ika Fleury¹⁸ assumiu a presidência do Conselho de Curadores.

O Conselho de Curadores possui, dentre outras funções, aprovar as políticas de gestão da entidade, deliberar sobre orçamentos, relatórios anuais, planos anuais de ação, prestações de contas. Também pode sugerir mudanças estatutárias, aprovar a contratação de colaboradores e eleger membros para o conselho fiscal, aprovar mudanças na estrutura organizacional e eleger

¹⁸ Ika Fleury é consultora na área social e gerente de projetos sociais. Foi Presidente do Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo (1991 – 1994). Faz parte do conselho curatorial da FDNC desde 1991, assumindo a sua presidência em 2016. É presidente executiva do Programa Lego Braille Bricks para alfabetização de crianças com deficiência visual, lançado pela fundação em 2016.

membros do conselho consultivo. O conselho de curadores pode ser formado por até quarenta e cinco membros.

Já ao superintendente executivo compete a gestão da fundação, os assuntos de interesse social e administrativo, gerir os funcionários, ordenar pagamentos, representar a entidade na assinatura de convênios e acordos, convocar o conselho fiscal e contratar auditoria externa, caso necessário. Outra função importante do superintendente é submeter ao conselho de curadores, até o dia 30 de novembro de cada ano, o plano de ações para o ano seguinte, acompanhado do orçamento, origem e aplicação dos recursos. Este superintendente deverá ser uma pessoa de perfil técnico e de capacidade reconhecida.

São competências do conselho fiscal: examinar os livros e documentos da tesouraria e a contabilidade da Fundação, dando parecer sobre a prestação de contas e o balanço patrimonial. Também opinar sobre questões relacionadas ao financeiro e a aquisição de bens imóveis que interessem a instituição. Por sua vez, o conselho consultivo tem o papel de assessorar o superintendente executivo sempre que necessário. Este conselho é composto por até 30 membros, eleito pelo conselho dos curadores e com mandatos de 3 anos. Existe ainda outra categoria de sujeitos atuantes na instituição, o voluntariado, composto por pessoas que se colocam a serviço da instituição auxiliando em diversas atividades.

Quadro 2: Presidentes da FDNC

PRESIDENTE	PERÍODO
Adelaide Reis de Magalhães	1946 – 1951
Dorina de Gouvêa Nowill	1951 – 2000
Carlos Alberto Magalhães Lancellotti	2000 – 2003
Alfredo Weiszflog	2003 – 2011
Ademir Ramos da Silva Filho	2011 – 2016
Alexandre dos Santos Oliveira Munck	2016 – 2020
Francisco Henrique Della Manna	2020 – Atual

Fonte: Quadro construído pelo pesquisador (2021).

A partir da observação do quadro disposto acima, nota-se que apenas duas mulheres ocuparam o cargo mais alto da instituição, a saber, Adelaide Magalhães e Dorina Nowill. Isto pode ser justificado pelo período de suas gestões, tendo em vista que o campo da educação e da assistência social eram, tradicionalmente, concebidos como espaços de atuação da mulher. Em outra perspectiva, a masculinização do cargo ocorrida a partir do ano 2000, pode ser compreendida dentro de uma dinâmica institucional que demandou perfis mais voltados para a

gestão e a administração, que para os aspectos sociais e educacionais, cuidados por outros setores e representantes da fundação¹⁹.

O estatuto vigente na fundação hoje, foi aprovado em reunião realizada aos 23 de março de 2019, na sede da própria instituição. O documento é composto por 25 artigos, divididos em 13 páginas. Nele a instituição é definida como sem fins lucrativos, predominantemente de assistência social conforme a Lei 12.101 de 2009. Esta dispõe sobre a certificação das entidades beneficentes de assistência social e regula os procedimentos de isenção de contribuições para a seguridade social. Uma breve análise do novo estatuto, permite-nos perceber o quanto a FDNC ampliou-se em termos institucionais ao longo dos anos, necessitando de mais pessoal, mais espaço e maiores especificações com relação ao trabalho de seus membros e instâncias gestoras.

São descritas como atividades da fundação: prestar serviços especializados e habilitação e reabilitação, a fim de promover a inclusão de pessoas cegas; promover atividades de acesso a informação; desenvolver e patrocinar serviços assistenciais; promover a capacitação de cegos para o mundo do trabalho; prestar assessoria e consultoria especializada a governos, estados, organizações e empresas; produzir e distribuir materiais e equipamentos especiais; promover a pesquisa e prevenção da cegueira; e promover o desenvolvimento de novos produtos e serviços. Os recursos para manutenção e desenvolvimento de suas atividades são provenientes de doações e patrocínios, rendimentos de aplicação de ativos, contribuição de doadores individuais.

Imagem 18: Produção de livros em braille

¹⁹ Atualmente, a governança da instituição conta com a presidência de Francisco Henrique Della Manna e a vice-presidência de Roberto Faldini, Luiz Felipe Passos Fleury e Anne Catherine Olesen. Alexandre dos Santos Oliveira Munck atua como superintendente. O conselho fiscal é composto por Eduardo de Oliveira, Fernando Augusto Trevisan e Marcelo José Pires Barbosa. Já o conselho consultivo conta com a participação de dez membros, enquanto o conselho de curadores é formado por quarenta sujeitos.



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador (2021).

A FDNC consolidou-se hoje como a maior imprensa braille do Brasil, contando com grandes salões onde se localiza o maquinário para produção dos livros, além de espaço e equipamentos para o processo de revisão. No mesmo prédio funcionam os setores administrativo e organizacional. A instituição conta com diversas salas onde são desenvolvidas atividades de formação, atendimento especializado, brincadeiras, sala de terapia ocupacional e reabilitação. No mesmo prédio funciona a exposição do Centro de Memória Dorina Nowill (Imagem 8). Nesta, podemos observar maquinário antigo, documentos com relação a vida de Dorina e a história da instituição, com atividades interativas para os estudantes.

Hoje a instituição conta com 125 colaboradores, sendo 86 mulheres e 39 homens. Já produziu 397 títulos, beneficiando 3.213 bibliotecas, escolas e organizações. Produziu e distribuiu gratuitamente 89.025 livros em formatos diversos: áudio, digital acessível, fonte ampliada e braille. Em seu acervo conta-se 5.124 títulos, 1.044 obras emprestadas, 6.072 usuários inscritos e 6.033 downloads realizados na Dorinateca. A FDNC também promove uma rede de leitura, que conta com 241 ações realizadas presenciais e *online*, alcançando 1.222 pessoas. Foram realizadas também 22 *lives*, somando 9.205 visualizações.

Um aspecto a ser ressaltado aqui é a presença feminina nos postos de trabalho; em sua construção a FDNC tem claramente a força dos braços de várias mulheres que dedicaram parte da sua vida a filantropia, seja por meio da instituição ou outras ações voluntárias (NOWILL, 1996).

As mulheres trabalham há um bom tempo fora e dentro das suas residências. Não é algo novo a presença do público feminino nos espaços de trabalho externos. Porém, recebeu uma dimensão grandiosa a partir de 1990. Tanto em décadas anteriores – 1970, por exemplo, com o movimento feminista - como na contemporaneidade a luta feminina é presente na sociedade, quer seja ela do século XX ou XXI.

Na década de 1990, o cenário mundial se reconfigura, perante um período de forte participação feminina no mercado de trabalho; que aumenta e caracteriza um atual contexto de inserção da mulher no campo do trabalho. É também nesse período que ocorre um aumento no número das mulheres formalmente assalariadas. Uma representatividade que aumentará em outros períodos, inclusive no século XXI. Neste sentido, Sanches e Gebrin (2003, p. 100) apontam:

No Brasil, em 2001, 34.852.764 mulheres estavam no mercado de trabalho como ocupadas ou desempregadas, número equivalente a 41,9% da População Economicamente Ativa (PEA), segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 1995, o percentual era menor – correspondia a 40,1% da PEA – e a força de trabalho feminina ficava em 29.820.663 pessoas. Quase metade – cerca de 46% do total das mulheres que estavam ocupadas em 2001 – trabalhava como assalariada, forma de trabalho que, quando envolve vínculo de trabalho formal representado pela carteira assinada, garante à mulher ocupação de melhor qualidade, com mais garantias e benefícios. No entanto, é alto o percentual de mulheres que se ocupava na condição de empregadas domésticas (18,3%), de autônomas (16,3%) ou mesmo que exercia trabalho sem remuneração (9,8%), o que evidencia a vulnerabilidade do trabalho feminino.

Sendo assim, a fundação é considerada um *locus* que majoritariamente e historicamente teve os corpos femininos em sua condução nas mais variadas funções. Isso não significa que o progresso trabalhista das mulheres foi tranquilo. Existiram várias lutas, no entanto, as diferenças foram e vem sendo ajustadas de acordo com o contexto temporal e a busca por igualdade. A presença feminina garantiu muitos direitos trabalhistas para as mulheres.

É possível observar a forte preocupação com a autonomia das pessoas que utilizam o serviço da instituição, de modo que 710 pessoas já foram habilitadas e reabilitadas, contabilizando 18.023 atendimentos realizados às pessoas com deficiência e suas famílias. Em termos de acesso ao trabalho, contabiliza-se 39 alunos qualificados nos cursos de Informática e Massoterapia; 60 pessoas incluídas no mercado de trabalho, impactando cerca de 400 pessoas ao entorno; 850 profissionais de 32 empresas sensibilizados sobre inclusão de pessoas cegas e com baixa visão no ambiente de trabalho.

A partir do exposto, podemos afirmar que a FDNC é uma instituição socialmente relevante e atuante, promovendo mudança de consciência, quebrando preconceitos e incentivando o protagonismo de sujeitos. Assim, temos que há um alinhamento entre a missão, os valores e objetivos institucionais e sua prática. Magalhães (2004, p. 58) afirma a importância de

[...] compreender e explicar os processos e os “compromissos” sociais como condição instituinte, de regulação e de manutenção normativa, analisando os comportamentos, representações e projetos de sujeitos na relação com a realidade material e sociocultural de contexto.

Sendo assim, nota-se que ao longo do tempo, a Fundação conseguiu firmar-se no Brasil como uma referência de inclusão e atendimento as necessidades dos cegos. É notório o seu crescimento físico e institucional, enquanto espaço que possui respaldo e legitimidade social no tocante a temática da cegueira. Em uma análise mais aproximada a discussão de Chartier (1988), podemos afirmar que a FDNC funciona hoje como um espaço que possui sentido e significado social, sendo uma representação espacial dos ideais de protagonismo, inclusão, autonomia e direitos da pessoa com cegueira ou baixa visão.

Tal ideia de representação está relacionada a como determinada pessoa ou instituição apresenta-se ao corpo social ou é vista por ele, através de discursos e imagens, delimitando seu espaço de atuação e sua importância. Partindo desse pressuposto, temos que a construção imagético-discursiva realizada pela Fundação e seus representantes efetivou-se, sobretudo, a partir de suas ações em âmbito institucional e até mesmo nacional, propondo programas de assistência, formação, atividades de reabilitação e atuando em prol da criação de leis e políticas públicas de inclusão.

Para melhor conhecer as ações da FDNC e o seu impacto social no século XXI, convidamos a leitura do próximo tópico. Nele buscamos realizar um passeio pelos relatórios anuais produzidos pela instituição nos últimos onze anos, discutindo acerca dos dados e números apresentados com relação a formação, atendimentos especializados, produção de material acessível e empregabilidade.

2.2 A FDNC e sua atuação nos últimos anos (2010 – 2020)

Temos vivido um tempo de rápidas mudanças no Brasil e no mundo. As mesmas têm se dado em função, sobretudo, da inserção das novas tecnologias informacionais na vida e no cotidiano das pessoas. Estas alteram a forma de os sujeitos se relacionarem com o outro e com

o mundo a sua volta. Se temos uma aceleração do tempo e das relações, temos também possibilidades de um novo olhar para as pessoas com deficiência, sobretudo, com cegueira.

Neste contexto, buscamos neste tópico identificar como a FDNC tem atuado no Brasil dos últimos onze anos em termos de promover a inclusão de cegos na sociedade, no mercado de trabalho e nos processos de ensino e aprendizagem. Para tanto, tomamos como fontes os relatórios anuais produzidos pela instituição nos últimos dez anos, percebendo as diversas ações da fundação em prol da inclusão. Os mesmos são digitalmente produzidos e encontram-se disponíveis no sítio eletrônico da casa.

Aqui iniciamos o nosso olhar analítico para o ano de 2010 e suas implicações. Este relatório foi produzido com um total de 132 páginas. Nelas encontramos informações sobre a estrutura organizacional da instituição, bem como livros produzidos, programas de assistência, campanhas e eventos. É possível observar que ao final do ano a FDNC contava com 123 funcionários, 23 estagiários e 5 adolescentes no programa “Jovem Cidadão”. Contava ainda com 298 voluntários, atuando na revisão editorial, na biblioteca, no centro de memória, no bazar, entre outros espaços. Nota-se, portanto, que o total de voluntários é superior ao de funcionários do quadro.

Durante o ano de 2010, a fundação e Dorina Nowill ganharam diversos prêmios e homenagens, tais como a Estatueta da Vitória, entregue às mulheres especiais, concedido pelo Grupo Anjos Sem Visão; homenagem do Sistema Integrado de Parques Temáticos e Atrações Turísticas de São Paulo (Sindepap); diploma pelo destaque na Cidade de São Paulo, concedido pela Câmara Municipal da cidade; prêmio USP de Direitos Humanos categoria individual e institucional; menção honrosa no Prêmio Viva Leitura, do Ministério da Cultura e Prêmio Ações Inclusivas do Governo do Estado de São Paulo, reafirmando a importância da instituição e o olhar da sociedade sobre a mesma.

Um aspecto que nos chama atenção é a forma como os colaboradores da FDNC nomearam os usuários de seus serviços. Os mesmos não são tratados como pacientes, mas sim como clientes, a fim de não os reduzir as suas deficiências, nem patologizá-los. A relação aqui estabelecida denota a ideia de que o paciente é, sobretudo, um cliente, ou seja, um usuário, um comprador de serviços, qualquer que seja o contexto em que é atendido. Neste sentido, evita-se a marginalização do PcD e a ideia de caridade, consolidando o espaço e suas relações como algo profissional, independente de existir ou não remuneração pelo serviço prestado.

Durante o ano de 2010, foram atendidos 1.552 clientes. Deste número, 1.366 casos de visão subnormal, 174 casos de cegueira e 12 casos inelegíveis. São denominados inelegíveis os casos que não se enquadram para atendimento nos programas da instituição. O relatório

apresenta também os números de clientes assistidos pelos programas da fundação: 741 pessoas na Clínica de Visão Subnormal Especial, 58 pessoas com deficiência visual no Programa de Empregabilidade, 206 crianças e jovens no Programa de Educação Especial e 547 adultos e idosos no Programa de Reabilitação. Identifica-se no relatório também as principais patologias que causam cegueira nos clientes.

A FDNC distribuiu livros acessíveis a bibliotecas e instituições de diversos estados do país, tais como Acre, Tocantins, São Paulo, Pernambuco, Sergipe, entre outros. Durante o ano de 2010, contou também com projetos especiais para inclusão das pessoas com deficiência visual nas áreas de educação, saúde, assistência social, cultura, empregabilidade e acessibilidade. Tais projetos giraram em torno, sobretudo, da adequação de postos e ambientes de trabalho, adaptação de tecnologias assistivas e suporte a profissionais de recursos humanos quanto ao recrutamento e seleção de pessoas com deficiência.

No sentido da produção e democratização do livro em braille, é notório como um importante objeto de comunicação e de acesso à informação para as pessoas com deficiência visual pode possibilitar o desenvolvimento pessoal de pessoas que ele acessam e cria condições de autonomia, independência e inclusão social. Segundo a União Mundial de Cegos (2019) O Brasil é referência para este estudo por ser o país pioneiro na edição de livros em braille no continente. Até os dias de hoje, o país é reconhecido na área de produção editorial acessível, assim como outros países da América. Objetivando em sua edição e produção priorizar os livros didáticos, os literários e as publicações periódicas de interesse geral que, em quase toda sua totalidade são distribuídas de forma gratuita, sendo até mesmo exportados para outros países.

Vale lembrar que anteriormente à criação do sistema braille, se dispunha de métodos de escrita e leitura para pessoas com deficiência visual, que foram sistematizados em tempos distintos e em várias partes do mundo com o objetivo de dar acesso à cultura escrita para essas pessoas. Nessa perspectiva, a história do livro em braille, suas mutações e os seus processos de produção nos permitem compreender a dualidade essencial do livro, que segundo Chartier (1995), pode ser compreendido como “produto” gerado para o comércio e para o lucro, e, também, como “signo cultural”; suporte de um sentido transmitido pela imagem ou pelo texto.

Contudo, o processo de editoração braille tem características específicas e precisa ter uma qualificação apropriada para a sua mão de obra, uma vez que a oferta de cursos especializados e específicos da área ainda tem um número reduzido, mesmo diante do crescente mercado nacional e internacional que vem se estabelecendo. Isso ocorre devido os espaços formativos terem apresentado aos seus estudantes esse tipo de material até mesmo aos videntes, o que favorece uma produção dual, para leitores cegos ou não.

Neste sentido, podemos observar que as ações da instituição estão profundamente ligadas ao pilar da inclusão. Tomamos aqui como base as discussões de Romeu Sasaki (1997). Para ele, incluir não se trata de moldar um sujeito para que ele se adapte à sociedade que o cerca. Mas sim de interferir no meio social, promovendo adaptações, para que este seja capaz de acolher pessoas com deficiência. Percebemos assim que a instituição prioriza trabalhar a autonomia dos cegos, capacitando-os para o mercado de trabalho, ao passo que também instrui empresas, entes públicos e a sociedade em geral no tocante às necessidades desse público, visando a interação.

Olhar sob este prisma é de primeira importância para conceber um ideal de inclusão que seja didático para ambos os lados, mas sobretudo, para dotar a sociedade de uma consciência inclusiva. De tal modo, todos tornam-se responsáveis pela construção de um modelo social que compreende e apoia os sujeitos com deficiência. Isto desloca e compartilha a responsabilidade, evitando um discurso meritocrático em que os cegos sejam os únicos responsáveis pelo seu processo de inserção e inclusão nos vários ambientes sociais. A responsabilidade de promover a inclusão é coletiva e não individual.

Nota-se também no relatório a descrição de todas as empresas parceiras, investidores e doadores, nomeando um a um aqueles que durante o ano contribuíram com a instituição, mesmo que em doações pontuais, bem como programas, convênios e parcerias governamentais. A FDNC aprovou também um programa de incentivo fiscal via Lei Rouanet²⁰, a fim de captar mais doações e financiar sua produção literária. A sustentabilidade da instituição durante o ano se deu através de: patrocínios de projetos (48%), campanhas e eventos (2%), mantenedores (5%), bazar de novos e usados (4%), convênios (7%) e prestação de serviços (34%). A descrição dos valores, apoiadores e investidores está presente em todos os relatórios produzidos pela instituição.

O ano de 2010 marcou o final da gestão de Alfredo Weiszflog como diretor-presidente da instituição, de modo que o relatório de 2011 já traz a mensagem do novo presidente Adermir Ramos da Silva Filho, que é Consultor estratégico em Gestão e Direito Empresarial. Neste ano, percebe-se que diminuiu o número de voluntários, que passou a ser de 271. Porém, houve um ganho no número de funcionários, que passou a ser de 136, contando ainda com 28 estagiários e 2 adolescentes no programa “Jovem Cidadão”.

O relatório de 2011 aponta um levantamento do número de cegos identificados no Brasil por região, onde nota-se que as maiores porcentagens encontram-se no norte e nordeste. Neste

²⁰ Lei Federal de Incentivo à Cultura é a denominação dada a Lei nº 8.313 do dia 23 de dezembro de 1991.

ano foram distribuídos gratuitamente mais de 90 mil exemplares de livros no formato braille e 59.760 livros falados. Também podemos observar que houve um aumento de 28% no número de consumidores de livros falados da biblioteca circulante. O número de pessoas com deficiência visual a utilizar os serviços especializados da fundação foi de 1.552.

O ano de 2011 também foi marcado pela assinatura do Plano Nacional da Pessoa com Deficiência “Viver sem Limite”, pela presidenta Dilma Rousseff, em 17 de novembro. A FDNC foi convidada a integrar o Comitê Gestor desse Plano. O mesmo visa desenvolver ações estratégicas para promoção da educação, saúde, cidadania e acessibilidade, a fim de promover a autonomia e a inclusão social da pessoa com deficiência²¹. O convite a participar dos debates e da constituição de um programa de nível federal para atendimento das demandas dos cegos é mais uma comprovação de que a FDNC é vista socialmente e politicamente como um espaço relevante e como referência no tocante a inclusão.

Em termos de empregabilidade, foram atendidas 105 pessoas com deficiência visual que receberam orientação profissional e apoio psicossocial, sendo encaminhadas para o mercado formal de trabalho. Nota-se, como exposto já no primeiro estatuto da fundação, que havia uma intenção de que a mesma se expandisse, alcançando outras cidades através de filiais. Tal projeto não se consolidou ao longo dos anos. Por outro lado, a instituição acabou alcançando sujeitos de outras localidades, mesmo não se fazendo materialmente presente em tais localidades. Prova disso é o cadastro de 1.943 organizações de todos os cantos do Brasil cadastradas para o recebimento de material produzido pela FDNC. Essa distribuição também se dá nas bibliotecas públicas municipais de 79% das cidades brasileiras. Também em 2011, foi instalado na Pinacoteca de São Paulo um totem em homenagem a Dorina de Gouvêa Nowill.

O relatório de 2012, assim como os demais se inicia com a apresentação de Dorina Nowill como fundadora da instituição, bem como de sua missão, visão e seus valores. Este ato de rememorar suas origens e pilares fundamentais pode ser considerado como uma forma de reafirmar-se socialmente e garantir que suas ações e sua história não sejam esquecidas ou silenciadas ao longo do tempo. Esses documentos também apresentam já em suas seções iniciais um perfil das pessoas com deficiência visual no Brasil, contando com informações do censo

²¹ A cartilha viver sem limite dispõe sobre a escola acessível, o Pronatec, o transporte escolar acessível, as salas de recursos multifuncionais, além de serviços especializados de saúde e acesso a programas como Minha Casa, Minha Vida II, Programa Nacional de Inovação em Tecnologia Assistiva, acesso a cães-guia e crédito facilitado para aquisição de produtos de tecnologia assistiva. A cartilha pode ser acessada através do link: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/pessoa-com-deficiencia/cartilha-viver-sem-limite-plano-nacional-dos-direitos-da-pessoa-com-deficiencia/view>.

demográfico acerca da faixa etária, gênero e regiões, o que pode servir como uma rica fonte de informações para quem pesquisa a temática.

No ano de 2012 foram produzidos 980 novos títulos, sendo 395 em áudio, 211 em braille e 374 em formato daisy. Já no tocante a reabilitação, conta-se 15 mil atendimentos, com 1.392 pessoas reabilitadas e 130 pessoas atendidas na área de empregabilidade. É possível observar que o objetivo principal da fundação desde a sua concepção, estava relacionado a produção de livros acessíveis e o mesmo continua sendo alcançado e colocado como prioridade, tendo em vista que a maior parte dos recursos (34%) é aplicado na promoção da leitura.

Em agosto de 2012 a fundação lançou um novo projeto, o Dona Dorina Outlet Multimarcas. O mesmo consiste de um espaço onde são vendidos produtos de grandes marcas com preços mais baixos do que o convencional. Os itens vão desde tênis a roupas de empresas parceiras e as vendas têm como objetivo gerar uma receita própria contínua e não pontual para instituição. No portfólio de projetos, nota-se que das 14 ações propostas durante o ano de 2012, 8 estavam voltadas para leitura, alfabetização, produção e distribuição de livros acessíveis, enquanto as outras 6 tinham como foco a profissionalização dos sujeitos e a modernização do Centro de Memória Dorina Nowill.

Durante o ano de 2012 a FDNC também recebeu diversas visitas de figuras como o maestro João Carlos Martins, da equipe da biblioteca suíça para cegos, do perfumista alemão Geza Schoen, de Fernando Iglesias Garcia, diretor geral da Fundação Organização Nacional de Cegos da Espanha para América Latina (Foyal) e da Princesa Mary Elizabeth, da Dinamarca. Assim, depreende-se que o trabalho desempenhado pela fundação é respeitado não apenas no Brasil, mas também fora dele, sendo tomado como referência por instituições e representantes internacionais no tocante a inclusão de pessoas com cegueira.

No ano de 2013 a fundação distribuiu 194 mil livros, sendo 483 em áudio, 284 em braille e 461 em daisy. Foram beneficiadas 2.500 instituições, escolas e organizações. Em termos de serviços de apoio a inclusão foram contabilizados 18 mil atendimentos, com 1.418 pessoas reabilitadas. Durante esse ano foi também realizada uma parceria com a empresa Goodyear, capacitando 22 jovens deficientes visuais para trabalhar na área administrativa da organização.

As parcerias com entidades privadas são uma marca da FDNC, que conta com o apoio das mesmas para realização de seus projetos. Exemplo disso foi a ampliação e modernização dos estúdios do livro falado que teve como parceiros a Gerdau, a Fundação Elijass B. Gliksmanis e a L'Occitane. Nesse contexto, podemos também citar a adequação dos trajetos e dependências de visitação do Centro de Memória Dorina Nowill, com parceria da Fundação Salvador Arena.

Para além do interesse em investir na FDNC e suas ações, é preciso também direcionar um olhar crítico para tal ligação com a iniciativa privada, tendo em vista que tais investimentos implicam em benefícios fiscais para as empresas parceiras, o que não diminui a importância do ato de doar. Cabe ainda ressaltar que a lista de parceiros mencionada acima é referente ao ano de 2013, podendo haver alterações ou mesmo o aparecimento de outros parceiros de visão em relatórios e momentos diversos.

O relatório de 2014 nos dá conta de 21.874 atendimentos, apoiando 700 famílias e reabilitando 1.178 pessoas. A fundação beneficiou 2.576 instituições, escolas e organizações. Distribuiu 254 mil livros em formatos acessíveis e contou com 2.665 clientes ativos na biblioteca circulante. A FDNC relata 272 soluções em acessibilidade, como cardápios, livros, consultorias, catálogos, guias, entre outros serviços. Dá conta também de 5 mil pessoas impactadas por cursos, sensibilizações e capacitações a respeito da deficiência visual.

Mais uma vez identificamos uma escala crescente no número de atendimentos, tendo em vista que no ano seguinte, 2015, os mesmos atingiram o número de 23.779, com apoio a 750 famílias e reabilitação de 953 pessoas. É importante pontuar que a assistência dada pela FDNC vai de acordo com a necessidade de cada pessoa, observando-se também que a reabilitação se dá por meio de atividades que envolvem terapia ocupacional, fisioterapia, acompanhamento pedagógico e de serviço social.

Compreender as dinâmicas numéricas da fundação e sua evolução ao longo dos anos está relacionado não apenas a referendar o seu lugar de fala com relação a determinadas temáticas e ações. Antes, diz respeito a percepção de como ela sobrevive no jogo político e social, não esvaziando-se de sua essência ou desconfigurando-se ao sabor dos ventos partidários e disputas ideológicas. Temos, portanto, que toda ação empreendida por alguma instituição no meio social se dá por meio de uma tensão em um campo de forças onde o projeto de sujeito e de sociedade proposto por ela pode estar ou não em acordo com as instâncias de poder. Desaulniers (1992, p. 98-99) afirmou que

[...] a instituição se constitui de um conjunto de relações sociais, as quais se instauram a partir de uma base material. Sendo assim, a análise do funcionamento da instituição escolar, através dos seus aspectos materiais e administrativos, como também das práticas, dos interesses e das categorias de interpretação dos diversos grupos de agentes, é fundamental para explicar a evolução da escolarização.

Apesar de não estarmos aqui tratando especificamente de uma escola em sentido formal, podemos observar que a FDNC apresenta elementos que caracterizam esse tipo de instituição, tendo em vista que funciona também como um espaço de formação. Através do

acompanhamento de sua trajetória e atuação é possível também compreender a sua evolução. Neste sentido, é notória a preocupação dos membros e gestores da fundação de apresentar as realizações da instituição e os números de pessoas assistidas por ela, demonstrando ao corpo social que a sua relevância justifica-se pelo próprio trabalho desenvolvido, sobretudo, no tocante a autonomização de sujeitos.

Em termos de acesso ao trabalho, o relatório de 2015 nos traz o número de 115 pessoas qualificadas profissionalmente, sendo 22 incluídas no mercado de trabalho. Durante o ano a instituição realizou 111 oficinas de empregabilidade e consolidou 8 turmas nas áreas de massoterapia, revisão braille, rotinas administrativas e informática. Já no que tange a produção e circulação de materiais acessíveis podemos observar os números no quadro abaixo.

Quadro 3: Acesso à Informação (FDNC, 2015)

AÇÕES	IMPACTOS
Produção de Novos títulos por formato	<ul style="list-style-type: none"> • 292 em áudio • 172 em braille e fonte ampliada • 151 em Daisy
Distribuição de livros	<ul style="list-style-type: none"> • 2.800 instituições, escolas e organizações beneficiadas • 145 mil livros distribuídos nos formatos braille, fonte ampliada, áudio e Daisy: <ul style="list-style-type: none"> • 80 mil em áudio • 46 mil em tinta braille • 9 mil em fonte ampliada • 10 mil em Daisy
Rede de leitura	<ul style="list-style-type: none"> • 26 atividades sobre leitura inclusiva em todo país • 210 organizações envolvidas • Grupos de trabalho em 24 Estados, no Distrito Federal e em dois municípios
Dorinateca	<ul style="list-style-type: none"> • 1.878 downloads • 871 cadastros
Biblioteca circulante	<ul style="list-style-type: none"> • 3.325 clientes ativos na Biblioteca Circulante do Livro Falado • 7.479 livros emprestados pela Biblioteca
Atendimento sob demanda	<ul style="list-style-type: none"> • 526 clientes atendidos na produção de livros • 756 obras produzidas (todos os formatos)
Revista Falada Fundação Dorina	<ul style="list-style-type: none"> • 40 entrevistas com pessoas com e sem deficiência • Mais de 500 leitores acessaram, por semana, o conteúdo • Acessos internacionais: Argentina, Europa e Estados Unidos da América

Fonte: Quadro construído pelo pesquisador com base no relatório de atividades da FDNC referente ao ano de 2015.

Em 2016 houve mais uma mudança na gestão da fundação, passando Alexandre Munk a ocupar o cargo de superintendente, permanecendo até os dias atuais. O relatório desse ano nos

informa acerca de 3.031 instituições, escolas e organizações beneficiadas, através de 91.500 livros distribuídos nos formatos braille, fonte ampliada, áudio e Daisy, sendo 75 mil em áudio, 8 mil em digital acessível Daisy, 6 mil em fonte ampliada e 2.500 em braille e ilustrado. Na Biblioteca Circulante do Livro Falado foram 8.081 livros emprestados, 3.845 clientes ativos, 4.524 títulos em acervo e 291 novos títulos em braille, fonte ampliada, áudio e digital acessível Daisy.

A Dorinateca contou com 8.102 downloads e 2.050 clientes ativos. Na Rede de Leitura Inclusiva foram 286 organizações envolvidas nos 26 Estados e no Distrito Federal, contando com 550 representantes, sendo 57 pessoas com deficiência. Foram realizadas ainda 81 ações realizadas, entre palestras, mobilizações e reuniões on-line com a participação de 3.868 pessoas presentes.

Durante esse ano foram realizados 27.763 atendimentos, com 6.229 atendimentos às famílias e 1.128 pessoas reabilitadas. Um número de 70 pessoas qualificadas para o mercado de trabalho e foram disponibilizados 9 cursos nas áreas de massoterapia, informática e rotinas administrativas. O relatório de 2016 traz também informações importantes com relação ao trabalho do Centro de Memória Dorina Nowill, que contou com a visita de 5.147 pessoas, entre professores e alunos, por meio do projeto Aprendendo com o Centro de Memória, além do curso de formação ofertado a 52 professores.

Analisando a história da FDNC e sua atuação, é possível identificar que ao longo do tempo houve um processo mútuo de aprendizagem e desenvolvimento do ideal de inclusão, observando-se que a partir de 2017 os relatórios da instituição passam a contar com publicação em versão acessível. Nota-se também que a fundação começou a publicar mais de um tipo de relatório, circulando também versões de tamanho reduzido, para instigar um maior número de acesso e leitores, já que os mesmos são bastante robustos e contam com grande número de páginas.

Os relatórios aqui apresentados, para além de um caráter descrito e de demonstração dos alcances e resultados da FDNC, trazem à tona seu papel social na clareza dos recursos financeiros e humanos para o benefício e maior alcance da instituição. Revelando não apenas um aspecto administrativo, mas de participação e transparência em todos os processos aos quais de propõe junto aos seus e a sociedade.

Observa-se que 66.084 livros distribuídos nos formatos áudio, digital acessível e braille com fonte ampliada. Deste total, a maior parte foi destinada a instituições situadas na região sudeste (45%), seguido da região sul (26%), nordeste (17%), centro-oeste (7%) e norte (5%).

Sendo assim, é possível afirmar que o eixo sudeste-sul, ao entorno de onde se encontra situada a instituição, acaba sendo mais beneficiado por sua atuação.

Um total de 7.531 educadores foram impactados por cursos online e presenciais e o Centro de Memória Dorina Nowill recebeu 2.540 visitantes. Foram realizados 23.234 atendimentos, beneficiando 5.997 famílias. A maior parte dos clientes assistidos encontram-se em fase adulta (56%), logo em seguida os idosos (29%), crianças (8%) e jovens (7%). Já no tocante ao acesso ao trabalho, 700 pessoas cegas e com baixa visão foram cadastradas no banco de currículos, dos quais 36 foram incluídas. Um total de 99 pessoas foram qualificadas e 75 empresas foram sensibilizadas. Ao considerar a proporção entre o número de pessoas cadastradas no banco de currículos e as efetivamente incluídas no mercado de trabalho, nota-se que ainda há muita resistência no tocante a contratação de pessoas com deficiência, o que potencializa a relevância do trabalho desenvolvido pela instituição e denota a importância de políticas públicas para inclusão.

O relatório de 2018 nos traz mais informações numéricas acerca da atuação da FDNC. Foram realizados 25.184 atendimentos, além de atender também a 10.071 famílias, habilitando e reabilitando 1.320 pessoas. O Centro de Memória Dorina Nowill recebeu 2.096 visitantes e 10.542 educadores foram impactados por palestras, cursos presenciais e videoaulas. Já no tocante a acesso ao trabalho, 93 pessoas foram incluídas no mercado, 129 foram qualificadas em 11 cursos de capacitação e 450 profissionais de 129 empresas foram sensibilizados sobre inclusão de pessoas com deficiência visual no ambiente de trabalho.

Imagem 19: Impacto nacional da FDNC



Fonte: Relatório anual de atividades da FDNC (2018).

A Rede de Leitura inclusiva passou a contar com 440 grupos de trabalho em 23 estados do país. Nesse mesmo ano a fundação adquiriu 26 novas impressoras digitais, aumentando sua capacidade produtiva de 280 mil para 450 mil páginas por dia. Foram produzidos e distribuídos 21.272 livros gratuitamente nos formatos áudio, digital acessível e braille, beneficiando 3.186 bibliotecas, escolas e organizações. O relatório de 2018 também apresenta o impacto da instituição em temas nacionais, identificando por região as organizações parceiras, os usuários inscritos na Biblioteca Circulante do Livro Falado e os municípios que possuem grupos de trabalho, conforme podemos observar na imagem abaixo.

Ao analisar o relatório do ano seguinte, é possível perceber que houve aumento no número de inscritos na Biblioteca Circulante em todas regiões do país, o que denota um trabalho constante de consolidação e expansão dos projetos da instituição. É notável também um grande salto quantitativo em termos de produção de livros, provavelmente devido ao novo maquinário. Foram 250 novos títulos, 221.042 livros produzidos e distribuídos gratuitamente nos formatos áudio, digital acessível, fonte ampliada e braille, impactando 3.065 bibliotecas, escolas e organizações.

Perante esses dados expostos, se entende que a FDNC se apresenta não apenas como um espaço de produção, mas de acolhida e garantia de direitos aos que ali faziam ou fazem uso das suas instalações ou dispositivos. É um lugar marcado pela disponibilidade de tornar o outro sujeito participante em sua totalidade, tendo o acesso à leitura braille como pano de fundo e sua mola, mas a prioridade são seus usuários. Em entrevista a Queiroz (2011, p. 38), Nowill revela:

[...] o cego tem direito à total cidadania, repetia ela, como num refrão. Na visão da educadora, como não havia recursos para fazer todos os livros desejáveis, era preciso fazê-los 'de acordo com a prioridade e com a necessidade, e isso é respeitar o cego como ser humano e assumir a responsabilidade social.

Para entender melhor esses impactos quantitativos que se estabelecem ao longo da história da referida instituição em seus relatórios, e que tem caráter qualitativo aos seus usuários; é preciso lembrar sobre produção e distribuição de recursos educacionais, expresso em Decreto que dispõe sobre recursos para acessibilidade²². Assim como os processos de

²² DECRETO N.º 7.611 (2011) Art. 5º, § 4º A produção e a distribuição de recursos educacionais para a acessibilidade e aprendizagem incluem materiais didáticos e paradidáticos em braille, áudio e Língua Brasileira

editoração (adaptação, transcrição e revisão) e impressão do livro em braille, que em conjunto com produção fomentam políticas públicas de acesso e democratização a pessoa com deficiência²³.

No tocante a acesso ao mercado de trabalho, foram incluídas 116 pessoas e qualificadas 102 em 14 cursos livres de capacitação. Para além dos números, nos chama atenção em 2019 o projeto Embaixadores da Diversidade, patrocinado pelo Instituto Cooperforte. Este reuniu 11 gestores de RH e 20 jovens com deficiência visual para formação em diversidade e inclusão no trabalho. Ao final do projeto, 16 jovens foram contratados por empresas participantes.

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia do novo coronavírus, o que também impactou a FDNC. A instituição, porém, buscou adequar-se para continuar realizando as suas atividades. Em parceria com o Google e a Claro, a instituição distribuiu 329 telefones celulares com internet a fim de garantir atendimentos a distância aos clientes que participantes dos programas de habilitação e reabilitação. Este projeto continua em funcionamento e visa ampliar-se, entregando 1.500 aparelhos até o fim do corrente ano de 2021.

Ainda no ano passado, apesar da pandemia, a instituição produziu e distribuiu gratuitamente 89.025 livros, beneficiando 3.213 bibliotecas, escolas e organizações. Foram realizados 18.023 atendimentos, habilitando e reabilitando 710 pessoas. Um total de 39 alunos foram qualificados nos cursos de Informática e Massoterapia, 60 pessoas foram incluídas no mercado de trabalho, impactando cerca de 400 pessoas, entre família e comunidade e 850 profissionais de 32 empresas participaram da sensibilização sobre inclusão de pessoas com deficiência visual no ambiente de trabalho.

Temos, portanto, que a Fundação Dorina Nowil para Cegos chega aos seus setenta e cinco anos de existência no auge de sua atuação, apresentando crescimento constante quantitativa e qualitativamente. Esta é uma instituição que se consolidou no corpo social como representante e promotora da inclusão, protagonismo dos cegos e busca por equidade.

Tendo em sua missão como instituição “Facilitar a inclusão social de pessoas com deficiência visual, respeitando as necessidades individuais e sociais, por meio de produtos e

de Sinais – LIBRAS, laptops com sintetizador de voz, softwares para comunicação alternativa e outras ajudas técnicas que possibilitam o acesso ao currículo.

²³ RESOLUÇÃO/FNDE/CD/N.o 024 (2004) Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Dispõe sobre a execução do processo de editoração (adaptação, transcrição e revisão) e impressão de livros em braille, por intermédio dos Programas do Livro. [...]

Art. 2o. A execução do processo de editoração (adaptação, transcrição e revisão), impressão e disponibilização das obras transcritas para o sistema braille contará com a participação dos seguintes órgãos e entidades:

I – Secretaria de Educação Especial – SEESP/MEC.

II – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. III – Órgão Federal e/ou Instituição Pública ou Privada.

serviços especializados” (ESTATUTO, 1946), a FDNC busca, através de um trabalho construído a muitas mãos, promover autonomia, reabilitação e acesso a formação às pessoas com deficiência. Nesta perspectiva, é imprescindível disponibilizar para as pessoas com deficiência visual o maior número de serviços e títulos possíveis, a fim de garantir a literatura, o estudo, o entretenimento e a trabalhabilidade, questões primordiais para seu desenvolvimento pessoal (NOWILL, 1996); além de terem acesso um espaço de acolhida para os desafios do viver, seja no tempo presente ou futuro. Este capítulo é um breve recorte de um vasto espaço convidativo a mergulhar em outras dimensões do olhar.



CAPÍTULO III

A escrita de Dorina Nowill: uma intelectual pela inclusão

A análise do discurso, assim entendida, não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação. Rarefação e afirmação, rarefação, enfim, da afirmação e não generosidade contínua do sentido, e não monarquia do significante.

Michel Foucault (1996, p. 70).

Compreendemos Dorina Nowill enquanto intelectual que demarcou bem seu espaço de destaque, influenciando as políticas sobre educação inclusiva de pessoas cegas. A partir de sua obra, considerando os livros: “E eu venci assim mesmo” (1996), e “Para quem quer ver além: lições de Dorina Nowill” (2002), estabelecemos um diálogo analítico com a fonte, nosso objeto de estudo. Aliando teoricamente a análise do discurso por meio do estudo de suas obras acima referidas, identificamos a multiplicidade e a importância da atuação de Dorina no corpo social onde esteve inserida.

Conduzimos a nossa escrita, fundamentando nosso olhar a partir da história das emoções, concordamos com a definição de comunidades emocionais, que se assemelham com as comunidades sociais, tais como: família, bairros, sindicatos, instituições acadêmicas dentro outros exemplos. Concordamos com o que nos apresenta Bárbara Rosenwein (2011, p. 22) “[...] as comunidades emocionais são, quase por definição (já que emoções tendem a ter um papel social, comunicativo), um aspecto de todo grupo social no qual as pessoas têm interesses”.

Sobre o método para estudo das comunidades emocionais aos quais nos propomos utilizar para compreender nossa análise, realizamos inicialmente a seleção das fontes e buscamos direcionar nosso foco para o recorte temporal estabelecido na pesquisa. Diante do material para estudo, nos dedicamos ao processo analítico. Destacamos a afirmação de Rosenwein (2011, p. 24): “[...] em outros casos, as comunidades emocionais podem se aglutinar em torno da memória de uma figura carismática; nesse caso, os mitos sobre aquela figura são mais importantes do que quaisquer escritos que ela possa ter produzido”.

Nesta pesquisa, centramos nosso objeto na figura carismática da intelectual Dorina Nowill. Todavia, é preciso destacar que nos atemos em nossa análise aos registros selecionados anteriormente. Os dois livros, sendo um autobiográfico e o outro uma coletânea com as lições/ensinamentos da intelectual Dorina Nowill. Ainda de acordo com Bárbara Rosenwein (2011, p. 31), “[...] os historiadores devem ter em mente que as emoções descritas nas fontes provavelmente não são janelas para uma realidade objetiva externa, mas ajudam a desvelar a realidade subjetiva do escritor da fonte”.

Sobre a definição de “emoções” que pautam a nossa compreensão, estamos em consonância com o que nos esclarece Rosenwein (2011, p. 37):

[...] emoções são, acima de tudo, instrumentos de sociabilidade. Elas não apenas são socialmente construídas e “sustentam e reforçam sistemas culturais”, mas também agem sobre relações humanas em todos os níveis, da conversa íntima entre cônjuges a relações globais (Scheff, 1997). Expressões de emoções devem então ser lidas como interações sociais.

As múltiplas interações de Dorina Nowill, ao longo de sua trajetória profissional constituíram para nós instrumento de análise, no sentido de perceber as emoções que perpassam seu discurso, e que muitas vezes são explicitamente reveladas pela própria intelectual. Nossa base teórico-metodológica, compreende para além das emoções a história das sensibilidades. Para conduzir o nosso estudo destacamos o que nos esclarece Serge Gruzinski (2007, p. 7):

A história das sensibilidades diz respeito a zonas ainda pouco estudadas, que se estendem à margem da história das ideias, das representações, dos corpos, das imagens. Ela toca o que se situa além da elaboração intelectual, mas nunca se separa dela. Ela coincide com os territórios do imaginário, mas tampouco se confunde com ele. Águas turvas enquanto ignoradas ou enquanto escoadas simplesmente para as mentalidades. A história das sensibilidades interessa-se pelo indivíduo, por suas relações íntimas, por suas contradições abertas ou encobertas.

Nos direcionamos ao mundo sensível no qual se encontram as memórias de Dorina Nowill e nos detemos a analisar as nuances que ela nos apresenta ao longo de sua jornada intensa, entre o trabalho e a vida pessoal, sempre incessantemente em movimento, o nosso recorte temporal compreende toda a produção profissional de Dorina Nowill, que dedicou intensamente seus dias à causa da educação de cegos. A respeito da história das sensibilidades e seu uso, concordamos ainda com Sandra Pesavento (2007, p. 10):

As sensibilidades são uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas. Na verdade, poderia-se dizer que a esfera das sensibilidades se situa em um espaço anterior à reflexão, na animalidade da experiência humana, brotada do corpo, como uma resposta ou uma reação em face da realidade. Como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade se traduz em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade.

As sensibilidades que estaremos analisando dizem respeito às manifestações do pensamento de Dorina Nowill materializadas em sua prática enquanto intelectual, com lembranças, memórias revividas que ela compartilha em um exercício de escrita autobiográfica. Dorina Nowill, nos apresenta sua história de maneira muito particular e sensível. Iniciando pelo exercício da escrita de si mesma, muitas são as memórias e as emoções relacionadas a cada momento experienciado ao longo de sua vida, desde a aceitação de sua cegueira. Concordamos com Sandra Pesavento (2007, p. 11) ao afirmar que

[...] se os olhos vêem coisas visíveis, do mundo dos sentidos, é a inteligência que produz conceitos, tornando o mundo mais sensível inteligível. Entretanto, lembrava Aristóteles, é pelo fato de sentir que a vida se distingue da ausência da vida. Toda sensação é capacidade de conhecer por meio do corpo. Graças a esta forma de conhecimento, a alma é capaz de conhecer.

Dorina não enxergava desde os dezessete anos. Porém, com a sensibilidade que os sentidos lhe proporcionavam vivenciou experiências únicas e intensas, considerando os seus mais de cinquenta anos de atividade profissional, com a publicação de obras, participação em assembleias, seminários, ampliando a sua rede de sociabilidades. Viajou pelo mundo estudando e ensinando sobre a educação especial. Foi mulher educadora, uma intelectual que preencheu

seus dias com a atividade intensa para enfrentar as adversidades e superar sempre os percalços da vida. De acordo com Sandra Pesavento (2007, p. 14):

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos através da sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro.

Operações imaginárias de sentido e representações do mundo, as sensibilidades materializadas na escrita de Dorina Nowill constituem nossa fonte de análise, a qual direcionamos o método de estudo para capturar na sutileza as questões que buscamos compreender. Concordamos com Pesavento (2007, p. 21), pois

[...] pensar nas sensibilidades é, pois, não apenas voltar-se para o estudo do indivíduo e da subjetividade, das trajetórias de vida, enfim. É também lidar com a vida privada e com todas as suas nuances e formas de exteriorizar – ou esconder – os sentimentos. Enfim, se estudar sensibilidades é um desafio, é um ir além, é ter, possivelmente, mais dúvidas do que certezas, com relação ao passado, talvez aí resida o charme que se encontra presente em toda aventura do conhecimento. Por que não aceitar o desafio?

Após enfrentar uma luta pessoal com a doença que lhe apresentou uma nova realidade, Dorina Nowill ultrapassou barreiras e a partir da busca pelo conhecimento e o compartilhamento deste. Transformou não apenas a sua vida. Mas marcou um novo momento para a educação de cegos. Seu discurso enquanto fonte de poder, ganhou ainda mais notoriedade com a escrita e publicação de livros, retratando sua história pessoal, em sua escrita autobiográfica, e consolidando sua marca no âmbito da educação inclusiva. A obra da intelectual Dorina Nowill sobrepõe-se a sua linha do tempo. Dorina vive em sua obra e em seu discurso, elementos de poder que constituem sua trajetória intelectual.

Em consonância com Michel Foucault (1996), percebemos Dorina Nowill enquanto uma mulher, inserida na materialidade histórica e sociocultural própria da época. O seu discurso tinha por base fundamentos típicos do momento histórico em que viveu. Segundo Foucault (1996, p. 8-9),

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Especificamente no que diz respeito ao tópico da promoção do diálogo tão necessário e que fortaleceu a luta pelos direitos das pessoas cegas. Seu discurso, foi além das palavras materializando posteriormente obras, como o instituto de cegos, que perpetuou-se para a posteridade. Dorina Nowill viveu em sua obra, como intelectual que marcou uma geração, por seu discurso e ação em prol da causa pela qual devotou seus esforços. Concordamos ainda com Foucault (1996, p. 9) ao afirmar que em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.

Enquanto intelectual, Dorina Nowill ocupou espaços pelos quais lutou para ocupar. Não se acomodou diante da possibilidade da exclusão social, buscou ultrapassar as possíveis barreiras impostas pela sociedade, e não apenas quebrou as barreiras para si mesma, mas ampliou suas conquistas para outras pessoas que poderiam assim como ela sofrer com as limitações que a sociedade impunha. Realizou dessa forma uma interdição social com seus discursos sobre a educação para cegos, inspirando a luta em prol dessa causa e ampliando as possibilidades para o desenvolvimento de políticas educacionais. De acordo com Foucault (1996, p. 10),

[...] o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar.

Ao analisar o discurso de Dorina Nowill, entendemos que o seu objeto de desejo por vencer suas barreiras pessoais, tornou-se algo maior, que a inspirou a construir sua luta contra o sistema dominante em prol da causa das pessoas cegas. Um discurso de poder, que foi além de uma causa pessoal, mas tornou-se coletiva de maneira progressiva, quanto mais Nowill aprendia e conhecia, mais ela queria compartilhar. Seu discurso e a publicação de seus escritos revelam que ela se apoderou de seu objeto de desejo, dominou-o em seu discurso e materializou-o em suas ações. Nesse sentido, estamos em acordo com o que afirma Michel Foucault (1996, p. 17):

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema de livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o

saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.

Partimos do princípio, que a intelectual teve acesso a determinados conhecimentos uma vez que fazia parte de uma parte privilegiada da sociedade, porém, inserida na instituição social que lhe coube, ela teve acesso ao conhecimento e não quis guardá-lo apenas para si mesma. E em seu discurso, buscou contar não apenas a sua história, mas como essa transformou a vida dela e de outras pessoas que passavam pelas mesmas situações. Empoderou seu discurso e práticas de escrita e buscou aplicar seu saber de uma forma que influenciasse positivamente a sociedade em que estava inserida.

Michel Foucault (1996, p. 26) nos alerta que “[...] o novo não está no que é dito, mas no acontecimento a sua volta”. Assim sendo, caracterizamos o discurso de Dorina Nowill como inovador, não apenas pela temática em si, mas pela mudança que seus estudos, discursos, publicações e ações causaram no cenário brasileiro da causa a qual a intelectual dedicou sua vida. No que se refere ao campo educacional, concordamos também com Foucault (1996, p. 43-44):

Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.

Dessa forma, Dorina Nowill com seu discurso e prática em favor da educação de cegos agiu politicamente partilhando seu conhecimento e impulsionando uma mudança social que reflete ainda hoje, convertendo-se em objeto de estudo e inspiração para criação de políticas para a causa dos cegos. Sem dúvida, um discurso de poder, que modificou o *status* social de sua época, marcando-a enquanto intelectual e referência no assunto que foi sua pauta na vida pessoal e profissional.

Nos propomos a analisar sua escrita como elemento de poder a partir da ordem do discurso que demarcou bem seu lugar de fala no âmbito da educação para cegos, influenciando fortemente o olhar sensível para a educação de cegos. A materialidade de suas palavras traduz-se na sua obra, para além de seus escritos. Iniciamos nossas reflexões com o estudo da obra: “Para quem quer ver além”.

3.1 “Para quem quer ver além”: as lições de Dorina Nowill

O livro apresenta uma coletânea de “lições de Dorina” reunidas por Gonzalez (2002), condensadas em 155 páginas, com o intuito de compartilhar as experiências de Nowill em sua jornada em prol da educação e do debate sobre inclusão. A escrita dessa intelectual e suas lições estão direcionadas para pessoas cegas, e seu discurso é voltado para este lugar de fala, que ela dominou durante todo sua trajetória. Para Nowill (2002, p. 14) “[...] tudo o que quero é recomeçar até o último dia da minha vida. A grande ciência da vida é aprender a recomeçar. Recomeçar com confiança e entusiasmo”.

E foi de recomeços que a jornada da intelectual foi sendo construída. Dorina Nowill em seus discursos de poder, demonstrava otimismo e perseverança em aprender cada vez mais, lutar para conquistar seu espaço na sociedade, enquanto educadora, intelectual muito fez e sua trajetória se reflete pela sua obra, sejam suas publicações ou a instituição para cegos. Abaixo, imagem da capa da obra (figura 19).

Na capa do livro, vemos ao centro o símbolo “smile” com óculos escuros. Esse é o símbolo da Fundação Dorina Nowill para Cegos. Ladeado temos o Título da Obra, junto ao nome da organizadora do livro, Marina Gonzalez. A imagem apresenta ainda um breve texto sobre a motivação da escrita do livro.

Imagem 20: Capa da Obra “Para quem quer ver além: Lições de Dorina de Gouvêa Nowill”



Fonte: Acervo do Pesquisador (2021).

Tendo por título “Para quem quer ver além: lições de Dorina de Gouvêa Nowill”, essa obra teve por coordenadora Mariana Gonzales, e possui um total de 153 páginas. Foi publicado

no ano de 2002, pela Editora Original em São Paulo. Na tabela abaixo organizamos informações básicas sobre a obra:

Quadro 4: Informações sobre a obra “Para quem quer ver além”

Título	Para quem quer ver além: lições de Dorina de Gouvêa Nowill
Ano de Publicação	2002
Coordenação	Marina Gonzalez
Páginas	155
Objetivo	Compartilhar lições de vida em fontes diversas, como a autobiografia da intelectual, conversas e telefonemas.
Seções	<ol style="list-style-type: none"> 1. Lições de Sabedoria 2. Lições de Sucesso 3. Lições de Criação 4. Lições de Humildade 5. Lições de Realização 6. Lições de Dar e Receber 7. Lições de Admiração 8. Lições de Fé 9. Lições de Equilíbrio 10. Lições de Determinação 11. Lições de Educação 12. Lições de cidadania 13. Lições da Profissional 14. Lições da Mulher, Mãe e Avó 15. Lições de Bem-Estar 16. Bem comum

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador

O objetivo da obra consiste em partilhar as lições de Dorina Nowill, a partir de uma coletânea feita por Gonzalez a partir de conversas, telefonemas, bem como trechos coletados da autobiografia da intelectual. Definindo Dorina Nowill como “uma revolucionária”, Gonzalez (2002) assim a define pela sua resignação frente à cegueira que a acometeu ainda muito jovem. De acordo com Gonzalez (2002, p. 1), “[...] uma revolucionária, que aceitou com resignação sua cegueira aos 17 anos e lutou, movida a indignação, por um mundo um pouco mais justo para aqueles considerados deficientes, diferentes, excepcionais, excluídos ou com necessidades especiais”.

Vale destacar, o discurso da autora, que assumiu a postura em não acreditar em “inclusão”, mas sim em “integração”. Tal postura assumida é justificada pela intelectual que defendia já ter nascido com todos os direitos incluídos, faltando apenas a integração destes. De acordo com Nowill (2002, p. 2), “[...] eu acredito mais na integração, que não desconsidera minha essência, que nasceu com todos os seus direitos incluídos”. Dentre outras afirmações de

Dorina Nowill, chamou-nos a atenção o fato de afirmar como sendo um dos maiores elogios recebidos em sua vida, o comentário de um motorista que afirmou “[...] dona Dorina, até que foi um achado para os cegos a senhora ter ficado cega, não é?”. Fundadora e presidente emérita vitalícia da Fundação Dorina Nowill para Cegos.

A fundação criada por Nowill impactou a vida de pessoas transcrevendo e distribuindo de maneira gratuita, livros em braille e livros falados para os cegos. Que poderão ter acesso a esse material, já em português, diferente do que foi vivenciado por Dorina no início de sua trajetória, ao ter que estudar braille em inglês, uma vez que não havia no Brasil material dedicado ao público cego. Eis uma das conquistas das quais seu discurso e prática demarcou seu lugar de referência no que tange a acessibilidade no Brasil. Pioneira em sua seara em busca da “integração” de pessoas cegas, é inegável a produtividade da luta de Dorina Nowill.

Formada Professora em 1945, prosseguiu com seus estudos e como resultado de sua busca pelo conhecimento, por se aperfeiçoar no âmbito educacional, surgiu a fundação para o livro do Cego no Brasil. Foi a partir do discurso, da luta dessa intelectual pela educação dos cegos que foi criada a instituição considerada como “a maior imprensa em braille da América Latina” Gonzalez (2002). De acordo com Nowill (2002, p.18),

[...] sempre aceitei as situações como elas se apresentavam, mas logo depois conseguia melhorar as condições para alcançar o que queria. Os momentos de transição fazem parte e são preâmbulos das grandes sensações da vida. Não existe mudança sem crise. É preciso paciência e capacidade de lidar com as atividades da vida cotidiana.

Esse posicionamento de Dorina frente à vida demonstra muito o fundamento de seu discurso e sua perseverança frente às adversidades com as quais se deparou ao longo da vida, e fez desses momentos de crise algo que se perpetuou e transformou a educação brasileira para pessoas cegas.

O item “lições de sucesso” trata exatamente do que a autora considerou como discursos que apresentavam como forte característica o aprendizado, as experiências positivas e de aprendizados valiosos. Sobre liderança e o poder que exerce um líder, Nowill (2002, p.23) afirmava: “[...] a marca de um líder se reconhece pelo que ele é capaz de realizar. Quando aproveita tudo o que já tenha sido feito e consegue inovar com sua capacidade, sua competência e sua própria forma de agir. Os grandes líderes sempre me serviram de inspiração”.

Em sua fala, fica perceptível o reconhecimento com a posição de liderança. Dorina Nowill se reconhece enquanto líder e transparece esse fato em seu discurso sobre as possibilidades de realizações de um líder que deixa sua marca. O próximo tópico recebeu o

título de “Lições de criação”. De acordo com Nowill (2002, p. 32), “[...] um trabalho simples, mas realizado com muito interesse e entusiasmo, pode ser base e inspiração para a realização de grandes obras. Algumas experiências parecem pequenas, mas são valiosos exemplos de vontade e criatividade”.

É preciso destacar a importância da insistência, do ato de perseverar em prol do ideal que acredita, colocar empenho no trabalho que desenvolve, embora este não seja de imediato reconhecido por sua grandeza. Nowill ressaltava a capacidade de se reinventar. O próximo tópico do livro trata sobre “lições de humildade”. Nesse tópico, destacamos o que nos aponta Nowill (2002, p. 38) “[...] aquele que sabe aceitar se torna uma fortaleza. Ninguém o vence. Aprendi a aceitar, a aproveitar e a gozar ao máximo aquilo que estive e está ao meu alcance. Assim, consegui construir minhas imagens e orientar minha vida”.

Nesse aspecto, interpretamos o poder em suas palavras, a persistência por trás de cada adversidade e o processo de construção mediante o humilde ato de aceitação e construção de possibilidades. O próximo tópico trata sobre “lições de realização”. De acordo com Nowill (2002, p. 46), “[...] eu protesto, mas não brigo. É preciso atuar politicamente para obter os resultados desejados sem provocar discussões desnecessárias. É melhor perder uma pequena discussão para ganhar depois uma grande batalha”.

Nesse momento, a intelectual deixa entrever o poder da estratégia diante de sua trajetória. É preciso destacar que ela tinha a consciência de se colocar politicamente diante das situações, utilizando até mesmo da diplomacia para atingir objetivos maiores, sem se prender a conflitos que não teriam tanta importância diante de uma conquista maior. O tópico seguinte recebeu o título de “Lições de dar e receber”. Nesse momento, Nowill (2002, p. 54) afirmava que “[...] os homens de hoje deveriam avaliar o quanto devem à criatividade e ao esforço dos homens de ontem”. Nessa passagem, a intelectual apresenta sua percepção sobre a importância do contexto histórico e dos progressos de cada época.

A seguir, a autora trata sobre o tópico “Lições de admiração”. Destacamos a característica da resiliência da autora perante os acontecimentos do cotidiano. Sobre a admiração que Dorina se refere, identificamos uma passagem específica, onde Nowill (2002, p. 64) afirmou

[...] quando visitei o Itamaraty pela primeira vez, um servente muito amável me disse: “Minha Senhora, eu acendi todas as luzes, porque o salão fica tão bonito com todas as luzes acesas! Quem sabe a senhora também não sente a beleza deste salão?”. Em vez de ficar triste por não ver, eu senti a beleza do salão. E ele tinha razão. Foi a generosidade com que ele procurou me dar uma ideia da beleza do salão que me tocou profundamente.

Não era possível visualizar convencionalmente o salão, e as luzes em si poderiam não fazer diferença, mas a gentileza sim. Influenciamos o próximo com nosso discurso, mas também somos impactados pelas palavras dos outros. Muitas vezes nos surpreendemos diante das lições que nos convidam a refletir e ressignificar os acontecimentos. Vai da nossa postura perante a vida. Dorina conseguiu sentir a beleza narrada pelo funcionário, foi tocada pelo seu discurso, e agora toca outras pessoas contando sua versão do ocorrido. A respeito das “lições de fé” próximo tópico do livro, Nowill (2002, p. 68) afirma que “[...] tudo acaba bem para aqueles que amam a Deus. Plantamos e nem sempre vemos o fruto do nosso trabalho completo, mas felizmente outros continuarão. O importante é não desistir. A fé e a esperança nunca me deixaram, nunca me abandonaram”.

A postura de Dorina Nowill não era apenas de conformar-se com a realidade, mas de transformá-la, de maneira que pudesse sentir o mundo e vivenciar as experiências sem se deixar abater. Ao afirmar que nem sempre era possível vislumbrar o fruto do trabalho completo, identificamos que Dorina já tinha consciência da amplitude de seu trabalho e de que ele teria continuidade, seguiria rendendo frutos que seguiriam para a posteridade. Dorina tinha fé na vida, e cultivava o seu trabalho com a esperança enquanto verbo, como nos apresenta Paulo Freire. Com otimismo e com ação em prol do ideal pelo qual lutou.

O próximo tópico registra “lições de equilíbrio” onde Nowill (2002) nos apresenta sua concepção sobre uma postura assertiva e equilibrada na vida e em seu agir. Destacamos o trecho em que Nowill (2002, p. 78) afirma que “[...] a competição é necessária. É preciso o desejo de alcançar o sonho, o ideal. A luta supõe uma derrota ou uma vitória. Para vencer não é preciso destruir algo ou alguém. Você vence seu próprio caminho”.

Partindo deste princípio, Dorina Nowill nos permite compreender que ambicionar e lutar pelo ideal é necessário, e em seu lugar de fala enquanto mulher que sempre batalhou pelo que acreditava, arrematava sua hipótese ao explicar que a vitória não consistia em destruição de algo ou alguém, mas vencer por si mesmo e a si mesmo, tornando-se assim artífice de seu próprio caminhar. O próximo item do livro, consiste nas “lições de determinação”. Vale ressaltar o ensinamento de Nowill (2002, p.82) ao afirmar

[...] mesmo cega, jamais deixei que outra pessoa assinasse meu nome por mim. Eu tinha o meu guia de assinatura e carregava sempre minha caneta. O grau de independência de uma pessoa depende da evolução de suas aptidões, de sua capacidade física, mental e intelectual. É preciso adquirir competência para lidar com as atividades da vida cotidiana, desde as mais rudimentares até os grandes feitos.

Percebemos a determinação como um ponto forte presente nos discursos de Dorina Nowill, que sempre deixa claro a importância de perseverar na luta em busca de progredir superando as adversidades. Algo que ela aplicou em sua vida pessoal, sua postura era determinada pela sua vontade de superar sempre, de buscar a independência e lutar pelo que acreditava. Nowill (2002, p. 84) esclarecia ainda que “[...] sinto uma necessidade muito grande de conhecimento, que é um alimento para minha alma. Gostaria de conhecer, de saber muito mais daquilo que posso obter com os recursos que tenho. Nesse aspecto sou tremendamente ambiciosa”.

Mais uma vez, a ambição aparece no discurso de Dorina enquanto elemento que impulsiona a sua determinação, especificamente na busca pelo conhecimento. A intelectual teve também como marcante característica a busca incessante pelo saber, por aprender e compartilhar suas conquistas, fazendo bom uso dos recursos aos quais teve à disposição. O próximo tópico consiste nas “lições de educação”. Nesse aspecto, Nowill (2002, p. 94) destaca

A melhor escola é a que prepara o indivíduo para a vida através da vida. Sempre acreditei que a educação dos cegos deve adaptar-se à vida. Vivemos num mundo de pessoas videntes, não vivemos num mundo de pessoas cegas. Prevenir a cegueira é mais justo e viável do que corrigir deficiências por vezes insuperáveis.

Diante dessa afirmativa, entendemos que a intelectual partia do pressuposto que a integração de pessoas cegas era realizada em um mundo de pessoas videntes. Isso não diminuía a importância, mas traçava um roteiro seguro diante dos aspectos sociais aos quais as pessoas cegas estariam inseridas. Afinal, era possível superar a limitação da cegueira e adaptar essa condição ao mundo e transformá-lo para que todos estivessem inseridos e prevenidos diante das adversidades que iriam encontrar. Dessa forma a educação estaria realmente os preparando para a vida. Em “Lições de cidadania”, Nowill (2002, p. 100) nos esclarece que

[...] não trabalhei apenas para reivindicar o direito de pessoas cegas, mas o direito do homem. Para obter em nosso país condições para que todo brasileiro possa usufruir do direito da cidadania, que lhe é inerente desde o nascimento. Não importa sua condição social, econômica, sua capacidade mental ou sua perfeição anatômica.

O discurso de Dorina Nowill, nos permite interpretar que sua luta consiste na integração cidadã das pessoas, para que tenham garantidos os seus direitos independente da condição, seja ela física, mental, emocional, econômica ou social, uma vez que a todos são concedidos os direitos desde o nascimento.

O tópico seguinte trata sobre “lições da profissional”. De acordo com Nowill (2002, p.118) “Sempre trabalhei com o maior interesse e presença no que estava fazendo. A participação faz a diferença. Aquele que não participa não cria. É mero observador”. Tal afirmação mostra que Dorina assumiu para sua vida profissional o protagonismo de quem participa, de quem cria e de quem luta. Definitivamente não ficou como expectadora diante dos desafios e construiu sua vida profissional com constante interesse e busca por conhecimento. A seguir, temos o tópico “Lições da mulher, mãe e avó”, Nowill (2002, p. 134) afirmou que

[...] a vida no lar não para quando atingimos uma certa idade. Ela prossegue. São fases diferentes, mas a vida continua, as responsabilidades, as inovações, os interesses, tudo continua presente. É só descobri-los, e eu, graças a Deus, além disso tenho a Fundação e mais outras organizações com as quais continuo trabalhando.

Multifacetada, Dorina Nowill, dedicou-se a sua luta e seus ideais profissionais, mas também cultivou em seu mundo pessoal a experiência de ser mãe, esposa, avó e conduziu cada um com interesse e protagonismo, assim como ela lidava com tudo a que decidisse dedicar seu esforço. No próximo tópico, intitulado “Lições de bem-estar”, Nowill (2002, p. 143) diz: “[...] sou uma pessoa que não se cansa facilmente. As horas de meu dia sempre renderam bastante. Nem a idade conseguiu ainda me vencer. Você também pode fazer muito mais do que normalmente faz. Experimente!”

Ao chegar aos 83 anos de idade, Dorina Nowill, ainda transmitia lições de protagonismo e poder em seu discurso, trabalhando por seu ideal e seguindo ativa em suas causas. O tópico seguinte, teve como título “Bem comum”. Nesse momento, Dorina Nowill, afirma que “O convívio com pessoas diferentes nos torna mais compreensivos e nos permite julgar melhor o comportamento dos que não são iguais a nós. Todos têm direito de ser diferentes e o dever de estar juntos”.

Em prol do Bem comum, uma das lições de Dorina, como a retratada na citação acima, nos esclarece sobre a importância do convívio social e do quão desafiador pode ser a convivência, mas do quão significativo é o aprendizado gerado a partir da integração e interação entre os sujeitos que compõem o corpo social, com suas particularidades específicas.

Esta obra teve por finalidade e retratou bem, a postura de Dorina Nowill, enquanto intelectual que com uma positividade e proatividade, interessou-se por cultivar o saber e batalhar para a integração de pessoas cegas.

Identificamos palavras marcantes em seu discurso, como integração, protagonismo, liderança e de acordo com a divisão temática elaborada para cada “lição” do livro, apresentou

de maneira coesa a multiplicidade da intelectual que sobretudo buscou estar sempre ativa na busca pelo poder e por seus ideais. A seguir, analisaremos uma obra com uma proposta diferente dessa. A autobiografia de Dorina Nowill.

3.2 E eu venci assim mesmo

O título em si, já nos convida a reflexões acerca do que a intelectual tem como objetivo nas entrelinhas de sua sensibilidade. Dorina Nowill, ao escrever sobre si mesma, retrata a sua trajetória de maneira lúcida ao reconhecer, que doravante os percalços em seu caminho, estes foram fatores que a impulsionaram ainda mais a buscar seu crescimento, e assim mesmo, com a doença congênita que lhe privou da visão ao 17 anos, Dorina Nowill, seguiu e trilhou seu caminho, vencendo as adversidades.

A obra ora em análise, foi produzida a partir da gravação feita pela própria Dorina Nowill de 66 (sessenta e seis) fitas cassetes, sendo realizado um trabalho de transcrição eletrônica realizado por Thaís Malta Campos, contando com adaptação e edição de Adriano Cipriano.

Publicado no ano de 1996, pela Editora Totalidade, da cidade de São Paulo, o livro autobiográfico, inicia com a dedicatória de Dorina aos netos e professores e demais funcionários da obra com a qual sempre trabalhou. São 287 páginas das memórias narradas pela própria Dorina acerca da sua trajetória.

Quadro 5: Informações sobre o livro Venci assim mesmo

Título	E eu venci assim mesmo
Ano de Publicação	1996
Autoria	Dorina de Gouvêa Nowill
Páginas	287
Objetivo	Compartilhar a trajetória De Dorina Nowill pessoal e Profissional, retratada a partir de memórias autobiográficas

Seções	<ol style="list-style-type: none"> 1. Do Sonho a realidade (contendo 4 subtópicos) 2. Saber recomeçar (6 subtópicos) 3. Os diversos caminhos da vida (57 subtópicos) 4. O Ideal Prevalece (23 subtópicos)
---------------	---

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador.

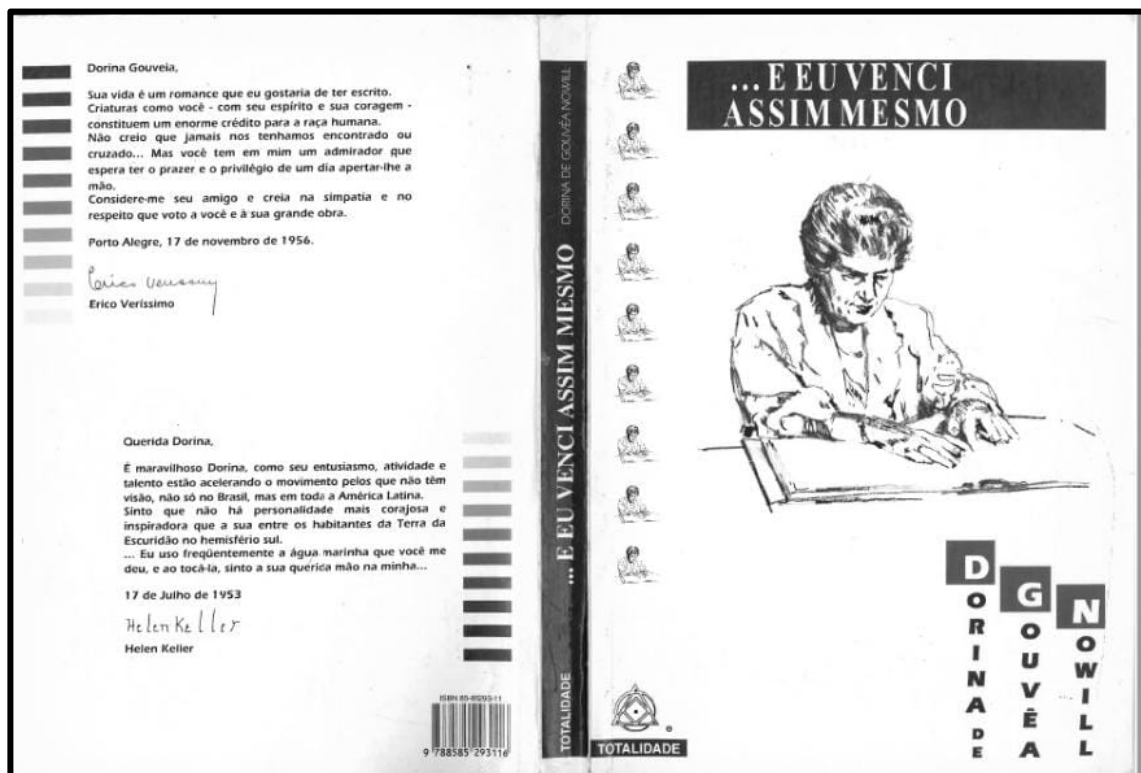
A obra foi organizada em quatro itens principais, contendo cada um com variados subitens. O primeiro diz respeito às primeiras memórias da infância e recebeu o título “do sonho à realidade”. O segundo foi nomeado “saber recomeçar”, nesse momento, a autora nos apresenta sua trajetória escolar, as lembranças de quando surgiram os sintomas da doença que lhe tiraria a visão e todo o processo até a constatação de que o dano era irreversível. Nesse período, a autora relata sua trajetória inicial como professora, bem como o seu período de estudos nos Estados Unidos.

O Item seguinte, tem como título “Os diversos caminhos da vida”, onde a autora retrata uma longa fase de sua vida, compreendendo sua trajetória profissional na fundação, as conquistas e percalços que permearam o caminho e que impulsionaram os novos recomeços, presentes ao longo da vida da intelectual. Que em seu discurso buscou sempre demarcar bem seu elemento de poder como a superação dos desafios. Paralelo à sua carreira profissional, ainda nos apresenta as memórias familiares e sua experiência enquanto mãe, que sempre fez questão de cuidar de seus filhos.

Por fim, o quarto item, foi intitulado como “O ideal sempre vence”. Nessa parte da obra, a autora dedicou-se aos temas relacionados à sua maturidade e a continuidade com seu trabalho e novas experiências familiares. Sempre demarcando bem o seu espaço de luta, Dorina nos revela a partir de suas memórias, a atitude incansável diante das conquistas que almejava.

Ao longo da vida, os desafios sempre lhe inspiraram e por diversas vezes ela deparou-se com situações em que ao ver-se desafiada, buscava sempre uma solução para seguir em frente. Portanto, as recordações apresentadas por Dorina Nowill, revelam a intelectual multifacetada, que sempre buscou adquirir conhecimento e aproveitou bem as oportunidades as quais teve acesso, procurando com esse conhecimento compartilhar e esclarecer pessoas cegas, demarcando bem sua área de atuação como a da luta pela inclusão, integração.

Imagem 21: Capa do Livro “... E eu venci assim mesmo”



Fonte: Acervo do Pesquisador (2021).

Na capa vemos a representação da intelectual Dorina Nowill, fazendo uma leitura em braille, e acima o título da obra. A foto mostra ainda, dedicatórias de Érico Veríssimo e Helen Keller, para Dorina. A autora inicia sua trajetória revivendo momentos da infância e suas primeiras experiências escolares, como quando foi matriculada na Escola Elvira Brandão. Em seus tempos de estudante, interessante ressaltar algumas de suas experiências que constituíram desde cedo seu caráter. De acordo com Nowill (1996, p. 5)

[...] nas aulas de Literatura quando se fazia leitura em voz alta de trechos literários, quase sempre me cabia essa tarefa. Foi um treinamento para o meu futuro de palestras, depoimentos e conferências. Aliás, mamãe contava que ela foi surpreendida diversas vezes durante as festas de aniversário em família. Desde os cinco anos eu pedia a palavra e fazia uma saudação “espontânea”. Eu pedia para minha professora, Dona Durvalina, escrever e então decorava. Ninguém me mandava falar não, eu falava. Só espero não ter aborrecido demais os outros.

Em suas memórias, a autora destacou a sua multiplicidade desde tenra idade, relatando que fazia aulas extras e assumia atividades em posição de liderança, como por exemplo, cuidando da biblioteca da escola. Além disso, ainda prezava pela oratória, realizando leituras em voz alta e discursos em reuniões de família.

Na vida adulta, ao realizar o exercício de escrever suas memórias, a autora identificou que a postura durante a infância serviu para a sua prática profissional, enquanto palestrante,

educadora e com uma agenda de compromissos que exigiam sua oratória. Todavia essa atitude inata durante a infância não continha intencionalidade. O que interpretamos a partir de sua escrita, é que tais ações eram dotadas de espontaneidade, incentivada pelo ambiente familiar onde cresceu e a educação recebida. Não podemos esquecer que Dorina teve acesso a uma educação considerada esmerada para a época.

Seus pais, prezaram por sua educação, e partia da espontaneidade de Dorina interessar-se pelo conhecimento ao qual tinha acesso, de maneira que, sua atitude enquanto criança, revela-se para nós como fruto do estímulo à educação e o conforto que sentia em seu lar para que pudesse expressar-se livremente. Algo que também interpretamos ao observar suas memórias de família. Ao descrever a personalidade de seus pais, Dorina ressalta que embora seu pai fosse rigoroso e mais sério, era dedicado e amoroso. Por sua vez, descrevia a mãe como mais comunicativa sociável e também muito amorosa. A boa relação no lar e a educação de qualidade aliadas ao se interesse pelo aprendizado renderam frutos posteriores em sua vida pública e profissional.

Identificamos, porém o traço da educação tradicional ao perceber que embora sua atitude fosse espontânea, os seus discursos eram “decorados”, idealizados por ela, mas escritos pela professora. Interpretamos a partir dessa informação, que a professora certamente dava o seu toque de adulta ao discurso, moldando aos padrões da época, no que se refere à norma e as palavras cultas. De maneira que o discurso deveria soar, mais formal e adulto do que se fosse idealizado e escrito pela própria Dorina, ou até mesmo se este fosse verbalizado no momento do pronunciamento (LIBÂNEO, 1992). A atitude era espontânea, mas o discurso em si era cuidadosamente planejado e decorado.

O processo da perda da visão de Dorina também foi por ela narrado e vale ressaltar um trecho particular onde ela descreve quando falou para si mesma que estava cega, quando chegou para ela a aceitação silenciosa de sua nova realidade. De acordo com Nowill (1996, p.14)

[...] de acordo com minha personalidade, a minha forma de ser, é preferível uma realidade dura a uma ilusão. A esperança verdadeira tem o fundamento dentro de si, porém a ilusão é infundada; de modo que sempre me lembro daquela noite, daquele momento e o que ele representou na minha vida. Ninguém podia me fazer compreender a nova situação. Foi a vida que me ensinou: o meu espírito religioso e o ambiente em que fui criada propiciaram minha aceitação.

A intelectual buscou posicionar-se frente ao que lhe sucedia de maneira a reconhecer sua condição. Para Dorina Nowill, é preciso estar preparado não apenas para os momentos felizes, mas para as frustrações que se apresentam ao longo da vida. E essa postura a conduziu

ao longo de sua trajetória, demarcando também em seu discurso a resignação com o protagonismo da ação que lhe são característicos. Não buscou agir de maneira passiva frente à vida, não assumiu postura de espectadora, ao contrário. Sempre lutou pela sua independência.

Ao buscar repouso para tratamento durante um ano, Dorina esclarece que hospedada em um hotel, soube da existência de uma revista norte-americana com edição em braille. Conseguiu fazer a inscrição para receber a Revista e a partir dela conseguiu um endereço de uma escola para cegos por correspondência, a “Hadley School” com filiais ao redor do mundo. No Brasil, a filial teve início na fundação posteriormente fundada pela própria Dorina.

Ao constatar que era definitivo o seu quadro, Dorina Nowill seguiu sua trajetória, e após oito anos sem estudar, matriculou-se em uma Escola Normal, a instituição Caetano de Campos. Ao se interessar por Metodologia do Ensino. Nowill (1996) sugeriu a Professora um estágio com crianças cegas, que resultou na criação de uma sala com livros em braille para as crianças cegas, ao serem consultados, escolheram o nome de Dorina para a sala (NOWILL, 1996). No início de sua vida como professora, Nowill (1996, p.29) relata

[...] no meu primeiro dia de aula, a sensação foi arrasadora, atrás de uma mesa, diante de uma classe embora com poucos alunos, uma sensação inesquecível. De início é um vazio, uma sensação de impotência, até que se inicie o relacionamento. O encontro com alunos cegos é muito mais difícil para um professor cego. Inúmeros problemas surgiam e no momento era preciso ter iniciativa e criatividade para resolvê-los. O professor cego precisa ter muita capacidade imaginativa para criar soluções no momento certo, soluções que ele não aprendeu na escola.

Em seu discurso, Dorina Nowill reconhece as dificuldades no início da profissão, todavia sem desanimar perante a atividade docente, depois, toda a experiência vivenciada no ensino, serviu para a sua especialização e treinamento prático em escolas nos Estados Unidos, como nos relata a própria autora Nowill (1996, p.29).

O início da profissão docente, narrado por Dorina, nos permite realizar certas inferências acerca de suas impressões enquanto pessoa cega, ministrando aulas para crianças também cegas. Inícios, são marcados por incertezas que cercam o cotidiano, uma vez que, embora o estudo e planejamento, a prática nos apresenta surpresas e situações que exigem de nós a criatividade, como bem afirma a intelectual. Para que possamos administrar os conflitos e as situações que momentaneamente possam nos deixar em casos delicados.

Vale ressaltar também a percepção do elemento sensível que permeia a relação professor e aluno. Em sala de aula, essa é uma construção diária (FREIRE, 1989). No caso da educação de pessoas cegas, outros sentidos são essenciais na construção do relacionamento e interação na sala de aula.

Importante perceber no discurso da intelectual certa frustração diante do início de sua trajetória como educadora, no que se refere a falta da prática ao longo de seus estudos. O que implica interpretarmos que para Dorina, no tocante à formação de Professores, havia um déficit no que se referia a teoria estar aliada à prática. Compreendemos que mesmo em uma formação onde a prática está presente enquanto práxis docente, não isenta das dificuldades do cotidiano do educador ainda mais no início do percurso. Todavia, possivelmente o professor estaria mais seguro em sua tarefa.

Ao conseguir a bolsa de estudos, Dorina Nowill, a intelectual viajou para os Estados Unidos, onde enfrentou novas adversidades em sua adaptação, seguiu firme. De acordo com Nowill (1996, p. 36)

[...] considero-me uma pessoa feliz por ter tido a chance de estudar, de conhecer como uma profissional da área da educação, o que existia provavelmente de melhor no mundo naquela oportunidade. Penso que esta foi a razão pela qual a nossa Fundação se tornou não só uma pioneira, mas uma entidade a qual se deve o início de toda uma nova era de possibilidades de educação para a criança cega e reabilitação e profissionalização do adulto cego.

Percebemos que Dorina reconhece o privilégio que teve, diante do acesso a tanto conhecimento, todo esse saber fez a diferença não apenas na vida dela, já que a intelectual não transformou apenas a própria vida com o que aprendeu, mas com a criação da fundação podemos dizer que ela revolucionou a educação de cegos no Brasil.

O sucesso que foi construído na Fundação, deve-se ao empenho dos envolvidos na sua criação e desenvolvimento. Dorina ressaltava, porém, em suas memórias, que o acesso aos conhecimentos, como o que podemos destacar a bolsa de estudos nos Estados Unidos, fez a diferença em um cenário sócio-histórico, em que não se falava, ou estudava sobre a educação de pessoas cegas no Brasil. Não havia uma instituição preocupada em pesquisar sobre o braille, sobre formas modernas dentro do padrão da época para implementar no ensino e aprendizado de pessoas cegas.

Não apenas a educação de crianças cegas não recebia atenção, como pensar a questão da reabilitação e profissionalização do adulto cego não era feito antes da Fundação idealizada por Dorina Nowill (QUEIROZ, 2011). Tanto, que identificamos em seus relatos o fato de que, ao iniciar o trabalho na Fundação, a intelectual buscava convencer pessoas adultas cegas, de que era possível se reabilitar para construir uma vida independente na sociedade, bem como profissionalizar-se.

Ao retornar para o Brasil em 1947, Dorina, junto com suas duas colegas que também receberam bolsa, estavam aptas a colocar em prática o que haviam aprendido nos Estados Unidos. De acordo com Nowill (1996, p.48)

[...] nós havíamos vencido. Nossa intenção ao partir era aprender e trazer conhecimentos suficientes para apoiar o desenvolvimento dos nossos trabalhos não importando as dificuldades encontradas. Havíamos conseguido para o Brasil a imprensa braille, que um ano depois estaria em São Paulo, para que iniciássemos nosso trabalho.

Identificamos no discurso de Dorina, fortes marcadores que deixam claro sua proatividade em busca de colocar em prática no Brasil o que havia aprendido nos anos em que esteve fora do país. Principalmente ao afirmar que não importavam as dificuldades. De acordo com Nowill (1996, p.52) “Desenvolvendo meu trabalho na fundação, comecei a procurar pessoas cegas que precisassem de atendimento. Foi um trabalho difícil convencê-las de que elas poderiam ambicionar ou se preparar para um emprego remunerado”.

Ao retornar dos Estados Unidos, com suas amigas após anos de estudos, a sensação que a intelectual revela em suas memórias e a de vitória. De fato, Dorina venceu. Venceu as barreiras que limitavam as possibilidades no tocante a educação especial. Com o intuito de trazer todo o conhecimento e utilizá-lo no Brasil, a intelectual também obteve sucesso, não todavia sem um árduo caminho, o qual foi trilhado em mais de meio século de atividades em prol da causa pela qual dedicou seus dias.

A imprensa braille representava uma conquista importante no que se refere ao momento histórico onde os livros eram produzidos manualmente com o auxílio de voluntários que sabiam braille, o que estatisticamente estimamos ser pouco. Considerando para tal uma reflexão lógica. Se no país não se pensava a educação, adaptação ou profissionalização da pessoa cega, também não era propagado em grande escala o aprendizado do braille. Podemos inferir que antes da Fundação Dorina Nowill para Cegos o incentivo ao aprendizado do braille era escasso.

A imprensa braille seria essencial tendo em vista o trabalho a ser desenvolvido após o retorno de Dorina e suas amigas dos Estados Unidos. Com o empenho na modernização da educação para pessoas cegas, logo o sistema braille estaria se popularizando e a procura por livros aumentaria, de maneira que não seria possível suprir a demanda de acordo com as aspirações das educadoras (QUEIROZ, 2011).

Percebemos o empenho que a intelectual empregava a partir de seu discurso, com o objetivo de convencer as pessoas cegas a ambicionar a independência, o emprego remunerado, a ter uma “vida comum”. De acordo com Nowill (1996, p. 55)

[...] minha primeira palestra técnica foi em São Paulo na Escola de Serviço Social, na Rua Sabará. Eu já havia tido oportunidade de conhecer Helena Junqueira, Nadir Kifuri, todas as líderes daquela época que dirigiam a Escola de Serviço Social de São Paulo. Uma assistente, Marta Cardoso Aranha, procurou-me para que eu fizesse uma palestra para a sua classe. Foi sensacional. Falar numa escola do gabarito da Escola de Serviço Social foi um desafio, uma sensação indescritível. Ter um desafio como este, preparar-se para poder enfrentá-lo é sensacional. Sempre senti muito fortemente a emoção de enfrentar o público e não tive medo.

Percebemos, que ao relatar sua primeira experiência como palestrante esse momento marcava na vida da intelectual o reconhecimento pelo seu trabalho. Embora estivesse ainda no início, a persistência de Dorina era reconhecida já na época em que foi convidada a palestrar em uma escola, onde para a própria autora era um desafio, algo que ela não imaginava atingir.

O ato de palestrar no em ambiente que lhe era desafiador ao mesmo tempo conferia a satisfação de poder fazê-lo e perceber logo após que havia sido capaz, o que movia a intensidade de prosseguir com sua atividade na oratória, realizando assim palestras posteriormente ao longo de sua trajetória. Para além do reconhecimento social, Nowill se percebe também como alguém cujo discurso e prática a colocam no lugar de relevância.

Um dos marcadores do discurso de Dorina Nowill consiste no desafio. O desafio presente em seus discursos, aparece como elemento que a impulsionava sempre a enfrentar, a superar, a realizar o que no momento se apresentava como uma tarefa desafiadora. De certa forma, é como se para a intelectual o desafio fosse como uma força motriz que estava a movê-la e contribuía para o seu progresso pessoal e profissional. Sobre a Educação de cegos, Nowill (1996, p. 81) afirmava

[...] a educação de cegos e portadores de visão subnormal é realmente uma função do Governo. Os educandos cegos não podem ficar isolados do direito da educação, que são direitos assegurados pela Constituição. Sempre tive muito presente este princípio de enquadrar o educando cego na educação do país. Até hoje mantenho o meu ponto de vista. Não compreendo que a educação de cegos esteja colocada, ou subordinada a um outro Ministério ou Departamento que não seja o da Educação. Houve uma tendência também, na área de reabilitação de se colocar a evolução dos problemas das pessoas deficientes no âmbito da Secretaria da Saúde.

Dorina Nowill, reforça em seu discurso o seu posicionamento quanto à integração das pessoas cegas no ambiente educacional. Deixando claro que sua defesa é para que os direitos sejam assegurados pela Constituição, e que os alunos estejam devidamente no sistema escolar

comum e não em um local à parte, ou que a educação de pessoas cegas esteja subordinada à um órgão diferente.

As políticas públicas deveriam integrar as pessoas com deficiência, uma vez que, enquanto cidadãs brasileiras nasciam com seus direitos constitucionalmente estabelecidos premeditadamente (Silva, 2014). Assim sendo, cabia ao departamento da educação, ao Ministério da Educação estar à frente de pesquisas e ações e prol da integração de pessoas cegas no ambiente escolas de maneira a cumprir com o dever do governo em ofertar educação aos brasileiros independente de sua condição física, mental, emocional ou social.

Dorina Nowill, designou um tópico de seu livro para nos apresentar suas memórias a respeito de “políticas e relacionamentos internacionais”. Nessa parte em específico, podemos observar que, a diplomacia no sentido do *savoir faire* da palavra era uma das características de Dorina Nowill, que em busca de recursos para a fundação, cultivava o diálogo com pessoas não apenas do território nacional, mas para além das fronteiras do Brasil. De acordo com Nowill (1996, p. 177)

[...] fui convidada para fazer parte de um movimento a que já me referi, os Companheiros das Américas, que promoviam o relacionamento de um estado norte-americano com um estado brasileiro. Todo o trabalho era feito para que em várias áreas de educação, cultura, ciência, houvesse um intercâmbio benéfico para os dois estados. Isso realmente produziu excelentes resultados.

O trabalho de Dorina seguia alcançando proporções cada vez maiores. Outrora, estudante nos Estados Unidos em busca de implementar o aprendizado no Brasil. E posteriormente, membro dos Companheiros das Américas, representando o Brasil na causa em prol da educação dos cegos, aliada agora ao território norte-americano, não apenas como estudante, mas como representante, como colaboradora da causa. Ocupando espaços pelos quais lutou e conquistou o direito de ser inserida.

Enquanto intelectual, Dorina, buscava sempre ampliar seu conhecimento, suas experiências e apresentava como característica a sociabilidade. Ao realizar palestras e estabelecer contatos com novas pessoas, ela ampliava a rede de sociabilidade e consequentemente fortalecia a causa que defendia: a educação de cegos. Nowill (1996, p.178) afirmava

[...] presidi em 1985, em Mar del Plata, Argentina, a assembleia de criação da União Latino-Americana de Cegos que aglutinou todos os comitês e associações da área. A União Latino-Americana de Cegos (ULAC) FAZ PARTE DA União Mundial de Cegos. Foi uma assembleia muito movimentada, bastante difícil de ser presidida, mas acho que o meu grande interesse pela união de esforços muito me ajudou a

compreender aqueles com quem eu não concordava e auxiliar de maneira tranquila aqueles de cujos pontos de vista eu partilhava.

A liderança é um dos caracteres que compõem sem dúvida o perfil da intelectual. Dorina Nowill, destacava-se nos congressos e organizações eu participava. Recebia convites para participar de organizações internacionais, e como no exemplo acima, chegou a presidir assembleias. Ocupar este lugar foi fruto da imagem que ela construiu ao longo dos anos, além do interesse que empenhava em tudo o que fazia, outro marcador no discurso de Dorina Nowill, o empenho e a sede por conhecimento. Como bem afirma Nowill (1996, p. 191)

Esse tipo de atividade, assim como as leituras, as palestras que ouço, o contato que tenho com pessoas de outros países, ou mesmo de outras cidades do Brasil, são um verdadeiro alimento para a minha alma. Sinto necessidade muito grande de conhecimento. Nesse aspecto, sou tremendamente ambiciosa. Gostaria de conhecer, de saber muito mais do que aquilo que posso obter com os recursos que tenho e que todo o ambiente pode me proporcionar.

O trabalho e reconhecimento representavam o instigante processo da intelectual em busca da consolidação de seu ideal: seguir propagando, compartilhando e defendendo a educação de pessoas cegas. Nesse contexto, as fronteiras do Brasil não limitavam Dorina Nowill, que expandia sua rede de sociabilidades (Sirinelli, 2003).

Viagens, excursões, tudo que que possibilitava novos aprendizados, movia o interesse de Dorina, que em seu discurso deixa bem claro o quanto não se cansa de aprender. Sua desenvoltura e incessante atividade a moviam por diferentes espaços de comunicabilidade. De acordo com Nowill (1996, p. 197):

[...] nenhum Ministro da Educação durante a minha gestão conseguiu ficar indiferente à Campanha Nacional de Educação de Cegos, porque eu estava sempre presente, representando a deficiência. Os projetos de minha equipe eram muito bem elaborados dentro do orçamento que havia para atender às organizações de cegos e às secretarias de educação. Foi um trabalho difícil, muito diferente daquele que eu realizava na Fundação, mas que graças a Deus, deu muitos resultados.

O relacionamento estabelecido com órgãos e pessoas influentes faziam parte do processo de expansão e busca por recursos para a Fundação. Nesse sentido, Dorina não se furtava em cultivar o diálogo de maneira a apresentar o trabalho desenvolvido com vistas à angariar o apoio tão necessário para a Fundação, resultando em progresso para a instituição pelo qual se dedicou ao longo dos anos.

Presença. Outro marcador no discurso de Dorina Nowill, a intelectual, buscava estar presente nos congressos, reuniões, assembleias e onde quer que o conhecimento e aprendizado

estivessem. Dorina, demarcava com seu discurso e sua presença na luta em prol da educação de cegos e esse foi um dos pontos marcantes em sua trajetória. Nowill (1996, p.198)

[...] fui frequentemente ao Rio de Janeiro e foi preparado um estudo que propôs a criação da Secretaria de Educação Especial do MEC. Foi realizada uma solenidade da qual participei. Durante o governo Sarney criou-se uma nova comissão com representantes de vários ministérios e órgãos de administração pública, entre eles: Saúde, Trabalho, Justiça, INPS, representantes de organizações de pessoas deficientes e pessoas de notório saber e especialistas, entre os quais Dr. Mauro Spinelli, Stanislaw Krinsky e eu. Fiquei muito honrada. Faziam também parte dessa comissão a equipe do CENESP, inclusive Maria Augusta Tempone, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e personalidades como Dr. Roberto de Abreu Sodré, Sandra Cavalcante e Adilson Ventura, este representando o Conselho Brasileiro para o Bem-Estar dos Cegos. A Coordenadora dessa Comissão era Tereza Amaral.

O reconhecimento pode ser identificado na presença de Dorina Nowill em espaços de discussão importantes para o país no que se refere ao estabelecimento de políticas públicas. Estar integrada em meio à discussão para melhores condições para a educação de pessoas cegas no Brasil, era demasiado relevante, ainda mais se analisamos a questão de que a participação de Dorina resultou entre outras coisas, na criação da Secretaria de Educação Especial no Ministério da Educação (QUEIROZ, 2011).

Participar da construção de documentos ou órgãos relacionados à causa da Educação Especial, era importante para Dorina, intelectual com estudos e trabalhos em prol da causa, com propriedade para tratar sobre o assunto em pauta. Todavia, é possível perceber que não à toa ela era convidada a ocupar estes espaços. Ela estava presente, pela notoriedade conquistada ao longo dos anos, em decorrência de muito trabalho e aperfeiçoamento em defesa da educação de cegos. A sua imagem enquanto intelectual e seu discurso como elemento de poder, foi demarcando o território que cabia a ela ocupar, e o destaque que recebeu foi proporcional aos seus esforços e interesse pelo trabalho que desenvolvia. Ainda sobre experiências profissionais, Nowill (1996, p. 199) relata

[...] trabalhei com o maior interesse durante todo o tempo e fiz parte da Comissão de Redação que entregou ao Ministro da Educação Jorge Bornhausen um documento propondo a criação da Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Deficiente. Foi uma bela solenidade realizada em Brasília, com a presença do Presidente José Sarney. A minha participação para a criação destes organismos deu-me grande satisfação, assim como a minha contribuição para a prevenção da cegueira em nosso país, que hoje é o Programa de Saúde Ocular e Prevenção da Cegueira.

Mais uma vez, a presença de Dorina era ratificada em momento importante no cenário da Educação Especial. Integrada na construção do documento que daria origem a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Deficiente. Estar envolvida neste processo possibilitou mais uma vez a intelectual ser reconhecida pela sua atuação na área. Seu

conhecimento na seara da educação de pessoas cegas e o progresso da Fundação considerada referência não apenas a nível nacional, rendia cada vez mais conquistas.

Percebemos que para a intelectual, é gratificante poder compartilhar de sua experiência e utilizar o seu conhecimento em prol da Educação Especial. Ocupar os espaços demarcados e contribuir com os frutos que a dedicação possibilitou angariar. Nas palavras de Dorina Nowill (1996, p. 199) “Lá está também o meu quinhão de trabalho e um grande orgulho, mas um orgulho honesto. Não é vaidade, é satisfação, é sentir que vale a pena trabalhar”.

Dessa forma, contribuir com sua parcela de conhecimento e fazer parte de acontecimentos importantes para a causa da Educação Especial, é colher com satisfação os frutos de um trabalho árduo cultivado ao longo do tempo. E os frutos. De acordo com Nowill (1996 p.216) “Entre as inúmeras tarefas que tive em toda a minha vida de trabalho, uma das mais difíceis foi sem dúvida alguma falar na Assembleia Geral da ONU, quando se iniciou o Ano Internacional das Pessoas Deficientes das Nações Unidas”.

Na década de 1980, Dorina Nowill, fez um pronunciamento na ONU, e embora ela relate que a tarefa lhe pareceu difícil, identificamos pelos seus reatos até aqui construídos, que o desafio ou a dificuldade da tarefa não seria impedimento para que a intelectual a realizasse. Assim sendo, ela apresentou um trabalho intitulado “A Contribuição das Pessoas Deficientes na Sociedade Através da Participação Plena”. Pelo título, identificamos o conceito de integração que Dorina acreditava, no que se refere ao ser humano com seus direitos garantidos na constituição desde o nascimento, independente de sua condição física, social, mental ou emocional. Dessa forma, as pessoas cegas deveriam estar integradas aos ambientes comuns, na escola, no trabalho, em todos os ambientes da vida em sociedade. Nowill (1996, p.216) afirma

[...] elaborar o trabalho foi uma tarefa difícil, mas possível de ser realizada. Quando sinto a responsabilidade, o quanto se espera daquilo que vou apresentar, sempre procuro pensar que vou dar o melhor de mim mesma e, portanto, devo ficar tranquila. Nem sempre correspondo às expectativas. Isto não acontece apenas comigo e esse temor não me impede de enfrentar uma situação tão difícil como a de 1980. Confesso que o Espírito Santo tem me ajudado. Eu sempre peço a sua proteção e tenho a certeza de que ele me ajudou inúmeras vezes.

O desafio na elaboração do documento consistiu mais uma atividade em que Dorina precisou realizar e posteriormente avaliar como foi gratificante o processo de superar mais uma barreira. Nesse sentido, o interesse e empenho em dar o melhor de si, contaram a seu favor e sem dúvidas a favor da causa da educação de pessoas cegas. A educação especial, e a elaboração de documentos basilares contavam com a presença de Dorina Nowill, solicitada a ocupar os espaços pelo qual discursava e atuava.

Outro ponto marcante do discurso de Dorina era sua inegável fé. A intelectual criada em família católica, sempre teve como característica marcante a devoção e a fé no auxílio do alto, diante da sua vida. O que contribuía para a sua resiliência diante das adversidades. Porém o estado resiliente de Dorina Nowill era atuante. Ela sempre encarou os desafios como novas oportunidades de aprender, e embora avaliasse a tarefa como árdua, não deixava de tentar e de cumprir com o que se comprometia.

E foi ocupando espaços em virtude dos frutos do seu estudo e trabalho desenvolvidos, que Dorina Nowill seguiu viajando por diferentes países, e participando de momentos importantes para a construção de documentos e órgãos para a educação especial. De acordo com Nowill (1996, p. 225)

[...] o Brasil recebeu o convite. Eu era presidente do maior órgão de cegos junto à UNESCO, à ONU e à Organização Mundial de Saúde. O Brasil indicou quatro representantes pouco ligadas à educação de deficientes. Eram pessoas que pertenciam ao Ministério da Justiça e da Educação. Não estou julgando a capacidade profissional e a qualificação dessas pessoas como funcionários do Governo Federal. Não importa. De repente eu recebo um convite direto da UNESCO. Mr. Sundberg, que era o diretor de educação especial, tomou conhecimento de que eu não havia sido indicada pelo meu país e providenciou um convite especial. Preparei-me, escrevi inclusive o trabalho que me foi solicitado: “O Direito de Ser Diferente e o Dever de Estar Junto”. Essa conferência foi de grande alcance para a educação especial.

O reconhecimento da intelectual Dorina Nowill em sua propriedade para com o discurso e atuação na seara da educação especial, ganhava cada vez mais amplitude. A sociabilidade anteriormente estabelecida com a UNESCO, bem como com o norte-americano Mr. Sundberg, dentre outros fatores resultaram na conquista por legitimidade para sua participação na ONU, em mais um momento significativo no tocante à construção de documentos basilares.

Mesmo não sendo indicada por seu próprio país, a intelectual, já reconhecida pelo seu trabalho teve a sua falta identificada e foi então devidamente convidada. Vale ressaltar que entre as pessoas designadas para representar o Brasil, ela era a única deficiente.

E não apenas a deficiência em si justificaria a presença, mas o seu preparo e trabalho desenvolvido no âmbito da educação especial. A fundação para cegos criada por Dorina Nowill, ganhou ao longo dos anos o reconhecimento do trabalho árduo daqueles que o compõem. Inclusive Dorina, que por sua sede de conhecimento, foi reconhecida e convidada para estar na ONU representando o Brasil e a causa pela qual lutava. De acordo com Nowill (1996, p.226)

[...] para a minha surpresa, entre as cinco ou seis pessoas escolhidas de vários países, o meu nome foi indicado. Quando disseram o meu nome pelo Brasil, houve um protesto dos delegados brasileiros, meus compatriotas. Foi-lhes explicado porém, que

eu havia sido convidada por ser uma educadora e que a UNESCO confiava na minha capacidade de poder contribuir para o trabalho, além de estar lá como convidada especial da UNESCO.

Aqui, mais que a intelectual, o reconhecimento veio para a educadora Dorina Nowill, o estabelecimento de anteriores colaborações com a UNESCO, renderam posteriores frutos, os quais podemos constatar ao analisarmos as memórias da intelectual, que ao ser convidada de forma especial para a ONU, como representante do Brasil, por seu trabalho desenvolvido na Fundação e em prol da educação de pessoas cegas. Porém tal ação descrita por Nowill, apresenta o desconforto de seus pares na ocasião, por ela como educadora e pessoa com deficiência ser convidada a ocupar esse lugar

Dorina foi indicada como representante brasileira na comissão de redação do documento da conferência da qual participou na ONU mediante convite especial. E não obstante o protesto de seus “compatriotas”, a obra de Dorina falou por si. Afinal a UNESCO confiava no trabalho da educadora e seria, portanto, incontestável a coerência no nome dela ser indicado. Nowill (1996, p. 226) afirmava

[...] que Ano Internacional da Pessoa Deficiente foi para mim! Foram tantas as viagens que, quando passo a recapitular, eu mesma não acredito que viajei tantas vezes. Fui outra vez para Índia. Desta vez para Bombaim. Foi uma visita a convite da Associação Nacional para Cegos da Índia, onde o querido amigo Capitão Dessai, companheiro de diretorias e de reuniões do Conselho Mundial para o Bem-Estar dos Cegos trabalhava.

Diante dos convites, ficava notório a importância e o espaço conquistado por Dorina, sua capacidade era reconhecida e seu discurso ganhava amplo poder e reconhecimento não apenas entre seus pares nacionais, mas a nível internacional. Índia, Suécia, Estados Unidos, Canadá dentre outros locais por onde a intelectual esteve representando a causa da educação especial já era reconhecida enquanto educadora e referência na causa que defendia.

Nenhum dos percalços enfrentados foi suficiente para parar Dorina Nowill, ela seguiu sempre adiante, adequando-se às condições, criando possibilidades, trilhando sua vida com base no que acreditava. No poder do conhecimento, da resiliência, da integração, na educação como ponto chave para abrir portas e enfrentar a realidade. Sobre adaptação, Nowill (1996, p. 241) pontua

[...] o caminho novo existe para todos, deve-se apenas reconhecê-lo no meio de toda a perturbação e segui-lo confiante. O progresso e a evolução das ciências humanas facilitam a transição entre o mundo que se conhecia visualmente e o mundo novo que é preciso conhecer através das sensibilidades restantes.

A adaptação, necessita, todavia, primeiramente da aceitação da situação em que a pessoa se encontra. Dorina Nowill, sempre manteve uma postura resiliente e em seu discurso deixou bem claro que essa postura fazia parte de sua personalidade, a aceitação da realidade. De acordo com Nowill (1996, p. 241)

[...] a necessidade inata que tenho e sempre tive para enfrentar a realidade dos fatos foi o fator primordial que me permitiu descobrir o novo caminho de minha vida aos 17 anos. Reconheço que tentaram suavizar minha realidade, principalmente meus pais. A minha grande felicidade foi saber aproveitar as oportunidades que surgiram, para que eu primeiro recomeçasse a frequentar os ambientes a que estava acostumada após meses e anos de tratamento em que tive de ficar em repouso absoluto. Não havia centros de reabilitação no Brasil. Nem sequer desconfiava que eles existissem em outras partes do mundo, muito menos vislumbrava as técnicas que surgiriam no pós-guerra.

A busca por formas de reabilitação de maneira incessante, propiciaram a Dorina alcançar espaços além do que possivelmente ela poderia pensar ser capaz de chegar, até mesmo pela falta de conhecimento sobre as possibilidades existentes ao redor do mundo. Pioneira em diversos aspectos. O fato de Dorina protagonizar a sua vida, buscando estratégias de aprendizado a conduziram ao que a posteriori seria uma intensa vida profissional de discurso e prática em prol da educação de pessoas cegas (QUEIROZ, 2011).

É fato que pela condição social na qual Dorina cresceu, favoreceu o acesso a tratamentos e conhecimentos que não era possibilitado a maioria. Ela foi pioneira em diversos aspectos. A diferença reside na atitude de Dorina frente aos privilégios aos quais teve acesso. Desde o início de sua jornada, ela buscou conhecer, estudar, se apropriar da educação de pessoas para cegos, mas não apenas para si, para a sua vida pessoal.

Toda sua vida foi dedicada ao compartilhamento do conhecimento que ela incessantemente buscava, e todo o seu saber se convertia em trabalho, que lhe rendeu experiência e reconhecimento para ocupar os espaços de resistência onde ela muito pôde fazer pela causa da Educação especial. Definitivamente Dorina Nowill não foi mera espectadora do destino, mas protagonista e artífice de sua história. Ocupando cargos de liderança, a intelectual relata seu posicionamento. De acordo com Nowill (1996, p. 259)

[...] a marca de um administrador reconhece-se pelo que ele é capaz de realizar. Não importa que outros tenham iniciado, o que importa é que a estratégia seja desenvolvida sem causar grandes comoções internas, aproveitando tudo que já tenha sido feito. O administrador deixa a sua marca quando, baseado na análise e na implementação do que existe, consegue inovar com a sua capacidade, com a sua competência e com a sua própria forma de agir.

O posicionamento da intelectual nos permite inferir que, esta não seja propriamente contra a inovação, as sim a favor do diálogo com o que vem dando certo com vistas ao seu melhoramento. O ato de aperfeiçoar o que já existe e vem apresentando bons resultados, aparentemente era na opinião de Dorina Nowill o percurso mais adequado, especificamente no início de uma gestão, que tem ainda bastante tempo para além de aperfeiçoar o que já vem apresentando bons resultados, apresentar novas ideias.

Para Dorina, a chave do sucesso não está na inovação em si, mas aproveitar de início o que já existe e inovar em benefício da organização ao qual se propõe a contribuir. O plano de ação elaborado por Dorina fica como base para a próxima gestão, uma maneira de contribuir para o sucessor de seu cargo. Em um tópico intitulado “O Futuro me estimula” Nowill (1996, p.270) nos revela que

[...] nessas minhas andanças, tive a oportunidade de conhecer trabalhos muito interessantes na área da educação, de profissionalização de cegos e mesmo de prevenção da cegueira. Estive em monumentos históricos, absorvi muitas coisas da história de todos esses povos. Senti a presença de colonizadores e o esforço de todos os latino-americanos de língua castelhana que, como nós brasileiros, têm buscado, através dos esforços de trabalho e da evolução, conquistar o lugar que a nossa região merece e já está tendo e terá de forma preponderante no futuro concerto das nações.

Ao viajar, não apenas a possibilidade de conhecer, foi constatada, Ao analisarmos as memórias podemos afirmar que com o propósito de compartilhar conhecimento, Dorina Nowill também contribuiu ao palestrar e escrever documentos em prol da educação especial. Dessa forma, a nível internacional, a intelectual estabeleceu pontes significativas em seu aspecto profissional, colocando a Fundação Dorina Nowill para cegos no mapa mundial, no tocante à visibilidade que deu para a instituição brasileira por ela idealizada. E assim como a busca brasileira por ações mais inclusivas no que concerne a pessoa com deficiência visual.

Vislumbrando o futuro, a intelectual, intencionava seguir ativa, viajando, apresentando trabalhos, produzindo e compartilhando conhecimento, seguindo empregando o seu discurso, ação e oratória na causa da educação especial. Mas não apenas o futuro encoraja Dorina, como bem registra a autora no tópico intitulado “o passado e o presente assim me encorajam”. De acordo com Nowill (1996, p. 271)

[...] tenho participado frequentemente de reuniões, seminários e congressos da Associação Brasileira de Educadores de Deficientes visuais, que completou seu 25º aniversário, onde, junto com outros companheiros de trabalho, fui agraciada com a medalha de Presidente-Fundadora dessa organização. Tenho um orgulho imenso por essa associação. Os associados são todos professores e técnicos especializados e tenho a certeza de que ela sempre continuará evoluindo para fazer com que a educação dos

cegos no Brasil se equipare cada vez mais à educação que é realizada nos países industrializados.

A medalha veio como reconhecimento das ações semeadas ao longo dos intensos anos de trabalho, considerando principalmente que veio de um órgão da causa de deficientes visuais; sendo assim que estava reconhecida por seus pares e fortemente representada em seu trabalho. Seu discurso aliado a prática produtiva a conduziram aos prêmios recebidos.

A intelectual, seguia atuante e participando de eventos na área da educação especial, promovendo o debate e contribuindo sempre. De fato, outro item marcante no discurso de Dorina Nowill é a valorização da educação, a importância por aqueles que buscam se especializar, e continuar evoluindo na causa que defendem. Sobre a fundação para Cegos, Nowill (1996, p. 282) relata

[...] para minha surpresa, numa das discussões surgiu o ponto de vista levantado por várias pessoas: que para mudar o nome, precisávamos escolher um outro, que fosse igualmente conhecido. A Fundação já era muito conhecida em todos os países do mundo, principalmente por organizações internacionais, nos cinco continentes. Era preciso criar um nome que correspondesse ao que a Fundação era, e precisava ser reconhecido nacional e internacionalmente. Chegaram à conclusão, eu confesso que quando ouvi pela primeira vez foi com uma emoção muito grande, que a Fundação deveria ter o meu nome. Isso foi estudado por nossos profissionais juntamente com os profissionais de propaganda. Foi aceito pela Diretoria. Senti em todos uma unanimidade que me convenceu e me trouxe uma alegria imensa.

No dia 11 de novembro de 1991, com a presença do curador de Fundações, Dr. Edson José Rafael, foi lavrada a escritura do novo estatuto da Fundação Dorina Nowill para Cegos e dada a posse à diretoria executiva para o período 1991/1994, indicada pelo curador de Fundações.

Por fim, a modificação do nome da Fundação. Nesse aspecto não podemos deixar de considerar, que a trajetória da intelectual, permeada pelo reconhecimento de seus pares e de demais pessoas não apenas em território brasileiro, mas além dos continentes, colaboraram para o crescimento e fortalecimento da referida instituição.

A instituição idealizada para a educação, reabilitação e profissionalização de cegos no Brasil, adquiriu proporções demasiado intensas, garantindo a sua idealizadora espaços cada vez mais amplos. Sua vida profissional intensa de divulgação, estudo, compartilhamento e construção de conhecimento em prol da educação especial, resultou no reconhecimento de que o seu nome era adequado para a instituição.

Após cinquenta anos de trabalho social, o reconhecimento para a intelectual veio ainda em vida, ao ter o seu nome na Fundação pela qual sempre batalhou e idealizou. Dorina Nowill, era reconhecida pela sua obra, sua atuação e o espaço que conquistou ao longo de sua trajetória profissional. E mesmo após meio século de trabalho, não faltava entusiasmo para a intelectual que seguia cultivando o conhecimento. Finalizando seu livro, vale destacar o que nos revela

Nowill (1996, p.289) “Todas histórias têm um fim, mas a minha continua... porque ao terminar o que pude lembrar e o que desejei consignar neste livro só fiz revigorar minha memória e trazer à lembrança minúcias, passagens que certamente estavam adormecidas. Foi um grande prazer poder fazê-lo”.

E assim, Dorina Nowill, nos apresentou sua história, contendo elementos de superação, otimismo, poder, e uma busca incessante pelo conhecimento. Estudar sobre os elementos do discurso da referida intelectual, nos remete a nossa hipótese, a qual confirmamos, uma vez que é inegável a contribuição de Dorina e sua influência e participação na luta pela Educação especial, pela integração e acessibilidade de pessoas cegas, tendo garantidos os seus direitos de cidadão garantidos pela constituição.

As duas obras analisadas nos oportunizaram conhecer Dorina Nowill sob nuances distintas e perspectivas diferentes, com suas próprias temporalidades e ações. Um dos livros é de 1996 e o outro de 2002, ressaltando que o livro sobre as lições de Dorina foi organizado por Gonzalez (2002) que selecionou os ensinamentos da intelectual, a serem publicados como lições no livro.

Os passos até aqui percorridos e descritos nesse capítulo trazem uma mulher que se descreve e reescreve sua trajetória através de suas memórias, sejam em momentos outrora satisfatórios ou desafiadores. Essa análise dos livros de Nowill, são apenas um desenho por mãos que buscam traçar um autorretrato das leituras e interpretações dos sentidos nelas expressos. As linhas aqui escritas nos revelam alguns entendimentos e discursões que se fizeram na pesquisa e que logo apresentaremos nas considerações.

Considerações finais

Discorrer sobre história dos intelectuais foi no mínimo curioso como uma ação historiográfica. Foi caminhar em uma estrada já percorrida por um determinado sujeito e que no percurso estabeleceu desvios, desbravou novos solos e afixo placas de sinalização para que a posterior, outros também o fizessem. É no identificar dos sinais – aqui as fontes – que chegamos a significativas descobertas. Constituíram elementos fundamentais dessa investigação fotografias, cartas, bilhetes, relatórios, livros e objetos pessoais.

A construção desse trabalho nos levou a um processo investigativo de compreensão do papel de uma mulher, pessoa com deficiência visual, professora, mãe e intelectual: Dorina de Gouvêa Nowill. Em uma tentativa de analisar as suas múltiplas relações no campo pessoal, formativo e profissional e as construções que foram estabelecidas e que reverberaram até os dias atuais.

É na procura de responder ao questionamento “Quem é essa mulher?” cujo nome está fixado na faixa de uma instituição há mais de 30 anos, e que tem em seu percurso histórico circunscrito a 91 anos de existência. É por levar em consideração as práticas inclusivas de ensino que têm ganho cada vez mais notoriedade nas discussões pedagógicas e debates metodológicos dentro e fora dos ambientes escolares, e as suas relações com a história; que nos deparamos com alguém como Nowill.

Para nos auxiliar na análise das fontes e apresentar essa mulher, se fez necessário dialogar com autores como: Michel Foucault em “Os Anormais” (2011) e a “Ordem do discurso” (1996), Sandra Pesavento (2007), Jean-François Sirinelli (1998), e Michel de Certeau em “A escrita da história” (1982).

Na obra “Os Anormais” de Michel Foucault (2011), que consiste das onze aulas do curso ministrado pelo mesmo em 1975 no Collège de France; podemos compreender a definição arqueológica de anormalidade sob a tríade representada pelo monstro, o incorrigível e o masturbador. Nessa perspectiva, encontramos a relação estabelecida com nosso objeto de pesquisa.

O monstro humano é definido como aquele que sua existência macula as leis da sociedade e da natureza. É a interlocução entre a lei moral e a biologia; a discrepância, a fronteira entre o proibido e o impossível; é a deformidade perante a normalidade posta por Foucault (2011). Nowill, em seu percurso, se revela como essa pessoa que ainda no florescer da juventude sofre uma hemorragia, perde sua visão e passa ser alguém “disforme”, não mais correspondendo biologicamente aos moldes do apropriado. É o monstro moral, por não assinar o contrato com as leis do sistema no qual não se incluía. É a revelia do determinismo posto a

uma mulher com deficiência em seu tempo, por redefinir a leis que lhe regeriam na lógica da sobrevivência de seus desejos e sonhos.

O incorrigível, é aquele que está nos espaços das relações sociais, mas não corresponde as disciplinas impostas. Sendo assim, precisa de meios para sua adequação ao que é configurado. É um subversivo, criminoso e que precisa ser corrigido por intermédio de intervenções para a sua educação (FOUCAULT, 2011). Dorina, ao ocupar espaços no meio social onde outrora pessoas em sua mesma condição física não estavam, se mostra como “incorrigível”. Ser uma estudante de magistério cega e que após sua formação passa a lecionar e buscar meios para que outros também assim o façam, revela seu caráter insubordinado, até mesmo para sua deficiência. Diante disso, busca instrumentalizar os espaços para sua ocupação e de outros que também tenham deficiência visual, seja como aluna, professora ou gestora.

Temos o monstro masturbador nesta lista tríplice, que consiste naquele que está no campo do universal, cuja característica é uniforme a todos os indivíduos. Porém, é um segredo compartilhado (pois todos tem) e não comunicado (não se fala sobre). Proibido como a “masturbação”, cuja prática fere a moral. É a representação do controle e descoberta do corpo (FOUCAULT, 2011). Neste sentido, temos uma Dorina que se casa após 30 anos de idade, constitui sua família e, simultaneamente, exerce os vários papéis que se revelam em sua narrativa; se mostrando como uma mulher que conhece seu corpo e faz as escolhas que lhe convém, seja no campo sexual ou moral.

A partir dessa arqueologia da anomalia e seu tripé, bem como dos fatos que nortearam a vida de Dorina, pode-se concluir que ela é uma “desnaturalizada”; pois a sua relação consigo, com os lugares por onde passou e ocupou refletem as características do “monstro” que era. Seja por sua deficiência visual, sua infração e conhecimento de si, que revelam os monstros que a constituem. Ser uma mulher com deficiência que gere sua vida e escolhas de forma independente e pensando também de forma coletiva, certamente fere os “padrões” de normalidade aos quais nos constituímos ao longo da história da humanidade.

No campo da História Cultural, buscamos dialogar com conceito de sensibilidades discutido por Sandra Pesavento (2007) em “Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais”. Nele, a autora expõe o campo das sensibilidades como um conhecimento que perpassa a realidade, a fim de trazer uma instrumentalização e reflexão do sentir, das memórias nas entre linhas da história que nos constitui no mais íntimo. Em tela, encontramos uma mulher que a partir das experimentações que lhe envolvem e dos registros que encontramos (fontes), tem a tessitura de um olhar não biológico, mas dilatado da sua própria existência, que se revela principalmente em suas ações para consigo e com o outro.

A análise das fontes, em perspectiva de diálogo com o referencial teórico desta dissertação, nos possibilitou também compreender o papel de Dorina como uma intelectual. Neste sentido, tomamos como base o trabalho de Sirinelli (1998; 2003). Nowill apresenta-se, portanto, como uma intelectual criadora e mediadora cultural.

É criadora por que é capaz de captar os discursos que ocorriam sobre a temática da inclusão educacional em nível internacional, aliar às suas experiências sociais e traduzir isso em uma instituição, a Fundação Dorina Nowill para Cegos. Esta foi a mais expressiva de suas criações, assim como a revista *Relêvo*, a *Relevinho* e outros elementos forjados pelo seu trabalho enquanto intelectual.

Nowill é também considerada uma mediadora cultural por que no meio social, seja através da sua escrita, de sua atuação política, ou mesmo de sua vida pública e privada, atuou em prol do estabelecimento de leis e diretrizes, realizando a mediação entre a comunidade surda e os entes políticos. Temos, portanto que a garantia de direitos e a construção de um espaço para discussão de práticas inclusivas na educação não se deu de maneira naturalizada, mas sim através da atuação de sujeitos e instituições. Mediou conhecimentos, trazendo dos Estados Unidos o modelo de produção de livros em braille; E foi também uma mediadora da cultura cega desses dois países, ao passo que também figurava como elemento de intermediação entre o mundo dos videntes e não videntes.

Jean-François Sirinelli, em seu trabalho com intelectuais, aborda algumas categorias que nos possibilitam identificar os aspectos que fundam um intelectual, a partir de elementos que o constitui e legitima socialmente. Tais categorias são: itinerário, rede de sociabilidade e geração. O itinerário de Dorina se apresenta para nós como de uma mulher em constante luta e movimento, em busca de maior equidade. Perpassa um caminho que, mesmo marcado por uma deficiência, é expresso por privilégios, como o fato de ser branca, ter acesso a formação básica e superior e fazer parte de uma família detentora de recursos e influência.

Como reflexo desse itinerário, foi possível observar que a rede de sociabilidade constituída por Nowill era formada, basicamente, por colegas de turma da Escola Normal Caetano de Campos, filhas da elite paulistana, empresários, professores e políticos. Isto lhe possibilitou circular em espaços que lhe favoreceram enquanto sujeito e lhe permitiram realizações, tais como a fundação, os estudos fora do país e a ocupação de cargos e espaços que lhe conferiam respaldo e legitimidade.

Em termos geracionais, Dorina Nowill fez parte de um grupo seleto de professoras que possuíram formação voltada para atuação nos espaços públicos e educacionais. Teve contato com sujeitos que lhe possibilitaram aproximar-se de um melhor entendimento acerca da cultura

cega, dentro de suas limitações e potencialidades. Entretanto, estava circunscrita a um espaço-tempo em que tais discussões insurgiam ainda de maneira incipiente, o que lhe levou ao rompimento com determinismos de seu tempo e lhe conferiu o status de pioneira.

Temos que esta dissertação se constituiu, em termos estruturais, a partir do trabalho de Michel de Certeau em *A escrita da história*. O autor identifica três aspectos que guiaram a construção dos três capítulos desta dissertação. São eles: o lugar de fala, a prática e a escrita. Neste sentido, podemos identificar que o lugar de fala de Nowill é expresso pela sua própria vivência. Não trata-se aqui de uma intelectual que estudou a cegueira para sobre ela discutir. Mas sim de alguém que traz em seu próprio corpo, em suas memórias e vivências o que é ser uma mulher cega. O seu lugar de fala é o lugar da experiência.

Sua prática se dá a partir da própria militância e atuação em prol dos direitos e do bem-estar das pessoas cegas. Delineou-se na Fundação que leva seu nome, mas também em diversos clubes, associações, comissões e instituições das quais fez parte. Orientada, portanto, por seu lugar de fala e sua prática enquanto mulher cega, a intelectual escreve sobre suas memórias, desejos, anseios, sobre sua trajetória no campo da educação inclusiva e sobre estratégias que podem ser utilizadas por videntes ou não videntes em busca de uma sociedade mais inclusiva. A sua escrita é a escrita de si e do sensível; do que passou e do porvir.

Em “*A Ordem do discurso*”, Foucault (1996) evidencia o discurso como a explicitação do mundo, a verbalização de uma realidade na qual estamos inseridos, através do discurso. O material pode ser compreendido, interpretado, reorganizado através da palavra. O discurso é fonte de poder nas relações políticas, econômicas, sociais e pessoais. Através da problematização e análise da escrita da intelectual sobre si mesma e sobre a educação para os cegos no Brasil e no mundo, em sua autobiografia “*E eu venci assim mesmo*” (1996) e no livro “*Para quem quer ver além: lições de Dorina de Gouvêa Nowill*” (2002) de sua autoria; é notória a forma de como a intelectual vê a si mesma e o mundo ao seu redor. A lógica de sua escrita é voltada para um realismo da sua condição e dos seus pares, como do contexto que lhe cerca e onde foi constituída; inclusive entendendo seus privilégios por horas romantizados, mas não desatentos aos que estão em situação diferente da sua.

Por fim, o trajeto que nos trouxe até aqui, apresentou-nos as várias Dorinas: uma mulher com deficiência visual, professora, mãe, gestora e intelectual; da qual suas práticas e escrita, permeiam lugares e pessoas, conquistas e memórias. Não como alguém alheio a si e ao outro, mas como alguém que buscou em sua terrena existência, trazer significado para sua condição. Não uma heroína, mas como alguém que não permitiu que os carnílices do “eu” lhe parassem

na estrada que outros passariam, cada um ao seu modo e tempo, estabelecendo as construções e conexões necessárias.

Referências

- ALBUQUEQUE JR., Duval Muniz de. **Nordestino**: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940). 2o Edição. Duval Muniz de Albuquerque Júnior. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: UNESP, 1998.
- ALVES, J.E.D. **Mulheres em movimento**: voto, educação e trabalho. Ouro Preto: REM, 2003.
- BARUEL, Elisete O. S. **Fundação Dorina Nowill para Cegos**. Disponível em: <https://acervo.plannetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=698>. Acesso em: 05 nov. 2021.
- BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**. São Paulo: UNESP, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A Operação Historiográfica**. In: . A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- DESAULNIERS, Julieta Ramos. **Instituição e evolução da escolarização**. Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 6, p. 97-104, 1992.
- DEZAN, M. D. de S. **Impactos da Imigração Japonesa Sobre a Diversidade Cultural na Organização do Espaço Geográfico Piracicabano-SP**. Rio ClaroSP: Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no College de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GARACHANA, María Josefa Lopéz. Retos que enfrentam las mujeres solas em el siglo XXI, em La Igualdade no es una Utopía. Nuevas Fronteras: Avances y Desafios. **Anales del 10º Congreso Internacional e Interdisciplinar Mundos de Mujeres**. Thomson. Madrid, 2008.
- GOLOMBEK, Patrícia. **Caetano de Campos**: a escola que mudou o Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

GRUZINSKI, S. Por uma história das sensibilidades. In: PESAVENTO, S.J. **Sensibilidades na História**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: UFRGS, 2007.p. 7-21.

GUIMARÃES, Walter Soares. **Formação de professores**: Saberes, identidade e profissão. 3ªed. Papiros, 2006.

LAGRAVE, Rose-Marie. Uma emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX. In: **História das mulheres no ocidente**. O século XX. Porto: Afrontamento, 1991. v. 5.

LIBÂNIO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: _____. **Democratização da Escola Pública** – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. In: FELIPE, J. ; GOELLNER, S. V. (org.). Ed. 6. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: contexto, 1997. P.443-481.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo Nexos**: História das Instituições Educativas. São Paulo: EDUSF, 2004.

MESQUITA, Zuleika (org.). **Evangelizar e Civilizar**: Cartas de Martha Watts, 1881-1908 (versão bilíngüe). Piracicaba: Editora Unimep, 2001.

NOVAIS, M. Eliana. **Professora primária**: mestre ou tia. São Paulo: Cortez, 1984.

NOWILL, Dorina G. ... **E eu venci assim mesmo**. São Paulo: Totalidade, 1996.

NOWILL, Dorina de Gouvêa. **Para quem quer ver além**: lições de Dorina de Gouvêa Nowill. Coord. Mariana Gonzalez. São Paulo: Editora Original, 2002.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens** – 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

QUEIROZ, Luiz S. **Dorina Nowill**: Um relato de luta pela inclusão social dos cegos. São Paulo: Fundação Dorina Nowill, 2011.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

ROSENWEIN, Barbara H. **História das emoções: problemas e métodos**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

SAFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SANTOS, Boaventura de Souza (org.) **Democratizar a democracia – Os caminhos da democracia participativa**. Porto: Afrontamento, 2003.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. **Educação inclusiva: por uma escola sem exclusões**. São Paulo: Paulinas, 2014.

SIRINELLI, Jean-François. **As elites culturais**. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa. p.259-279. 1998.

SIRINELLI, Jean-François. **Os intelectuais**. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*: Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 2003.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. *Uma maldita massa de concreto: as metáforas do câncer e as ressonâncias de um corpo deformado*. In.: SOARES JÚNIOR, A. S. ; ANDRADE, V. G. (Org.). **Escritas do sensível: experiência, história cultural e práticas educativas**. ed. João Pessoa: Ideia, 2018. v. 1. 277 p.

SOUZA, Catarina Shin de. **Música e inclusão: necessidades educacionais especiais ou necessidades profissionais especiais?** / Catarina Shin Lima de Souza. *Dissertação de mestrado* - Salvador-BA, 2010. 157 f.

SOUZA, Henrique Castriciano de. **A educação da mulher no Brasil**. Natal: Sebo Vermelho, 1993.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Tempos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo; (1890-1910)**. São Paulo, SP, Fundação Editora da Universidade Estadual Paulista, 1998.